

Ana Rita Lopes Rebelo Peres

# Adaptação do Instrumento “Perceptions of Adult Attachment Questionnaire” – PAAQ

Teste das Qualidades Psicométricas

Dissertação de Mestrado apresentado na Universidade Lusófona do Porto para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde.

**Orientador Científico:** Professora Doutora Joana Cabral (Universidade Lusófona do Porto)

**Universidade Lusófona do Porto**

**Faculdade de Psicologia**

**Porto**

**2013**

## DEDICATÓRIA

A ti, por quem espero pacientemente...  
À minha família que são o meu *aconchego*...

*“Um dia a areia branca  
Teus pés irão tocar  
E vai molhar seus cabelos  
A água azul do mar  
Janelas e portas vão se abrir  
Pra ver você chegar  
E ao se sentir em casa  
Sorrindo vai chorar  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Uma história pra contar  
De um mundo tão distante  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Um soluço e a vontade  
De ficar mais um instante  
As luzes e o colorido  
Que você vê agora  
Nas ruas por onde anda  
Na casa onde mora  
Você olha tudo e nada  
Lhe faz ficar contente  
Você só deseja agora  
Voltar pra sua gente  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Uma história pra contar  
De um mundo tão distante  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Um soluço e a vontade  
De ficar mais um instante  
Você anda pela tarde  
E o seu olhar tristonho  
Deixa sangrar no peito  
Uma saudade, um sonho  
Um dia vou ver você  
Chegando num sorriso  
Pisando a areia branca  
Que é seu paraíso  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Uma história pra contar  
De um mundo tão distante  
Debaixo dos caracóis dos seus cabelos  
Um soluço e a vontade  
De ficar mais um instante.”*

Caetano Veloso

## AGRADECIMENTOS

*Aqueles que passam por nós não vão sós. Deixam um pouco de si e levam um pouco de nós.*

Antoine de Saint-Exupéry, 1943

Porque cada pessoa que contribuiu para esta investigação, deixou um pouco de si mesma, pretendo exprimir os meus agradecimentos a todas aquelas que possibilitaram a concretização desta investigação e que direta ou indiretamente contribuíram para o meu crescimento pessoal e profissional.

Começo por prestar a minha gratidão para com a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Joana Cabral, minha orientadora científica. A ela um “muito obrigada” pela transmissão de conhecimentos, pela exigência, pelos ensinamentos imprescindíveis para a investigação na área da psicologia e pela compreensão e apoio quando assuntos pessoais interferiram na elaboração desta dissertação.

Uma vez que a presente investigação implica a revisão da tradução do questionário de inglês para português, por parte de duas especialistas na área, queria desta forma agradecer particularmente à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paula Mena Matos e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mariana Moura Ramos por terem contribuído com as suas opiniões para a versão final do PAAQ.

II

Uma investigação não pode ser efetuada sem participantes e como tal pretendo prestar a minha homenagem ao Prof. Dr. Rogério Matias, docente na Escola Superior de Gestão do Instituto Politécnico de Viseu e à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Célia Ribeiro docente na Universidade Católica Portuguesa de Viseu, por terem sido o *alicerce* para aplicação do protocolo de investigação nas instituições onde exercem funções. Foram realmente excecionais com a sua amabilidade e profissionalismo o que levou a uma participação em massa quer dos docentes, quer dos alunos. Nesta linha de pensamento não posso deixar de referir uma palavra muito especial para todos os jovens adultos que participaram no presente estudo. A todos eles um “muito obrigada” por contribuírem para o desenvolvimento da investigação em psicologia, pois sem eles esta e outras investigações, não seriam possíveis. Agradeço ainda a todos os docentes universitários que amavelmente forneceram parte das suas aulas para aplicação do protocolo junto dos seus alunos.

Um agradecimento muito especial às minhas colegas de equipa de investigação, em especial à Ana Marinho e Fernanda Cunha, por toda a dedicação à equipa e a este trabalho de investigação.

Não poderia deixar de agradecer ao grupo de alunos de Viseu e aos alunos da Universidade Lusófona do Porto que participaram voluntariamente na reflexão falada.

***O que quer dizer cativar?***

***É uma coisa muito esquecida, disse a raposa.***

***Significa criar laços.***

Antoine de Saint-Exupéry, 1943

Esta investigação, tendo como temática central a vinculação, não poderia deixar de “cativar” algumas das pessoas com quem tenho laços importantes para mim enquanto pessoa.

À Anabela minha amiga e minha companheira de trabalho. O que eu sou, em termos profissionais devo a ela. Ela é o meu guia, a minha luz para querer ser mais e melhor. À Cláudia, a “catraia” minha amiga que foi e continua a ser uma agradável surpresa.

Por fim, e não menos importante, agradeço à minha família e aos meus amigos. Eles estão sempre lá... são o *porto seguro* que me guia até à concretização dos meus objetivos. A cada um deixo uma palavra especial. Ao meu pai por ser a pessoa que sempre me transmitiu valores importantes na vida, nomeadamente o da aprendizagem e do conhecimento e talvez por isso esteja hoje aqui neste percurso académico de investigação. À minha mãe por ser aquilo que é: minha amiga, minha confidente, minha diversão, minha felicidade e minha “mais que tudo”. É quem me acalma nos momentos mais stressantes. Aos meus irmãos, por terem participado no estudo como voluntários e pelas ajudas e opiniões, em momentos informais, que foram fornecendo acerca da tradução do PAAQ, uma vez que eles têm a faixa etária pretendida para a adaptação do instrumento. A eles que são pessoas que são a minha vida deixo estas palavras de apreço. À minha cunhada Joana agradeço também a ajuda preciosa na inserção dos dados em SPSS.

A Ti Miguel, meu amor... nem tenho palavras capazes de retribuir tudo aquilo que fazes por mim... Obrigada pela companhia nas viagens, obrigada pelas horas em que esperaste que eu saísse das aulas, obrigada pela ajuda da inserção dos dados em SPSS, obrigado por fazeres com que esse processo de inserção de dados fosse mais divertido, obrigada por me aturares nos momentos em que tudo parecia tão difícil, obrigada pelas horas de companhia da minha parte que abdicaste, obrigada por seres um companheiro da vida e para a vida. Sem ti tudo seria muito mais difícil de alcançar. Eu, Tu e Nós... simplesmente Nós... a força que me move.

## RESUMO

Este estudo teve como principal objetivo a adaptação e respetiva análise das qualidades psicométricas de um instrumento de auto-relato – PAAQ (Perceptions of Adult Attachment Questionnaire, Lichtenstein & Cassidy, 1991) - que pretende avaliar as perceções dos adultos ou jovens adultos acerca das suas experiências precoces de vinculação e respetivas influências nas representações atuais acerca da mesma. Este instrumento foi aplicado a uma população de jovens adultos (N = 601), maioritariamente universitários, das zonas do Porto e de Viseu, em conjunto com outros instrumentos que serviram de base para o estudo da validade de construto do PAAQ. Os resultados obtidos, através da análise fatorial exploratória apontam para a existência de 8 fatores e/ou dimensões (tal como na versão original): Rejeição, Amor e Inversão de Papéis (dimensões relativas às perceções de experiências precoces de vinculação); Integração da Experiência Negativa, Desvalorização e Sem Memória (dimensões relativas à representação atual da vinculação) e Raiva e Vulnerabilidade (dimensões relativas às consequências emocionais atuais).

As análises estatísticas efetuadas (análise à sensibilidade dos itens, análise fatorial exploratória, análise da consistência interna, análises de correlação) asseguram que, apesar da necessidade de alguns ajustes e de mais estudos, o PAAQ apresenta qualidades psicométricas adequadas, estáveis e coerentes para que possa vir a constituir um instrumento fiável e válido para avaliar as representações das experiências de vinculação precoce e atuais, na jovem adultícia e adultícia.

**Palavras- chave:** vinculação, experiências precoces, representação atual da vinculação.

## ABSTRACT

This study aimed to adapt and examine the psychometric properties of an instrument of self-report - PAAQ (Perceptions of Adult Attachment Questionnaire, Lichtenstein & Cassidy, 1991) that aims to assess the perceptions of adults about their early experiences of attachment experiences and their respective impact on current states of mind regarding attachment. This instrument was administered to a sample of young adults (N = 601), most of them university students, from the areas of Porto and Viseu. Other measures were also used in order to conduct the necessary analyzes for the test of construct validity.

The results obtained by factor analysis indicated the existence of eight factors and/or dimensions (as in the original): Rejection, Love and Role Reversal (dimensions concerning perceptions of early experiences of attachment); Integration of Negative Experience and Without Memory Impairment (dimensions inherent to the current state of the link) and Anger and Vulnerability (referring to relational consequences of current experience).

The statistical analyzes performed (sensitivity of items, EFA, internal consistency analysis, correlation analysis) ensure that despite the need for some adjustments and further studies, the PAAQ presents adequate psychometric qualities, stable and consistent for that may be one reliable and valid instrument to assess the dimensions of attachment in young adulthood and adulthood.

V

---

**Keywords:** attachment, early experiences, attachment current state of mind.

## SIGLAS

AAI – Adult Attachment Questionnaire

PAAQ – Perceptions of Adult Attachment Questionnaire

ASCT – Attachment Story Completion Task

AQS – Attachment Behavior Q-Set

RQ – Relationship Questionnaire

QVA – Questionário de Vinculação Amorosa

ACE – Questionário de História de Vida da Infância

QVPM – Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe

AAQ – Adult Attachment Questionnaire

AAS – Adult Attachment Scale

AQS – Attachment Style Questionnaire

ECR – Experiences in close Relationship Scale

AHQ – Attachment History Questionnaire

RSQ – Relationship Styles Questionnaire

IPPA – Inventory of Parent and Peer Attachment

RAQA – Reciprocal and Avoidant Attachment Questionnaires for Adult

MFP – Mother-Father Peerscale

UCP – Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional das Beiras

IPV – Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viseu

ULP – Universidade Lusófona do Porto

QSD – Questionário Sociodemográfico

EVA – Escala de Vinculação do Adulto

PAG – Perturbação de Ansiedade Generalizada

ITC – International Test Commission

AFE – Análise Fatorial Exploratória

KMO – *Kaiser-Meyer-Olkin*

# INDICE

Introdução.....	1
Capítulo I – Definição de vinculação e conceitos relacionados .....	4
1. Sistema comportamental de vinculação.....	4
2. Relação e Figura de vinculação.....	5
3. Modelos Internos Dinâmicos e Dimensão Representacional da Vinculação .....	9
Capítulo II – Vinculação ao longo do Ciclo Vital .....	16
1. A estabilidade/continuidade ao longo do Ciclo de Vida e importância das figuras de vinculação.....	16
2. Implicações da vinculação para o desenvolvimento e adaptação psicossocial e emocional .....	22
Capítulo III – Avaliação da Vinculação.....	26
1. Infância.....	26
2. Adolescência, Jovem adultícia e Adultícia .....	28
Capítulo IV – Método .....	37
1. Objetivos do estudo .....	37
2. Participantes.....	37
3. Procedimento .....	39
4. Instrumentos.....	39
5. Procedimentos de tradução e adaptação do Perceptions of Adult Attachment Questionnaire (PAAQ; Lichtenstein & Cassidy, 1991).....	45
Capítulo V – Resultados .....	49
1. Sensibilidade dos Itens.....	49
2. Análise Fatorial Exploratória .....	51
3. Análise da consistência interna.....	55
4. Validade de construto .....	59
Capítulo VI – Discussão dos Resultados .....	66
Conclusão.....	74
Referências Bibliográficas .....	77
Anexos .....	82



## ÍNDICE DE FIGURAS E TABELAS

### Figuras

Figura 1 - Modelo dos 4 quadrantes da vinculação (adaptação de Bartholomew & Horowitz, 1991) e diagrama das dimensões sugeridas pelo modelo (adaptado de Bartholomew, 1990, <i>cit. in</i> Mikulincer & Shaver, 2007). ....	14
Figura 2 - Modelo de ativação e de funcionamento do sistema de vinculação na adultícia (adaptado de Mikulincer & Shaver, 2007) .....	21
Figura 3 - Histogramas da distribuição dos itens 11 e 16 da parte I pela escala de resposta.....	50
Figura 4- Esquema da estrutura fatorial do PAAQ no presente estudo (N = 601). ....	53

### Tabelas

Tabela 1 - Correlação inter-escala de <i>Spearman</i> e valores da consistência interna (alfas de Cronbach). ....	57
Tabela 2 - Correlação entre as Dimensões do PAAQ e as Dimensões do QVPM.....	61
Tabela 3 - Correlação entre as dimensões do PAAQ e as dimensões do QVA.....	63
Tabela 4 - Correlações de <i>Spearman</i> entre as Dimensões do PAAQ e Dimensões do ACE. ....	64
Tabela 5 - Comparação de índices de consistência interna ( $\alpha$ de Cronbach) das dimensões do PAAQ, nos vários estudos efetuados com o instrumento.....	67

## INTRODUÇÃO

Nos últimos anos os estudos acerca da vinculação têm crescido de uma forma exponencial principalmente por este ser um construto que pode assumir muitas vertentes; podendo ser estudado tendo em conta: a etapa do ciclo vital (infância, adolescência, jovem adultícia e adultícia), a relação com diferentes figuras de vinculação (pai, mãe, par romântico, amigos), a forma como a vinculação precoce e/ou na infância interfere no bem-estar psicológico futuro (psicopatologia e saúde mental), as consequências da privação de vinculação em crianças institucionalizadas e/ou adotadas, entre outras. São várias as metodologias de avaliação da vinculação, sendo a sua aplicação dependente da faixa etária - entrevistas, instrumentos de auto-relato ou narrativas – o que permite perceber a imensidão de investigações que podem ser efetuadas em torno deste construto. Devido à sua abrangência e vastidão a vinculação assume-se como um construto complexo de estudar.

Não poderíamos abordar o tema da vinculação sem referir aquele que foi o pioneiro nas investigações acerca deste construto tão complexo e fascinante: John Bowlby. As suas investigações sobre a temática permitiram a existência de determinados direitos como, por exemplo, a licença de maternidade/paternidade e o facto de os progenitores terem autorização para permanecer nos hospitais quando as crianças se encontram internadas. Bowlby (1988 *cit. in* Soares, Martins & Terreno, 2007), nas suas investigações, observou crianças ao longo de vários anos e concluiu que o facto de estas crianças serem privadas de cuidados parentais teve consequências negativas, perturbando o seu desenvolvimento considerando que a separação da figura materna estaria na génese de perturbações psiquiátricas.

Existem duas ideias cruciais na teoria da vinculação, uma designada de “normativa” e outra relacionada com as diferenças individuais. A primeira aborda os aspetos normativos do funcionamento do sistema comportamental de vinculação (e que de certo modo pode ser observado em todas as pessoas), enquanto a segunda diz respeito às diferenças inerentes à ativação e à operação do sistema comportamental de vinculação (Mikulincer & Shaver, 2007), as quais iremos abordar neste trabalho.

Após este breve enquadramento teórico, clarificamos de seguida o objetivo principal desta investigação. Este trabalho tem como objetivo proceder à adaptação para a população portuguesa, mais especificamente para a população de jovens adultos, de um questionário de auto-relato destinado a avaliar as percepções acerca das experiências precoces de vinculação, bem como o impacto que estas tiveram/têm no estado atual relativo à vinculação.

Na opção pela realização deste trabalho de investigação destaca-se o interesse pessoal por esta temática e pela população alvo. Para além disso, um psicólogo que se dedique a trabalhar com jovens adultos ou sobre o construto da vinculação rapidamente percebe que, no nosso país, apesar de existirem vários instrumentos que têm como objetivo avaliar a vinculação - uns avaliam a vinculação amorosa, outros a vinculação atual aos pais, outros a vinculação aos pares - encontrar um instrumento capaz de avaliar as percepções dos jovens adultos face a experiências precoces com as figuras de vinculação é difícil uma vez que estes instrumentos são escassos. Assim, pretendemos adaptar e testar as qualidades psicométricas do "Perceptions of Adult Attachment Questionnaire - PAAQ" (Lichtenstein & Cassidy, 1991). O único instrumento semelhante, adaptado à população portuguesa é a *Adult Attachment Interview* (Soares, 2007), mas este é em formato de entrevista e, como tal, muito mais moroso quer em termos de aplicação e cotação, quer de interpretação. Por outro lado, a AAI não fornece os mesmos resultados que o PAAQ, uma vez que dela não surgem indicadores da qualidade/perceção das experiências precoces de vinculação. Os resultados da AAI classificam os sujeitos em padrões de vinculação em função das suas respostas.

Os instrumentos devidamente adaptados e validados constituem uma mais-valia, quer para a prática clínica quer para a investigação, com a população de jovens adultos, permitindo promover a intervenção junto desta mesma população. A existência de um instrumento que permita avaliar as percepções acerca das experiências precoces e respetivas consequências na atualidade poderá ser uma ferramenta crucial na investigação da vinculação, daí a importância da adaptação deste instrumento. O mesmo poderá fornecer informações importantes para o psicólogo sobre um paciente que esteja em intervenção psicoterapêutica, por exemplo.

A presente dissertação encontra-se dividida em seis capítulos que constituem duas partes, uma de índole teórica e outra de carácter empírico. A parte teórica é constituída por uma revisão da literatura, funcionando como ponto de referência para a elaboração da segunda parte da presente investigação, que está relacionada com os procedimentos metodológicos adotados.

A primeira parte encontra-se dividida em três capítulos. O primeiro está relacionado com os aspetos centrais da teoria da vinculação, abordando conceitos como: sistema comportamental de vinculação, a importância das figuras de vinculação e relação estabelecida com estas e, finalmente, é abordado o conceito de modelos internos dinâmicos. No segundo capítulo debatem-se as questões inerentes à estabilidade e continuidade da vinculação ao longo do ciclo vital. É ainda esclarecida a importância das figuras de vinculação na jovem adultícia e idade adulta, uma vez que a adaptação do PAAQ foi direcionada para esta faixa etária. Este capítulo é finalizado com uma

abordagem das implicações da vinculação no desenvolvimento e adaptação psicossocial e emocional. O terceiro e último capítulo da primeira parte desta dissertação é destinado à avaliação da vinculação nas várias etapas do ciclo vital - infância, adolescência, jovem adultícia e idade adulta, onde consta uma revisão dos instrumentos comumente mais utilizados.

A segunda parte deste trabalho diz respeito à parte empírica, subdividida em três capítulos. Pretende abordar os passos metodológicos utilizados no decorrer da tradução/adaptação e do teste das qualidades psicométricas do PAAQ. No quarto capítulo são apresentados os objetivos do estudo e toda a metodologia inerente aos procedimentos gerais e específicos da dissertação, são descritos os instrumentos utilizados e termina-se com a descrição do instrumento que pretendemos traduzir/adaptar. No quinto capítulo são abordados os primeiros estudos de análises de das qualidades psicométricas do instrumento: sensibilidade dos itens, consistência interna, análise fatorial exploratória e correlações com outros instrumentos. A análise e interpretação de todos estes dados é apresentada, no capítulo sexto, onde se discutem os resultados obtidos no presente estudo, comparando-os com outros já efetuados. Esta discussão culmina com as potencialidades, limitações e sugestões para investigações futuras a desenvolver.

Finalmente, são apresentadas as conclusões gerais da investigação, expectantes que as mesmas sejam importantes para a elaboração de outras investigações mais profundas, na esfera da vinculação na jovem adultícia e idade adulta.

## CAPÍTULO I – DEFINIÇÃO DE VINCULAÇÃO E CONCEITOS RELACIONADOS

Neste primeiro capítulo serão abordadas as questões centrais relativas à teoria da vinculação. É nossa intenção definir e clarificar conceitos e aspetos *chave* como: sistema comportamental de vinculação, a importância da relação com a figura de vinculação, modelos internos dinâmicos e dimensão representacional da vinculação.

### 1. SISTEMA COMPORTAMENTAL DE VINCULAÇÃO

O sistema comportamental de vinculação é um construto central na teoria da vinculação e Bowlby (1950 *cit. in* Stevenson-Hind, 2007; Crowell, Fraley, & Shaver, 2008) postulou a sua existência definindo-o como um sistema motivacional que surge, independentemente de outros sistemas, tais como fome ou sexo, mas que pode interagir com outros sistemas. A ativação do sistema comportamental do medo, origina a ativação do sistema comportamental de vinculação, que por sua vez desativa o sistema comportamental de exploração. Bowlby (1969/91 *cit. in* Matos, 2002) refere ainda que o sistema comportamental de vinculação destina-se a regular a predisposição inata do ser humano para a criação de laços emocionais, nomeadamente entre o bebé e a figura cuidadora, uma vez que é um sistema comportamental que possui como função biológica específica: proporcionar proteção face a situações adversas. A função biológica da vinculação é proteger a pessoa dos perigos, especialmente durante a sua infância, e assegurar que tem alguém próximo que a apoie (figura de vinculação) especialmente nessas situações (Mikulincer & Shaver, 2007). Em suma, o sistema de vinculação tem o objetivo de promover a segurança na infância através da relação da criança com uma figura de vinculação (Bowlby, 1969/1982 *cit. in* Crowell *et. al.*, 2008).

A sobrevivência da nossa espécie depende, portanto, da existência deste sistema inato que tem como fim a proteção, uma vez que a espécie humana nasce incapaz de ser auto-subsistente. O conceito de *imprinting* (Bowlby, 1969/1978 *cit. in* Cabral, 2011) refere que os comportamentos de vinculação envolvem uma propensão inata que prevê uma rápida aprendizagem sempre que é necessário adotar comportamentos imprescindíveis à sobrevivência. Ainda na mesma linha de pensamento, Soares (2007, p. 28) afirma que o sistema comportamental da vinculação é o “equipamento comportamental que é constituído por um certo número de respostas instintivas ou padrões de comportamento específico da espécie”.

Sob o ponto de vista comportamental, o sistema comportamental de vinculação pode ser definido como o conjunto variado de comportamentos manifestados através da procura de proximidade dirigida a uma determinada figura. Portanto, é este sistema que

regula a relação de vinculação e o seu funcionamento tem como objetivo fulcral manter o equilíbrio entre os comportamentos de vinculação e os comportamentos de exploração do meio envolvente (Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Bost, 2008). O funcionamento do *sistema de controlo* da vinculação é definido como “*fenómeno de base segura*”, e este tem influência na organização dos comportamentos, dos afetos e das cognições. Esta influência terá consequências quer nas relações atuais, quer nas relações futuras (Watters & Cummings, 2000 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008). Ele envolve, para além dos comportamentos, componentes cognitivas e emocionais, pelo que está permanentemente em ação, embora existam variações no que diz respeito à sua intensidade, pois é este sistema que determina a escolha, a ativação, bem como a desativação das sequências comportamentais efetuadas para atingir determinados objetivos. É ativado através de certos estímulos ou situações específicas – e.g., barulho, escuro, presença de um estranho - sendo *desativado* através de estímulos contrários – suporte e proteção emocional (Mikulincer & Shaver, 2007; Soares, 2007).

Tendo como referência a componente normativa, o sistema comportamental de vinculação determina a escolha, a ativação e *desativação*<sup>1</sup> das sequências comportamentais que visam atingir determinados objetivos, tal como já referimos anteriormente. O sistema de vinculação nunca se desativa, está sempre ativado, embora com intensidades distintas. Quando a criança se encontra mais tranquila, não procura a figura de vinculação e este sistema ativa de uma forma mais intensa sempre que a criança está perante uma situação de perigo. (Soares, 2007). No caso dos adultos o sistema de vinculação continua ativo, embora com outras especificidades, como veremos mais adiante.

O funcionamento do sistema de vinculação depende da *responsividade* dos outros (cuidadores), pelo que a qualidade das interações estabelecidas com as figuras de vinculação é, de acordo com a teoria da vinculação, o maior alicerce para justificar as diferenças individuais da função deste sistema (Mikulincer & Shaver, 2007).

## 2. RELAÇÃO E FIGURA DE VINCULAÇÃO

Freud (1940/1963 *cit. in* Cassidy & Shaver, 2008, p. 265) afirmou que a “relação mãe-bebé é única, sem paralelo, estabelecida inalteravelmente para toda a vida como o primeiro e o mais forte objeto amoroso e como protótipo de todas as relações amorosas posteriores”. Stevenson-Hinde (2007), num artigo escrito no centenário de aniversário de Bowlby, refere que o termo vinculação é usado para descrever a ligação emocional para

---

<sup>1</sup> Utilizamos a expressão desativado no sentido não literal, uma vez que o sistema comportamental de vinculação nunca está totalmente inativo.

com uma pessoa, normalmente percebida como mais velha ou mais sábia (mãe ou pai). Para este autor existem, sem dúvida, outros tipos de ligações mas que não devem ser definidas como vinculação, para que haja alguma precisão na distinção dos termos. Uma relação de vinculação é *psicologicamente* definida naquilo a que Bowlby (1969/1982 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) chama de “laço afetivo” especificamente usado para definir a relação com uma pessoa mais sábia e mais forte. Bowlby (1969, 1982 *cit. in* Monteiro, 2007) define vinculação como sendo um forte laço afetivo que se estabelece por volta dos 7 - 8 meses de idade e que une a criança a uma ou mais figuras que considera estáveis e únicas na sua vida.

A relação de vinculação desenvolve-se ao longo do tempo, através de sucessivas interações que acontecem num contexto específico de prestação de cuidados. Essas interações possuem um grau mínimo quer de continuidade, quer de consistência. Assim, embora esteja “envolvida por uma forte componente de ligação afetiva, uma relação de vinculação é mais do que uma relação entre duas pessoas que nutrem afecto mútuo” (Cabral, 2011, p. 21).

Uma relação de vinculação é uma relação específica e única e para que assim seja definida, é necessário que existam quatro componentes fundamentais:

1. A procura de proximidade: a vontade de manter-se próximo(a) da figura de vinculação; é a *peça fulcral* da função evolutiva da vinculação. Manifesta-se através de comportamentos que se vão estruturando em hierarquias complexas e que progressivamente vão adquirindo um carácter simbólico. A comunicação da necessidade de proximidade varia consoante o desenvolvimento do indivíduo (o bebé chora, a criança chama pela figura de vinculação,...). Nos adultos a proximidade que vai reestabelecer a segurança é, frequentemente, alcançada através do acesso à representação mental da figura de vinculação (Mikulincer & Shaver, 2007).
2. O *porto seguro* (“*safe haven*”): relacionado com a vivência de ser consolado em situações ameaçadoras ou de vulnerabilidade e face a acontecimentos que possam pôr em causa a estabilidade emocional e psicológica. Portanto, o que decorre destas experiências está na base da constituição de uma *base segura*; (Ainsworth *et al.*, 1978; Cassidy, 1994; Fonagy, Steele, Steele Moran, & Higgitt, 1991; Main & Solomon, 1990 *cit. in* Cabral, 2011).
3. O protesto de separação: vivência de ansiedade e/ou insegurança perante a ameaça de ausência ou ausência propriamente dita da figura de vinculação. O protesto tem como função manter a figura de vinculação próxima, para que desta forma se possa assegurar a proteção da criança.

4. Base segura: importante para a articulação entre os sistemas de vinculação e de exploração. A base segura depende da qualidade das interações estabelecidas com a figura de vinculação. Se esta se mostra disponível e acessível a criança desenvolverá um sentido de confiança. Esta confiança relativa à acessibilidade da figura de vinculação, aos poucos, estender-se-á para um sentido de competência de exploração autónoma do contexto ambiental (Ainsworth, 1985; Bowlby, 1969/1978, 1973/1978, 1988; Weiss, 1991 *cit. in* Cabral, 2011).

Para uma maior clarificação Weiss (1998 *cit. in* Milkulincer & Shaver) distingue vinculação de afiliação. Uma interação de vinculação verifica-se quando uma pessoa é ameaçada ou quando se sente angustiada e procura conforto e suporte noutra pessoa. Uma interação de afiliação é aquela em que ambas as pessoas se encontram de bom humor, não se sentem ameaçadas e têm como objetivo aproveitarem bons momentos juntas ou partilharem interesses em comum. Segundo a teoria da vinculação a maioria de nós, em criança, estabelece vinculações com os progenitores, no entanto, isso nada nos diz acerca da qualidade das mesmas. A qualidade dos laços emocionais que vão sendo estabelecidos entre os pais e os filhos dependem em grande parte da natureza das interações que são estabelecidas na dinâmica familiar. As crianças que crescem num ambiente familiar estável e previsível têm maior probabilidade de desenvolver uma vinculação segura com os seus cuidadores (Matos, 2002).

Foram abordadas até aqui, questões relativas à relação de vinculação. De seguida, passaremos a descrever aspetos relevantes acerca das figuras de vinculação.

As figuras de vinculação não são apenas caracterizadas por estabelecerem relações próximas com os parceiros e tem características únicas importantes de clarificar. Além disso, nem todas as interações com as figuras de vinculação são efetivamente interações de vinculação. A título de exemplo: jogar ténis com a figura de vinculação não é o mesmo que confiar nela para proteção e conforto em situações de aflição.

A figura de vinculação é, para Cabral (2011), uma (qualquer) figura cuidadora que, devido a motivações de caráter biológico ou de outra essência, assume uma função na prestação continuada de cuidados. A acessibilidade e disponibilidade da relação que esta figura estabelece com a criança irá definir se esta se tornará ou não a figura de vinculação da mesma. As figuras de vinculação não são apenas parceiras num relacionamento, são pessoas especiais a quem se recorre quando se necessita de apoio e proteção.

É habitual associar o termo figura de vinculação à mãe, mas desde os primeiros estudos efetuados que, tanto Bowlby (1969/1982 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008) como Ainsworth (1967 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008) admitem que grande parte das crianças,



durante o primeiro ano de vida, também se encontram vinculadas a outras figuras, nomeadamente e principalmente ao pai.

A maioria das pesquisas nesta área tem sido efetuada com as mães, embora trabalhos recentes sugiram que existem para os pais padrões similares (Allen *et al.*, 2007; Mikulincer & Shaver, 2007). Contudo, assume-se que existem diferenças, uma vez que a criança revela tendência para preferir uma figura de vinculação, existindo, portanto, uma espécie de hierarquia. Por outras palavras, a criança tem, tendencialmente, uma preferência perante uma figura que assumirá o primeiro lugar na hierarquia e outras que assumem os lugares seguintes. Bowlby (1969/1982, 2002 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008) considera que a mãe é vista como a principal figura e o pai assume o papel de parceiro nas atividades de caráter lúdico. O pai tem também um papel ao nível do suporte financeiro e de apoio emocional à mãe, ajudando-a a construir um ambiente benéfico ao desenvolvimento do bebé (Bowlby, 2002 *cit. in* Maia & Veríssimo, 2011).

Na sociedade atual o paradigma começa a sofrer modificações e espera-se que os pais participem de uma forma mais ativa e de modo mais igualitário na vida dos filhos, nomeadamente nas tarefas de organização e cuidados que, comumente se encontravam mais associados às interações maternas, (Lamb & Lewis, 2004; Parke, 1996 *cit. in* Maia, 2011). Num estudo português (Monteiro & Veríssimo, 2007) em que participaram 56 famílias de crianças com idades compreendidas entre os 2 anos e meio e os 3 anos de idade, em que foram analisadas as interações entre as díades mãe/criança e pai/criança (em separado), através de visitas domiciliárias, concluiu-se que os dados vão ao encontro do que é descrito na literatura, sendo que tanto a mãe, como o pai, constituem uma base segura para os seus filhos, apresentando, contudo, algumas diferenças nos seus estilos de interação (Lamb, 1977; Lamb & Lewis, 2004; Lewis & Lamb, 2003 *cit. in* Monteiro & Veríssimo, 2007). No estudo a que nos reportamos foram encontrados valores médios de segurança à mãe e ao pai, revelando a não existência de diferenças significativas. Neste âmbito a literatura (Gleason, 1975; Tomasello, Ramsden, & Ewert, 1990 *cit. in* Maia, 2011) tem vindo a questionar se o pai é uma figura com um papel fundamental no processo de socialização da criança. Um aspeto merecedor de atenção num estudo português baseado em narrativas, através da aplicação do *Attachment Behavior Q-Set* (Waters, 1995 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008) é o facto de que a produção narrativa paterna, elaborada pela participação da criança na tarefa, ter evidenciado uma associação significativa com a segurança das representações de vinculação emergentes.

Estudos revelam que existe uma associação entre a sensibilidade paterna e a segurança da vinculação criança/pai, porém, esta associação é mais fraca quando

comparada com a encontrada no caso da sensibilidade materna (van IJzendoorn & De Wolff, 1997 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008).

Em síntese, na teoria da vinculação uma relação de vinculação assume um carácter muito específico e único, tal como se sucede com a figura de vinculação.

### **3. MODELOS INTERNOS DINÂMICOS E DIMENSÃO REPRESENTACIONAL DA VINCULAÇÃO**

Bowlby (1988 *cit. in* Maia & Veríssimo, 2011) introduziu o termo “*modelos internos dinâmicos* “. Afirma que se constroem durante os primeiros anos de vida e definiu-os como sendo representações mentais, na maioria das vezes estáveis, mas que variam na amplitude em que vão sendo acessíveis à consciência, orientando o sujeito em relação à percepção subjetiva da experiência interpessoal. Esta é feita através da repetição de experiências com significado emocional que o sujeito experiencia com os seus principais cuidadores. É um conceito que nos remete para “estruturas de *armazenamento* de informação subjetiva e abstrata acerca das experiências com as figuras de vinculação” (Cabral, 2011, p. 35). Crowell e colaboradores (2008, p. 602) referem-se a este conceito defendendo que são “estruturas cognitivo-afetivas” que se desenvolvem e como “reflexo” (“mirror”) de “padrões comportamentais”, sendo designados de *modelos dinâmicos* por serem a base para a ação em situações relacionadas com a vinculação, e por serem passíveis de revisão (são passíveis de ser questionados) em função de experiências significativas relacionadas com a vinculação.

Estes *modelos internos dinâmicos* vão sendo constituídos ao longo do tempo e “permitem ao sujeito tomar decisões sobre os seus comportamentos de vinculação face a uma figura particular, antecipar o futuro e fazer planos e, deste modo, permite-lhe operar mais eficientemente” (Soares, 2007, p. 33). Estes modelos envolvem expectativas e representações acerca da figura de vinculação e acerca do *self*, assumindo, por outro lado, um papel de extrema importância na medida em que permitem que se possa antecipar e interpretar os comportamentos da criança, tendo em consideração que eles próprios influenciam a sua ação (Matos, 2002). Ou seja, a expressão *dinâmicos* leva-nos também a perceber que estes modelos são constantemente *consultados* cognitivamente por parte dos sujeitos, de forma a prever as respostas daqueles com quem desenvolvemos relações emocionais significativas, para que seja possível gerir o comportamento, de um modo adequado para com os nossos objetivos, face a essas figuras e para que seja possível perceber o que se pode esperar delas (Cabral, 2011). Então, “o seu carácter dinâmico está assim inerente à sua activação e actuação continuadas em situações de interacção e construção de significados acerca do mundo social” (Cabral, 2011, p. 35). Apesar de tendencialmente resistirem à mudança (Matos,

2002), o termo “dinâmicos” surge porque os modelos permitem uma espécie de “simulação” mental e previsão de resultados prováveis de comportamentos de vinculação (eles proporcionam dinâmica como resultado do ajustamento e de representações sensíveis ao contexto de situações sociais complexas) e porque os modelos são provisórios, ou seja, são suscetíveis de serem reformulados e de sofrerem alterações (Bowlby, 1969/1982, 1973 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007).

Bowlby (1969/1991 *cit. in* Matos, 2002) prefere o conceito de *modelos* em detrimento de *mapas*. Segundo ele, noção de mapa não traduz a essência do processo de conhecimento do meio e de si próprio, porque apela para uma “representação estática da topografia” (Matos, 2002, p. 37). Por outro lado, o termo *modelos* apela para possibilidade da existência de transformações e alterações dos *modelos internos dinâmicos*, provenientes das relações que o indivíduo estabelece com o meio e através desta relação eles podem ser reorganizados, essencialmente, devido às experiências estabelecidas (Matos, 2002).

Os *modelos internos dinâmicos* acabam por ajustar o comportamento de vinculação e a relação com as figuras de vinculação uma vez que devido a eles, o sujeito consegue antecipar as respostas das figuras de vinculação face às suas necessidades. Assim, estes modelos estão *impregnados* de conteúdos, entre os quais: informação autobiográfica; extratos de memória episódica relativa a vivências de vinculação; esquemas de significados do comportamento pessoal e dos outros; crenças, atitudes e expectativas em relação aos outros e em relação ao próprio *self*; objetivos e necessidades relacionadas com a vinculação e, por fim, estratégias e planos capazes de alcançar os objetivos (Bretherton & Munholland, 2008; Collins & Read, 1999; Collins, Guichard, Ford, & Fenney, 2004 *cit. in* Cabral, 2011).

De seguida passaremos a explicitar alguns aspetos inerentes aos estudos que conduziram à definição/classificação de padrões de vinculação. O esclarecimento acerca dos padrões de vinculação é relevante porque é através deles que se torna possível compreender eficazmente a dimensão representacional da vinculação. Iniciaremos abordando os primeiros estudos relacionados com a temática e que posteriormente conduziram às classificações em padrões de vinculação.

Mary Ainsworth integrou a equipa de investigação de Bowlby (Bretherton & Main, 2000 *cit. in* Matos, 2002) e em Uganda, iniciou o primeiro estudo de observação da relação de vinculação entre o bebé, com idades compreendidas entre as 15 semanas e 2 anos de idade, e a respetiva mãe. Esta investigação abarcou 28 famílias que foram seguidas, através de uma metodologia naturalista durante 9 meses (Ainsworth, 1963, 1967 *cit. in* Matos, 2002) e daí resultaram as primeiras classificações inerentes às

diferenças individuais em crianças, no que diz respeito à organização da vinculação. Após vários estudos Ainsworth, Blehar, Waters e Wall (1978 *cit. in* Stevenson-Hinde, 2007) introduziram o termo “*sensibilidade responsiva*”. Este reflete a habilidade do cuidador para ler os sinais emocionais e para responder aos mesmos de forma apropriada. Quando as figuras de vinculação são sensíveis e *responsivas* há probabilidade de se estabelecer uma vinculação segura, que aponta para o bom desenvolvimento da relação do indivíduo com os outros, de tal forma que a integração no meio acaba por ser facilitada. Em contraposição, ou seja, quando estas condições não são satisfeitas, poderá ocorrer o desenvolvimento de uma vinculação insegura, que por sua vez, poderá acarretar dificuldades de regulação emocional ou de integração interpessoal (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1973 *cit. in* Matos, 2002). Assim, as diferenças individuais entre cada criança e a essência das suas respostas estão diretamente relacionadas com a qualidade da sensibilidade materna, bem como com o impacto na estruturação das expectativas relacionadas com a disponibilidade e acessibilidade da mesma (Cabral, 2011). Bowlby (1980, 1988 *cit. in* Cassidy & Shaver, 2008) propôs que as experiências precoces relativas à qualidade sensível e insensível da prestação de cuidados contribuem para o desenvolvimento de representações mais amplas relativas à acessibilidade e responsividade de um cuidador, bem como crenças sobre o merecimento de tais cuidados.

Para uma melhor compreensão da dimensão representacional da vinculação e através dos resultados obtidos nos estudos levados a cabo por Ainsworth (1967 *cit. in* Soares, 2007) no Uganda e em Baltimore, foram definidos determinados padrões de vinculação na infância que constituem a fundação de base de toda a literatura para as diferenças individuais na vinculação, decorrentes do protocolo da *situação estranha*, os quais passamos a descrever sumariamente no quadro seguinte.

Padrões	Breve caracterização
<b>Seguro</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Experiência de uma base segura.</li> <li>- Embora manifestem ansiedade e <i>protesto de separação</i> face à ausência da figura de vinculação, as crianças são capazes de recuperar e vão retomando os comportamentos de exploração; perante o retorno da mãe agem com satisfação e interagem com ela.</li> <li>- Figuras de vinculação responsivas e sensíveis, sendo acessíveis, disponíveis e confiantes face à procura de proximidade.</li> </ul>
<b>Ansiosa-Ambivalente</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Padrão pautado pela ausência de uma <i>base segura</i>.</li> <li>- Há uma centralização na figura de vinculação, necessitando a criança de uma proximidade permanente. Estas crianças evidenciam dificuldades na exploração do ambiente mesmo com a presença da figura de vinculação.</li> <li>- Perante a separação reagem com intenso protesto e ansiedade, manifestando dificuldades em recuperar dessa situação.</li> <li>- Reagem com agitação e choro intenso, quer na ausência da figura de vinculação, quer perante o seu retorno.</li> <li>- A prestação de cuidados é pautada por ambivalência e inconsistência no que diz respeito à responsividade e acessibilidade da figura de vinculação (e.g., ameaças de abandono, superproteção, elevada crítica, culpabilização e desencorajamento face a exploração).</li> </ul>
<b>Ansioso-Evitante</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- As crianças classificadas neste padrão parecem indiferentes à ausência ou separação, porque continuam a explorar o ambiente não manifestam protesto de separação.</li> <li>- Perante o retorno da figura de vinculação não há procura de proximidade, parecendo mesmo existir algum desinteresse e/ou indiferença.</li> <li>- As figuras de vinculação são descritas como emocionalmente frias, resistentes ou rejeitantes perante o contacto físico ou proximidade. Parecem inacessíveis e indisponíveis perante as necessidades das crianças. Não constituem uma base segura para a exploração.</li> </ul>
<b>Desorganizado</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Este padrão surgiu mais tarde que os anteriores (Main &amp; Solomon, 1986, 1990) face à impossibilidade de as classificar na tipologia e classificação de Ainsworth.</li> <li>- As crianças apresentam uma aparente desorganização comportamental.</li> <li>- Têm comportamentos imprevisíveis, atípicos e anómalos (por ex.: estereotípias, passividade, imobilidade, apatia), sendo contraditórios, inconsistentes e difíceis de interpretar.</li> <li>- A investigação demonstra que este padrão tende a surgir com maior prevalência em amostras de risco. As figuras de vinculação têm histórias de vida associadas a perdas irreversíveis, maus tratos e problemas psicopatológicos; nas interações com as crianças evidenciam medo, evitamento e/ou comportamentos imprevisíveis (podendo ser maltratantes) perante a procura de proximidade; a criança não consegue interpretar tais comportamentos e sente-se confusa escolhendo uma estratégia momentânea que seja capaz de reduzir o seu desconforto.</li> </ul>

Até este momento centrámo-nos em questões relativas à infância, pelo que adiante iremos abordar aspetos relacionados com as etapas subsequentes do ciclo vital.

Efetivamente, com o apoio das conclusões da investigação mais recente, a teoria da vinculação tem vindo a desempenhar um papel fulcral no que diz respeito à relevância das ligações afetivas precoces, no desenvolvimento presente e também futuro da

criança, pelo que recentemente começou a assumir-se como estando presente em todo o ciclo vital e em outros contextos relacionais. Numa idade mais avançada, os *modelos internos dinâmicos* tornam-se mais complexos e ocorre uma transformação no objetivo final da relação de vinculação: a necessidade de contacto e de proximidade física, em idades mais precoces, passa a ser substituída pela procura de disponibilidade da figura de vinculação. Esta disponibilidade é caracterizada pelo grau (segundo a perspetiva da criança) de acessibilidade da figura de vinculação, isto é, se esta é *responsiva* aos seus sinais e comunicações (Bowlby, 1973; Marvin & Britner, 1999 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008). No caso dos adultos surgem entretanto também alguns modelos explicativos dos padrões ou estilos de vinculação. Um deles foi proposto por Hazan e Shaver (1987 *cit. in* Fraley & Shaver, 2000) que publicaram um artigo em que conceptualizaram o amor romântico como sendo um processo de vinculação. Basearam-se nas categorias de Ainsworth, identificando os estilos de vinculação evitante, seguro e ansioso (1987, Mikulincer & Shaver, 2007). Começaram por considerar a aplicabilidade da teoria da vinculação na generalidade e utilizaram a classificação de Ainsworth para estudar os comportamentos e sentimentos das relações românticas de adolescentes e adultos (Hazan & Shaver, 1987 *cit. in* Crowell *et al.*, 2008). Aplicaram um instrumento de auto-relato que tinha como objetivo avaliar a qualidade da relação com o par amoroso. Bartholomew e Horowitz (1991 *cit. in* Cabral, 2011) identificaram diferenças estruturais nos padrões evitantes propostos por Hazan e Shaver (1987 *cit. in* Cabral, 2011) e por Main e colaboradores<sup>2</sup> (1985 *cit. in* Cabral, 2011). No primeiro caso o padrão era caracterizado pela negação, por parte do sujeito, das necessidades de vinculação, de experiências de stresse psicológico, desvalorizando desta forma a importância e o impacto da vinculação nas suas vidas. No segundo caso, os sujeitos são caracterizados como indivíduos que experienciam elevados níveis de ansiedade, angústia e stresse, evitando relações de vinculação por medo de serem rejeitados.

Bartholomew e Horowitz (1991 *cit. in* Cabral, 2011) analisaram estas diferenças e consideraram redutor caracterizar os indivíduos numa única categoria, uma vez que poderiam ser perdidas informações importantes para a compreensão da vinculação na idade adulta. Esta constatação foi a base para a elaboração da proposta do modelo dos quatro quadrantes da vinculação na idade adulta, o qual passamos a demonstrar na seguinte figura.

---

<sup>2</sup> Main e colaboradores utilizavam a entrevista (AAI) como forma de avaliar a coerência dos relatos em relação às experiências precoces de vinculação (Mikulincer & Shaver, 2007) e com base nesta análise faziam a classificação dos sujeitos em padrões de vinculação.

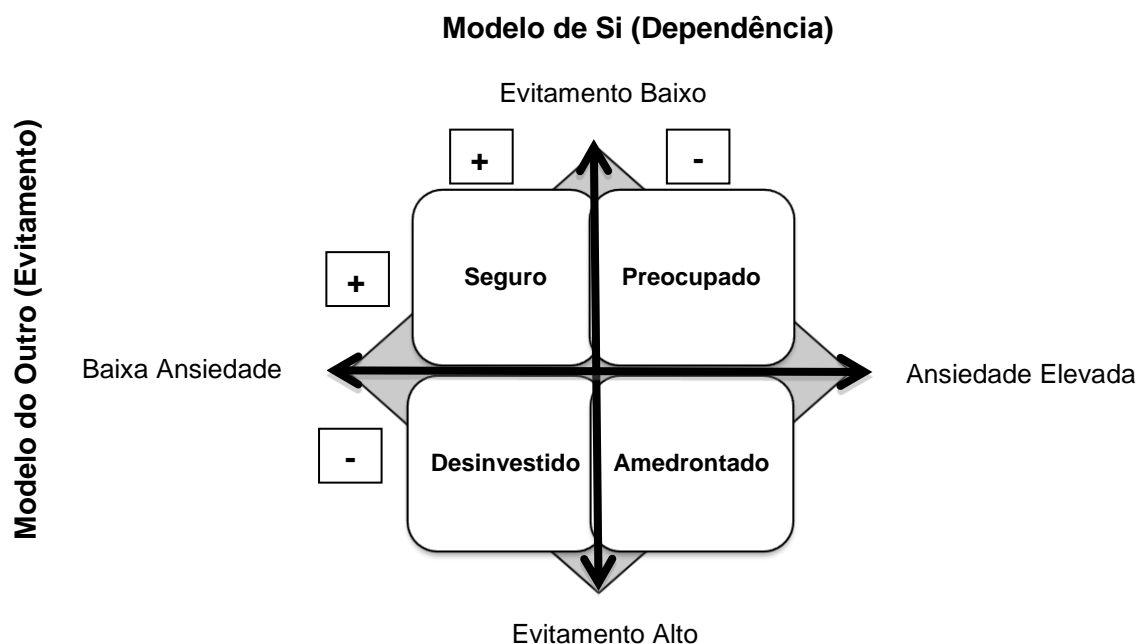


Figura 1 - Modelo dos 4 quadrantes da vinculação (adaptação de Bartholomew & Horowitz, 1991) e diagrama das dimensões sugeridas pelo modelo (adaptado de Bartholomew, 1990 cit. in Mikulincer & Shaver, 2007).

Bartholomew (1990, Mikulincer & Shaver, 2007) considera a organização em dois pólos distintos, organização esta originária do conceito de *modelos internos dinâmicos*: o modelo de si e do outro, cruzando-os em dois “eixos”, sendo o primeiro correspondente ao eixo vertical e o segundo, ao eixo horizontal e deste cruzamento surgem quatro quadrantes que correspondem aos protótipos da vinculação e que se caracterizam pelas possíveis combinações, quer de positividade quer de negatividade, de cada um dos modelos (de si e do outro).

Passamos agora a descrever sucintamente as características de cada padrão.

1. **Seguro:** caracteriza-se por modelos positivos quer do próprio, quer do outro. A pessoa sentir-se-á digna de amor e afeto e sente-se capaz de despertar respostas de cuidado e conforto por parte de pessoas próximas. Caracteriza-se por sujeitos que confiam nos outros como capazes de fornecer respostas adequadas e securizantes face às necessidades emocionais, evidenciando bons níveis de socialização e autoconfiança, evidenciando coerência nas relações estabelecidas com as pessoas significativas.

2. **Preocupado:** estando no pólo negativo do modelo de si, este padrão caracteriza-se pelo sentimento de não se considerar merecedor(a) de amor; o modelo do outro está no pólo positivo significando, portanto, que estas pessoas valorizam em demasia os outros, podendo mesmo ser excessivamente dependentes deles, necessitando da aprovação dos mesmos.

3. **Desinvestido:** caracterizado por um modelo positivo acerca de si próprio, mas com um modelo negativo em relação aos outros. Caracterizado pela desvalorização e desinvestimento nas relações, pelo que apresentam baixos níveis de intimidade, mas elevados níveis de autoconfiança.

4. **Amedrontado:** modelos negativos quer em relação aos outros, quer em relação ao próprio. Caracteriza-se por um medo excessivo de envolvimento com os outros antecipando situações de rejeição.

Por fim, a proposta de Bartholomew e Horowitz (1991) parece-nos ter bastantes potencialidades, nomeadamente o facto de cada um dos protótipos apresentar determinadas particularidades, podendo ser aplicado nas relações de vinculação características da vida adulta. Outra das potencialidades refere-se ao facto de este ser um modelo caracterizado pela flexibilidade. É assumido que existe um padrão dominante e que o sujeito pode possuir características de outros padrões, ficando assim clara, a não rigidez e classificação absoluta num único padrão (Cabral, 2011).

Neste ponto tentámos esclarecer questões relacionadas com os *modelos internos dinâmicos* e com a dimensão representacional da vinculação nas várias etapas do ciclo vital.



## **CAPÍTULO II – VINCULAÇÃO AO LONGO DO CICLO VITAL**

Neste capítulo serão clarificadas as questões relativas à vinculação ao longo do ciclo vital, refletindo-se acerca de algumas das mudanças e especificidades da vinculação na adolescência, na jovem adultícia e adultícia. Assim, iremos abordar aspectos de estabilidade e continuidade ao longo do ciclo vital, faremos uma reflexão acerca da importância da figura de vinculação nas faixas etárias subsequentes à infância e, por fim, responderemos a questões acerca das implicações da vinculação no desenvolvimento psicossocial e emocional.

### **1. A ESTABILIDADE/CONTINUIDADE AO LONGO DO CICLO DE VIDA E IMPORTÂNCIA DAS FIGURAS DE VINCULAÇÃO**

Neste ponto do trabalho iremos abordar as questões da estabilidade e da continuidade ao longo das etapas do ciclo vital, uma vez que existem aspectos que não são suscetíveis de mudança. Neste sentido, serão igualmente abordadas questões inerentes a descontinuidades que também podem ocorrer e que são específicas de cada etapa de vida.

Uma vez que o presente tópico pretende abordar questões relativas à estabilidade e continuidade da vinculação ao longo das etapas inerentes ao ciclo vital, considera-se importante clarificar estes dois conceitos.

De certo modo estes dois conceitos tentam perceber de que forma a segurança e/ou insegurança se pode perpetuar ao longo do tempo e de que forma exerce uma influência contínua nos processos de adaptação e desenvolvimento psicossocial (na adolescência, na jovem adultícia e adultícia). A estabilidade diz respeito ao maior ou menor grau de consistência verificado ao nível das diferenças individuais de vinculação decorrentes desde a infância até à idade adulta (Kagan, 1980 *cit. in* Matos, 2002). A continuidade relaciona-se com a evolução e manutenção das dinâmicas inerentes à vinculação, ou seja, pretende perceber o que muda e acima de tudo o que se mantém nas relações continuadas de vinculação ao longo do desenvolvimento (Kagan, 1980 *cit. in* Matos, 2002).

Presume-se que a história e as circunstâncias presentes são importantes e que os padrões, representações e organizações atuais podem ser transformados devido a novas experiências. Ao mesmo tempo novas experiências são enquadradas, interpretadas e em parte criadas por histórias prévias, pelo que Bowlby (1973 *cit. in* Sroufe, 2005) tinha uma visão dinâmica da vinculação. Bowlby (1988 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) assume, então, que vinculação está presente em todo o ciclo vital, considerando que a

internalização de experiências positivas decorrentes das interações com as figuras de vinculação resulta numa promoção da autonomia individual.

Da infância para a adolescência há uma transformação no que diz respeito aos modos de acesso às figuras de vinculação, pois nesta última fase é possível e frequente que a procura de proximidade e o acesso às figuras de vinculação ocorra através da evocação das representações internas. Como tal fica clara a necessidade de avaliar a vinculação nestes dois períodos de forma distinta pelo que a AAI, por exemplo, acaba por ser uma versão mais desenvolvida daquilo que se avalia na situação estranha (Allen, 2008).

É possível encontrar continuidades na infância e na adolescência e estas podem ser geralmente observadas quando os ambientes são estáveis, podendo *desaparecer* quando surgem circunstâncias mais desafiadoras, embora também possam surgir descontinuidades quando há mudanças nos fatores ambientais (Allen, 2008). Observaram-se continuidades entre a vinculação, mesmo durante a infância, deixando claro que a vinculação precoce tem implicações na qualidade das relações futuras (Allen, 2008). No entanto, durante as etapas desenvolvimentais posteriores à infância ocorre uma mudança no que diz respeito à vinculação. Essa modificação está relacionada com o *salto* do que é comportamental (na infância) para o nível de *representação* que ocorre durante a adolescência e jovem adultícia. Esta é uma transformação fundamental que inspirou uma série de pesquisas nestas faixas etárias, pelo que a perspetiva relacional que tem sido enfatizada pela teoria da vinculação no início da vida, fica assim a constituir um aspeto crítico a considerar (Allen, 2008; Crowell *et al.*, 2008).

Tal como têm vindo a demonstrar vários autores (Ainsworth, 1991; Bowlby, 1973/78,1980; Doherty, 1991; Weiss, 1982, 1986 *cit. in* Cabral, 2011) a vinculação é um construto contínuo e que também se desenvolve ao longo de todo o ciclo vital, ainda que surjam algumas *nuances* características de cada etapa da vida. Os autores acima referidos salientam que nos adultos existe uma *panóplia* de fatores que podem originar a necessidade de procura de proteção das figuras que lhes são emocionalmente significativas. Estas desempenham uma função securizante perante um conjunto de situações e acontecimentos que podem levar a um sentimento de insegurança (psicológico e subjetivo) ou a uma perceção de risco.

Na adultícia a vinculação também se estende a outras figuras, nomeadamente ao par romântico. Shaver, Hazan e Bradshaw (1988 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) propuseram que os laços românticos na adultícia são conceptualmente *paralelos* aos laços emocionais da infância com os primeiros cuidadores. A formação de uma relação segura com os primeiros cuidadores ou com o par romântico depende da sua sensibilidade e *responsividade* e essa *responsividade* causa uma sensação de

segurança, confiança e sentimento de ser amada pelos outros. Mikulincer e Shaver (2007) afirmam que numa relação romântica as pessoas ocupam, não só a posição de necessitarem de conforto e segurança por parte do seu parceiro, como também assumem um papel de cuidadores, no qual é esperado que forneçam também carinho e suporte ao seu par. Assim, o par romântico é visto não só como um *alicerce* de segurança e conforto, mas também como parceiro para as atividades sexuais e de reprodução.

O objetivo da vinculação na adolescência e na idade adulta “desloca-se para a manutenção de uma segurança emocional e proteção do sentido de consistência existencial” (Cabral, 2011, p. 46). Paralelamente, nesta fase do ciclo vital o adolescente, jovem adulto ou adulto escolhe *reproduzir* mentalmente as representações da(s) sua(s) figuras de vinculação, representando cognitivamente e emocionalmente a acessibilidade que esta(s) figura(s) lhe proporcionariam, caso estivessem presentes. Esta representação mental constitui uma forma de reconforto perante o acontecimento stressante ou ameaçador. Portanto, na adolescência e na adultícia as relações de vinculação deixam de estar associadas à proteção física e sobrevivência da espécie e passam para um nível relacionado com a representação mental da vinculação, uma vez que nesta faixa etária já existem capacidades cognitivas e emocionais para o fazer (Cabral, 2011).

Na jovem adultícia e na adultícia, tal como na adolescência, ocorre também uma mudança no que diz respeito à vinculação, tal como já tivemos oportunidade de referir, passando do domínio comportamental (na infância) para o domínio representacional (Faria, Fonseca, Lima, Soares, & Klein, 2007). Esta modificação vem esclarecer que: as representações da vinculação explicam a relevância das relações precoces no comportamento e desenvolvimento futuro dos sujeitos; aquilo que os sujeitos percebem acerca das experiências constrange, interage ou reforça aquilo que se pretende com as experiências e comportamentos; ao avaliar-se aquilo que são as experiências internas poder-se-á explicar a ativação do sistema de vinculação e respetivas respostas face a novos acontecimentos e, por fim, as representações mentais permitem que se possa compreender que os laços estabelecidos são sustentados e desenvolvidos ao longo do tempo e do espaço (Waters, 1994 *cit. in* Faria *et al.*, 2007).

Assim, os elementos comportamentais de vinculação na vida adulta são semelhantes aos observados na infância pois um adulto mostra, igualmente, desejo de proximidade com a figura de vinculação, maior conforto na presença desta e ansiedade quando a figura é ou está inacessível (Shaver *et al.*, 1988; Weiss, 1991 *cit. in* Crowell *et al.*, 2008).

Weiss (1982 *cit. in* Canavarro, Dias, & Lima, 2006), no sentido de diferenciar a vinculação na infância da vinculação na idade adulta, refere que esta última é

estabelecida entre os pares e como o sentido de sobrevivência não está eminente, como na infância, o sistema comportamental acaba por apontar a sua inclusão em relações de envolvimento sexual.

A principal diferença entre a vinculação adulto comparativamente com a infância, é que o sistema comportamental de vinculação em adultos funciona reciprocamente. Tendencialmente, os parceiros adultos não são colocados permanentemente no papel de figuras de vinculação. As duas direções inerentes à vinculação (ser cuidado ou manifestar comportamento de cuidados) são observáveis em adultos, alternando os parceiros da relação entre os dois papéis (Ainsworth, 1991; Kunce & Shaver, 1994; Shaver *et al.*, 1988 *cit. in* Crowell *et al.*, 2008). O potencial para esta flexibilidade aumenta a complexidade da avaliação da vinculação no adulto (Crowell *et al.*, 2008).

Na adultícia o sistema comportamental de vinculação continua a existir, uma vez que este nunca se desativa. Porém, no caso dos adultos ele assume um papel com algumas especificidades, em virtude de ocorrerem modificações no modo como os estes experienciam a vinculação e a forma de ativação é diferente, mediante os comportamentos e as interações que decorrem dessa experiência (Cabral, 2011).

Ainda na tentativa de diferenciar a vinculação da infância com a vinculação na idade adulta Stevenson-Hinde e Stevenson-Hinde (1986 *cit. in* Canavarro *et al.*, 2006) consideram que para que o sistema de vinculação comportamental seja ativado, nesta última, é necessário que ocorram fortes acontecimentos indutores de stresse. Nesta fase do ciclo vital (adultícia) os sujeitos possuem a capacidade de representação, isto é, são capazes de cognitivamente aceder à figura de vinculação. Esta competência ajuda, por si só, a lidar com os problemas quotidianos, permitindo que os adultos sejam capazes de lidar com as adversidades de uma forma mais autónoma.

O sistema de vinculação opera de um modo bastante complexo, independentemente da idade (na criança, no adolescente ou no adulto), pelo que existe um “substrato cognitivo da vinculação” (Mikulincer & Shaver, 2007, p. 15). Em idades mais avançadas a pessoa avalia o progresso que vai fazendo para alcançar determinado objetivo de proximidade e proteção para depois, caso seja necessário, corrigir o seu comportamento de forma a produzir uma ação futura mais efetiva e adequada (Bowlby, 1969/1982, 1973 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007). Esta flexibilidade e forma de ajustamento da vinculação requer três operações cognitivas:

1. Processar a informação acerca do ambiente, o que envolve monitorizar e avaliar as situações de risco, bem como o seu próprio estado interior (segurança, aflição);
2. Monitorizar e avaliar a responsividade das figuras de vinculação no que diz respeito às tentativas de procura de proximidade;

3. Monitorizar e avaliar a utilidade do comportamento escolhido num determinado contexto; portanto um ajustamento efetivo desses comportamentos pode ser efetuado de acordo com restrições contextuais (Carver & Sheier, 1981; Miller, Galanter, & Pribram, 1960 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007).

Para elucidar uma das principais mudanças ocorridas passamos a referir o modelo de ativação do sistema de vinculação característico da adultícia. Mikulincer e Shaver (2003, 2002 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) propõem um modelo do sistema de vinculação para caracterizar a ativação e a operação do sistema de vinculação na adultícia. Eles propuseram um modelo de sistema de controlo que integra uma vasta literatura (Ainsworth, 1991; Bowlby, 1969/1982; 1973, 1980; Cassidy & Kobak, 1988; Main, 1995 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007). Este modelo é uma extensão e um refinamento do anterior, proposto por Shaver e colaboradores (1998 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007)) e Fraley e Shaver (2000 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) e assenta em três questões fundamentais. A primeira estratégia do sistema de vinculação utilizada pela pessoa é a procura de proximidade; a utilização desta estratégia tem consequências benéficas porque existe uma tentativa de captar o apoio de uma figura de vinculação que providencie segurança; as estratégias secundárias (hiperativação da ansiedade e desativação esquiva) são usadas perante a indisponibilidade ou falta de respostas da figura de vinculação. O modelo inclui ainda os objetivos das estratégias primárias e secundárias, associa crenças e expectativas acerca do próprio e dos outros e associa regras para gerir a angústia e as relações interpessoais. Explica ainda o que acontece quando as estratégias secundárias não conseguem atingir os seus objetivos.

Na figura 2 demonstramos uma adaptação do modelo de ativação e funcionamento do sistema de vinculação na adultícia. Como se pode verificar o modelo é constituído por três componentes. A primeira componente inclui a monitorização e a avaliação das situações ameaçadoras, ou seja, o processo responsável pela ativação do sistema de vinculação. A segunda componente está relacionada com a monitorização e avaliação da disponibilidade das figuras de vinculação. A terceira componente inclui monitorizar e avaliar a viabilidade da procura de proximidade com forma para lidar com a vinculação insegura. Esta componente representa a “escolha”<sup>3</sup> entre ativar ou desativar estratégias para lidar com a segurança. O termo “escolha” enfatiza o facto de existirem diferentes respostas possíveis para justificar a indisponibilidade da figura de vinculação e cada uma delas acarreta efeitos específicos.

---

<sup>3</sup> Este termo aparece entre aspas porque o processo pode ser, em grande parte, inconsciente e influenciado por muitas experiências de vida, começando na infância e que, de certo modo, a pessoa não entendeu.

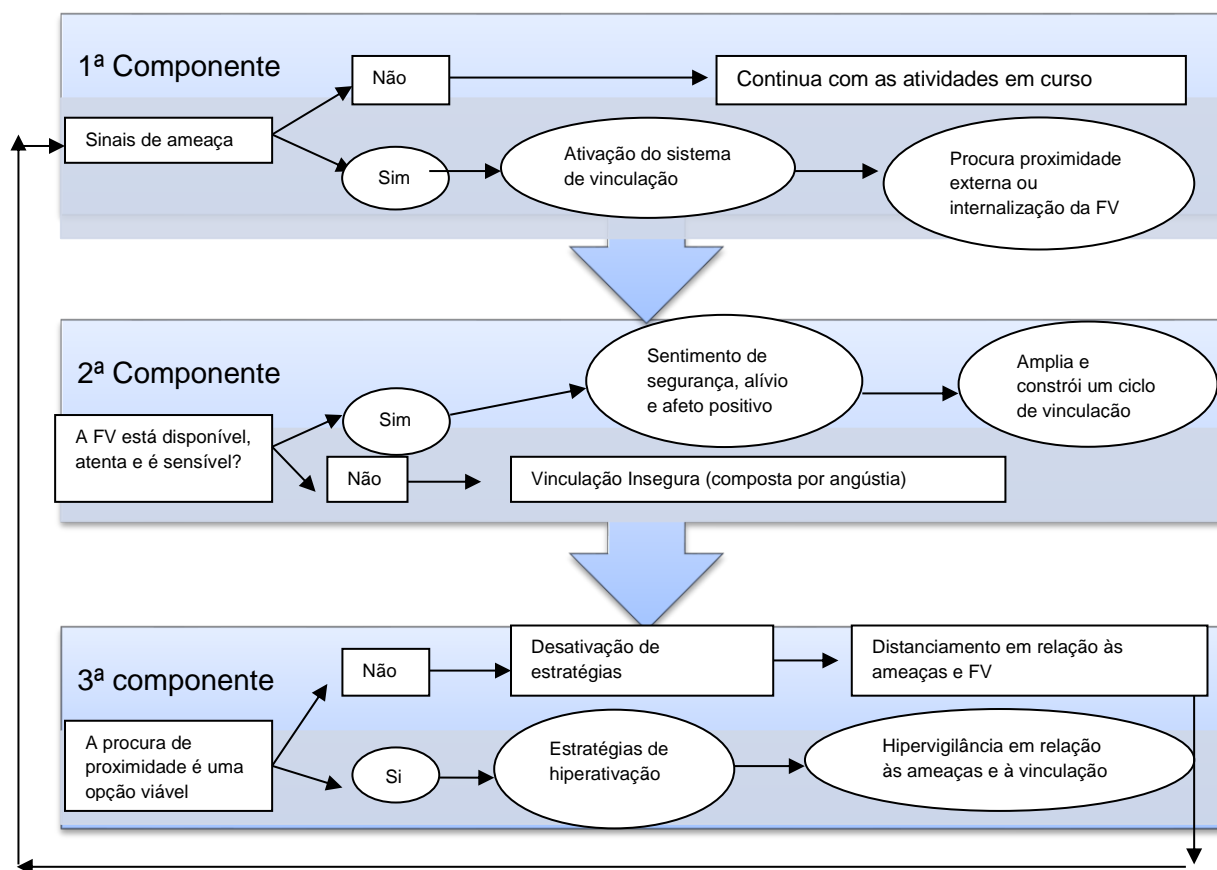


Figura 2 - Modelo de ativação e de funcionamento do sistema de vinculação na adultícia (adaptado de Mikulincer & Shaver, 2007)

Na adultícia, a primeira estratégia de vinculação, não requer um comportamento de procura de proximidade. Ela inclui a ativação das representações mentais dos padrões de relacionamento com quem normalmente providencia proteção. Estas representações criam uma sensação de segurança que acaba por ajudar a pessoa a lidar com sucesso perante as crises. A representação mental das figuras de vinculação transforma-se no *alicerce* de proteção e a sua ativação permite atingir aquilo a que chamamos de *proximidade simbólica* (Solomon & George, 2008).

Por último, neste ponto do presente capítulo, consideramos ainda essencial referir alguns aspetos relacionados com a importância das figuras de vinculação parental na adolescência e jovem adultícia, numa tentativa de demonstrar a estabilidade e continuidade existentes nestas etapas.

A adolescência é um período caracterizado por profundas transformações emocionais, cognitivas e comportamentais que envolvem as relações de vinculação. Nesta fase o adolescente passa de recetor exclusivo de cuidados para se tornar um potencial cuidador de amigos e de parceiros românticos. Paralelamente, o adolescente inicia um processo de *transferência de funções* valorizando mais os relacionamentos com

seus pares (Allen, 2008). A construção da vinculação na adolescência é melhor explicada assumindo-a como sendo um construto que é susceptível de ser refletido e organizado (Sroufe & Waters, 1977; Thompson, 1997 *cit. in* Allen, 2008). Esta mudança para o nível de representação constitui a transformação fundamental que serviu de inspiração para as pesquisas da vinculação na adolescência e na idade adulta (Allen, 2008).

Kobak e Duemmler (1994 *cit. in* Allen, 2008) observaram que uma das características mais importantes das relações de vinculação de um adolescente com os pais é o seu potencial para se tornar cada vez mais objetiva. Os adolescentes ganham a capacidade de comunicação e já possuem as suas próprias perspetivas e opiniões o que possibilita que o adolescente possa modificar o seu comportamento de vinculação quando necessário, para desta forma atender às necessidades de vinculação, conseguindo equilibrá-las com as outras necessidades. Aos poucos a dependência perante as figuras vinculação vai diminuindo, devido à progressiva *conquista* da própria autonomia, que é um aspeto central na adolescência. No entanto, a maioria dos adolescentes e jovens adultos continua a recorrer aos pais, em situações de stresse (Steinberg, 1990 *cit. in* Allen, 2008) e estes continuam a ser muitas vezes usados como figuras de vinculação, mesmo na idade adulta (Fraley & Davis, 1997 *cit. in* Allen, 2008).

Apesar de todas as mudanças inerentes a cada etapa do ciclo vital, estas não significam que ocorram alterações no que diz respeito à importância das relações e laços estabelecidos com as figuras de vinculação (Cabral, 2011).

Em suma, a figura de vinculação continua a ser uma *personagem* fulcral nas idades posteriores à infância.

## **2. IMPLICAÇÕES DA VINCULAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO E ADAPTAÇÃO PSICOSSOCIAL E EMOCIONAL**

Neste ponto começaremos por referir algumas questões relacionadas com consequências futuras de uma relação de vinculação, uma vez que Bowlby, Robertson e Rosenbluth (1952, *cit. in* Stevenson-Hinde, 2007) nas suas pesquisas e após verificar que a vinculação era algo importante para o desenvolvimento psicológico adequado das crianças, pretenderam perceber quais os efeitos da vinculação nos comportamentos disruptivos de algumas delas. A Organização Mundial de Saúde (1951 *cit. in* Matos, 2002) havia proposto a realização de uma investigação acerca do destino de crianças sem família, tendo os investigadores concluído pela constatação da existência de uma relação entre separações maternas precoces e comportamentos delinquentes na adolescência. Esta descoberta veio alertar para o facto dos cuidados maternos serem essenciais para a qualidade do desenvolvimento e adaptação psicológica no futuro.

Bowlby (1973 *cit. in* Sroufe, 2005) considerou como fulcrais duas hipóteses na explicação da relação entre cuidados maternos e comportamentos: primeiro refere que as diferenças individuais na qualidade das relações de vinculação entre o bebé e o cuidador são o resultado de toda a história de interações com este último; em segundo essas variações na qualidade da vinculação são a origem para a existência das diferenças individuais na personalidade. Uma vinculação segura ou insegura na infância pode, assim, *moldar* vários aspetos do desenvolvimento da personalidade, incluindo a socialização, predisposições emocionais, curiosidade, auto-estima, independência, cooperação e confiança (Cassidy & Shaver, 2008). A vinculação é também importante para a organização da personalidade, porque diversas características da personalidade são suscetíveis de serem influenciadas por uma vinculação segura (Cassidy & Shaver, 2008). No entanto, uma vinculação insegura por si só não origina uma psicopatologia, mas certas psicopatologias podem ter na sua génese uma vinculação insegura (Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005 *cit. in* Cassidy, Lichenstein-Phelps, Sibrava, Thomas, & Borkovec, 2009).

Paralelamente esta teoria postula que a capacidade para estabelecer laços emocionais é um elemento fundamental quer para o desenvolvimento, quer para o funcionamento psicológicos, pelo que pode contribuir para uma melhor compreensão das perturbações psicológicas, sobretudo das que possuem na sua base a desagregação ou a rutura indesejada de laços afetivos (Matos, 2002).

Esta teoria postula ainda que as organizações de vinculação segura podem constituir um recurso individual para enfrentar acontecimentos de vida desafiantes (Bosma & Gerlsma, 2003; Sroufe, Carlson, Levy, & Egeland, 1999; Ward & Carlson, 1995 *cit. in* Mendes, Soares, Jongenelen, & Martins, 2011).

O estudo da vinculação nos adultos tem-se centrado, em grande parte, nas diferenças individuais na organização do comportamento de vinculação, bem como nas suas relações de vinculação, ao invés dos aspetos normativos do desenvolvimento do sistema de vinculação (Crowell *et al.*, 2008). É importante salientar que existem diferenças individuais na vinculação e que estas têm determinadas consequências ao nível da organização da personalidade e do funcionamento psicossocial e emocional. Bowlby e Ainsworth (1967, 1973 *cit. in* Cassidy & Shaver, 2008) propuseram que as diferenças na segurança da vinculação da criança-mãe têm implicações significativas no futuro das relações íntimas, autoconhecimento e até ao nível da psicopatologia. Guiados pela expectativa que a vinculação segura prediz um melhor funcionamento no futuro, as investigações propuseram uma ampla variedade de formulações específicas para hipotetizar as relações entre a vinculação segura e posteriores atributos ao nível da personalidade (Bowlby & Ainsworth 1967, 1973 *cit. in* Cassidy & Shaver, 2008).



De acordo com Bowlby os processos de vinculação são centrais para entender a ansiedade, principalmente as bases biológicas do sistema de vinculação, sistema de medo e a inter-relação entre estes dois. Bowlby (1973 *cit. in* Cassidy *et al.*, 2009) considera que uma pessoa é menos ansiosa se tiver confiança na figura de vinculação como sendo protetora e reconfortante sempre que necessita.

Uma vinculação segura ou insegura na infância pode moldar muitos aspetos do desenvolvimento psicossocial e da personalidade, incluindo socialização, predisposições emocionais, curiosidade, autoestima, independência, cooperação e confiança (Cassidy & Shaver, 2008). A vinculação é também importante para os efeitos da organização da personalidade, uma vez que são diversas as características da personalidade suscetíveis de ser influenciadas pela qualidade securizante da vinculação (Cassidy & Shaver, 2008).

O desenvolvimento psicossocial que tem lugar na adolescência traz mudanças profundas no significado e expressão dos processos de vinculação (Allen, 2008). Existem várias razões para esperar que exista uma relação entre a qualidade da vinculação *organizada* de um adolescente e os relacionamentos que estabelece com os seus pares, bem como entre a referida qualidade e o funcionamento e adaptação psicossocial. Uma representação atual de segurança em relação à vinculação é caracterizado pela coerência do discurso ao nível das narrativas (e, presumivelmente, do pensamento) sobre experiências e sentimentos relacionados com a vinculação, devendo por isso permitir experiências e sentimentos semelhantes nos relacionamentos com seus pares. Uma série de estudos recentes sugerem a existência de ligações substanciais entre a organização da vinculação em adolescentes e respetiva saúde mental (Allen, 2008). Autores como Allen e colaboradores (1996), Bernier e colaboradores (2005), Cole-Detke e Kobak (1996), Kobak, Sudler e Gamble (1991) Larose e Bernier (2001); Rosenstein e Horowitz (1996) referem que o uso de estratégias caracterizadas pela preocupação por parte dos adolescentes tem sido intimamente associada à internalização de problemas, bem como às problemáticas relacionadas com a depressão, transtornos de ansiedade (*cit. in* Allen, 2008). Por outro lado, estratégias de desvalorização, por exemplo, têm sido associados à dificuldade em obter ajuda de amigos e/ou colegas e professores, bem como a uma maior inibição social durante a transição para a faculdade (Larose & Bernier, 2001 *cit. in* Allen, 2008).

Em termos de organização mental insegura Becker-Stoll e Fremmer-Bombik (1997 *cit. in* Allen, 2008) relatam que os adolescentes com um padrão de desvalorização mostram menos autonomia e menos envolvimento nas interações que estabelecem com os pais comparativamente com os outros grupos observados. Isto sugere que essa característica de desvalorização não proporciona o seu envolvimento com experiências de vinculação, podendo dificultar a tarefa de renegociar as relações entre pais e

adolescentes (Allen, 2008). Reimer, Overton, Steidl, Rosenstein, e Horowitz (1996 *cit. in* Allen, 2008) também observaram que as famílias de adolescentes com um padrão de desvalorização da vinculação tendem a ser menos *responsivas* perante os seus adolescentes, do que as famílias de adolescentes com padrões preocupados.

Num estudo português (Cabral, 2011) que teve como objetivo, entre outros, estudar o desenvolvimento psicossocial de adaptação à universidade constatou-se que os padrões de vinculação têm impacto no mesmo. Verificou-se que os sujeitos com um padrão seguro têm níveis de adaptação e desenvolvimento psicossocial superiores nas suas diferentes dimensões. Estes sujeitos apresentam níveis de adaptação à universidade significativamente superiores quando comparados com os sujeitos classificados nos padrões amedrontado e desinvestido, embora não se distingam do padrão preocupado. Em relação à qualidade das relações os resultados e conclusões apontam para o facto de que os estudantes cujas relações com as figuras parentais são caracterizadas por maior segurança revelam níveis mais elevados de adaptação à universidade e desenvolvimento psicossocial, assim como estratégias mais construtivas de regulação emocional e de coping.

### CAPÍTULO III – AVALIAÇÃO DA VINCULAÇÃO

Sendo a adaptação de um instrumento de avaliação da vinculação o objetivo fundamental deste trabalho, fará sentido abordar questões relacionadas com a avaliação deste construto e respetivos instrumentos existentes na literatura. Neste capítulo iremos abordar questões relativas à avaliação na infância, mas centrar-nos-emos de uma forma mais exaustiva na avaliação da jovem adultícia e adultícia, em virtude do instrumento alvo de adaptação estar direcionado para essa etapa do ciclo vital.

#### 1. INFÂNCIA

O tema da avaliação da vinculação na infância está indiscutivelmente ligado ao nome de Mary Ainsworth, uma vez que o seu percurso ao nível da investigação teve como um dos principais objetivos perceber as diferenças individuais dos bebés na organização comportamental da vinculação. Para realizar este estudo Ainsworth elaborou um procedimento laboratorial designado de situação estranha (Soares, 2007). O objetivo deste procedimento é analisar a articulação existente entre os comportamentos de vinculação e de exploração (Cabral, 2011). Desta investigação surgiram três padrões comportamentais para definir o comportamento de vinculação mostrado pelos bebés participantes, tendo estes sido descritos como: “grupo inseguro-evitante”, “grupo seguro” e “grupo inseguro-ambivalente/resistente” (Soares, 2007).

Para a avaliação da vinculação na infância existe, tal como já foi referenciado anteriormente, a metodologia designada de protocolo da situação estranha, baseada numa metodologia de avaliação comportamental do bebé perante determinadas situações protocoladas.

No entanto, nos últimos 50 anos percebeu-se que a criança, na transição dos três para os quatro anos, é capaz de realizar representações mentais da experiência conseguindo *construir* significados emocionais suscetíveis de serem partilhados com os outros (Nelson & Fivush, 2004 *cit. in* Maia & Veríssimo, 2011). Neste âmbito surgiram novas metodologias de avaliação da vinculação, nomeadamente metodologias narrativas, considerando-se que estas constituem uma forma válida de inferir acerca da qualidade da vinculação, bem como acerca da organização dos *modelos internos dinâmicos* na infância. Portanto, nesta metodologia avaliam-se as representações mentais e não o comportamento, como acontecia na situação estranha. Nos dias de hoje, existem ainda alguns aspetos por clarificar, nomeadamente no que diz respeito à elaboração de instrumentos que avaliem as representações de vinculação dos sujeitos em todo o seu

ciclo vital (Oppenheim, 1997 *cit. in* Maia & Veríssimo, 2011; Solomon & George, 2008; Thompson, 2008).

Para uma melhor compreensão da vinculação ao longo do ciclo vital, a avaliação desta durante a infância assume um papel fundamental, uma vez que tem influência, como podemos conferir ao longo deste trabalho, nos ciclos vitais seguintes.

De seguida, passamos a referir alguns dos instrumentos que têm como objetivo avaliar a vinculação em idades precoces (além do protocolo da situação estranha, já brevemente descrito).

**- Attachment Story Completion Task (ASCT, Bretherton & Ridgeway, 1990 *cit. in* Maia & Veríssimo, 2011):** O ASCT é um método semi-projetivo de elicitação de narrativas solicitando-se à criança para completar determinadas histórias relacionadas com o seu quotidiano. É uma *prova* destinada às crianças do jardim-de-infância, entre os 3 e os 6 anos, tendo a duração de sensivelmente 30 minutos e que tem como principal objetivo avaliar as “diferenças individuais na forma como as crianças constroem narrativas em torno de cenários do quotidiano familiar relacionados com a vinculação, sendo hipotetizado que, a partir das respostas dadas, é possível inferir sobre a qualidade dos modelos internos dinâmicos emergentes” (Maia & Veríssimo, 2011, p. 383).

**- Attachment Behavior Q-Set (AQS, Waters, 1995 *cit. in* Monteiro, *et al.*, 2008):** O AQS é um instrumento que tem como objetivo analisar os comportamentos de base segura em crianças. A validade deste instrumento foi confirmada por vários autores (van IJzendoorn, Vereijken, Bakermans-Kranenburg & Riksen-Walraven, 2004 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008) que a consideraram, qualitativamente, muito semelhante à situação estranha e à *Adult Attachment Interview* (Mikulincer & Shaver, 2007; Monteiro *et al.*, 2008; Hesse, 2008). O AQS difere da situação estranha porque implica uma avaliação em vários contextos, incorpora uma gama mais ampla de critérios comportamentais, operacionaliza o conceito de segurança de modo multifacetado, usa diferentes procedimentos de classificação e conta com várias fontes de informação (Cassidy & Shaver, 2008).

Como vantagens deste instrumento foram apontadas as seguintes: maior validade ecológica, em virtude das observações serem efetuadas no contexto real da criança, ou seja, em contexto familiar e na sua casa; é um instrumento que pode ser utilizado numa faixa etária mais alargada, nomeadamente do 1 ano aos 5 anos e, por fim, é um instrumento menos intrusivo, podendo ser utilizado mais do que uma vez com a mesma criança, permitindo, por isso, realizar o estudo longitudinal da vinculação da mesma (van IJzendoorn *et al.*, 2004; Waters & Deane, 1985 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008). O AQS possibilita a descrição particularizada do comportamento de vinculação da criança e

respetivo progresso, pelo que se poderá observar modificações e/ou continuidades na vinculação.

Posada, Waters e colaboradores (1995 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008) definiram quatro escalas no AQS: interação com a mãe/pai (itens relacionados com o estado emocional e capacidade de interação); proximidade com a mãe/pai (itens relacionados com o regressar para junto deles, mantendo a noção da sua localização); contacto físico com a mãe/pai (itens relativos à sua satisfação perante o contacto físico com as figuras parentais) e interação com outros adultos (itens relativos à disponibilidade da criança para interagir com outros adultos que não os pais).

Embora existam mais instrumentos para avaliar a vinculação na infância, considerámos pertinente abordar apenas aqueles que são mais utilizados, uma vez que a avaliação da vinculação na infância não constitui um objetivo do presente trabalho.

## **2. ADOLESCÊNCIA, JOVEM ADULTÍCIA E ADULTÍCIA**

A avaliação da vinculação na idade adulta segue dois pressupostos tendo em conta as linhas teóricas dos investigadores. Os investigadores desenvolvimentais dão relevância às representações mentais que são elaboradas acerca das experiências precoces de vinculação e respetiva influência ao nível do desenvolvimento. Por outro lado, outros investigadores optam por focar a sua atenção no estudo das relações interpessoais e nos processos da personalidade. Em cada uma das linhas surgem, portanto, procedimentos de avaliação distintos: as medidas de índole representacional relacionadas, na linha da primeira perspetiva, e as medidas de auto-relato associadas à perspectiva social (Faria *et al.*, 2007). Uma importante questão na investigação da vinculação na adultícia é verificar se os padrões são melhor avaliados através de entrevistas ou através de auto-relatos (Mikulincer & Shaver, 2007) sendo que a avaliação da vinculação no adulto é efetuada essencialmente através deste tipo de instrumentos.

Relativamente a estas faixas etárias do ciclo vital foram várias as discussões entre os investigadores na área, principalmente no que diz respeito à metodologia de avaliação da vinculação (padrões, dimensões, estilos) e se estes deveriam ou não ser categorizados. Por um lado, Main e colaboradores consideravam que a metodologia empregue deveria ser baseada em entrevistas que avaliassem a coerência do discurso dos relatos das experiências de vinculação com a figura de vinculação precoce. Por outro lado Hazen e Shaver pensavam que deveria ser aplicado um instrumento de auto-relato centrado na qualidade da vinculação com os pares amorosos.

Esta discussão está longe de ser terminada pois os investigadores continuam a levar a cabo estudos em que são utilizadas as várias metodologias expostas.

### **Instrumentos de auto-relato**

Até se chegar a este tipo de instrumentos de avaliação da vinculação é importante referir alguns aspetos importantes em termos teóricos.

Hazan e Shaver (1987 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) começaram por conceptualizar uma avaliação categorial tendo em conta o funcionamento do sistema de vinculação em relações amorosas. Hazan e Shaver (1987 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) iniciaram os seus estudos naquilo que definiram como “vinculação romântica” e para isso adotaram as três tipologias de Ainsworth para conceptualizar as diferenças individuais no pensamento dos adultos, seus sentimentos e a forma como se comportam nas relações amorosas. Contudo, os estudos vieram a demonstrar que a avaliação dos padrões de vinculação no adulto, através das medidas de auto-relato, era melhor caracterizada em termos dimensionais (Fraley & Waller, 1998 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007).

Brennan e colaboradores (1998 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) demonstraram, através dos seus estudos, que as categorias baseadas em dimensões são mais precisas e mais informativas do que as classificações baseadas em medidas qualitativas, como acontece por exemplo, nos instrumentos de Hazan e Shaver – Protótipos de Vinculação Adulta (1987 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) e no Relationship Questionnaire (Bartholomew, 1991 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007), tal como veremos mais adiante.

Uma questão que se coloca é perceber se os padrões de vinculação no adulto são melhor conceptualizados e avaliados através de *categorias* ou *dimensões* (Fraley & Waller, 1998; Griffin & Bartholomew, 1994 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007). Autores como Fraley e Waller, em 1998, recomendam a utilização de medidas dimensionais por considerarem que as categoriais, por serem *estanques*, não refletem diferenças individuais acerca das relações dos sujeitos, podendo perder-se informações cruciais. A abordagem dimensional não atribui limites rígidos de pertença a um determinado grupo e, como tal, possibilita uma maior variabilidade de procedimentos estatísticos (Griffin & Bartholomew, 1994 *cit. in* Matos, 2002). Outra da questão que se coloca é o uso das avaliações discretas acerca dos padrões individuais de vinculação – seguro, ansioso ou preocupado, evitante ou desinvestido e amedrontado – ou pontuações contínuas dimensionais – modelo do próprio, modelo dos outros; ansiedade, evitamento. Mais uma vez se conclui que a análise dimensional é mais vantajosa (Fraley & Waller, 1998 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007).

Hazan e Shaver (1987 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) consideraram estudar o funcionamento do sistema de vinculação em relações amorosas acedendo ao mesmo através da utilização de instrumentos de auto-relato. Estas investigações colocaram uma maior ênfase na organização funcional do sistema de vinculação e respetivo papel no que

diz respeito à regulação comportamental das interações com os parceiros (Mikulincer & Shaver, 2007)

As medidas de auto-relato para aceder à vinculação dimensional avaliam a tendência para hiperativar/desativar o sistema de vinculação quando a disponibilidade/acessibilidade física ou simbólica da figura de vinculação é insuficiente (Mikulincer & Shaver, 2007). De acordo com o modelo descrito na figura 2, por exemplo, as pessoas que pontuam alto na dimensão da ansiedade tendem a aumentar a sua sensação de vulnerabilidade, a sua expressão de necessidade ou a sua raiva para com os parceiros. Pessoas que pontuam alto na dimensão evitamento tendem a diminuir a sua sensação de vulnerabilidade, suprimem qualquer tendência para expressar necessidade e fazem um esforço para continuarem sozinhos (Mikulincer & Shaver, 2007).

### **Entrevistas**

O uso de narrativas é baseado na ideia que os processos representacionais são refletidos na linguagem utilizada pelos indivíduos (Mikulincer & Shaver, 2007).

A avaliação da vinculação na idade adulta subentende duas dimensões centrais: a primeira está intimamente relacionada com os aspetos normativos do sistema de vinculação e respetiva importância na adultícia; a segunda, por outro lado relaciona-se com as diferenças individuais na organização da vinculação no relacionamento interpessoal (Canavarro *et al.*, 2006).

Assim, para um melhor esclarecimento do conceito de vinculação no adulto é importante: encontrar elementos que sejam congruentes entre a vinculação na infância e a vinculação que se vai estabelecendo em épocas posteriores (adolescência, jovem adultícia e adultícia); ser capaz de perceber as diferenças processuais que sucedem nas épocas da vida e, finalmente, diferenciar as relações de vinculação na idade adulta de outras que se desenvolvem nesse período (West & Sheldon-Keller, 1994 *cit. in* Canavarro *et al.*, 2006).

Para a avaliação na idade adulta foi efetuado um levantamento de alguns instrumentos existentes na literatura, os quais passamos a descrever de forma sintetizada e por categorias.

### **Entrevistas:**

- **Adult Attachment Interview (AAI):** Criada por George, Kaplan e Main (1984, 1985, 1996 *cit. in* Crowell *et al.*, 2008) para aceder aos modelos de segurança do próprio em relação à vinculação na sua generalidade. A AAI demonstrou que na adultícia, é bastante significativo classificar as representações mentais atuais (*current attachment state of mind*) - organização atual da vinculação, o que se distingue da, vinculação em

geral (Stevenson-Hiden, 2007). Em contraste com a situação estranha, que dá ênfase ao comportamento da criança, Main e colaboradores (1985 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) consideram-na como uma mudança existindo através dela um *salto* para o nível da representação. Entrevistaram adultos questionando-os acerca das suas experiências com as figuras de vinculação na infância. Eles estavam interessados não só nas respostas atuais das pessoas às questões, mas também em perceber as estruturas e processos afetivo-cognitivos acerca dessas experiências e de que forma foram permitindo, ou não, relatar informações que estariam na memória sobre a vinculação (Main *et al.*, 1985 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007).

Assim, a AAI é uma entrevista clínica, semi-estruturada, de natureza biográfica e pretende avaliar a segurança (de um modo global) do modelo interno da vinculação ou a própria segurança do *self* em relação a esta (George, Kaplan & Main, 1984, 1985, 1996, *cit. in* Crowell *et al.*, 2008; Mikulincer & Shaver, 2007; Soares, 2007). Na AAI o adulto é entrevistado acerca da sua visão no que diz respeito à relação com os seus pais e às experiências com os pais em que presumivelmente o sistema de vinculação era ativado (doença, separação), às experiências de perda e ainda ao significado que o adulto atribui a essas mesmas experiências (Crowell *et al.*, 1999 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007; Crowell *et al.*, 2008). Em suma, durante o decurso da entrevista, os indivíduos são convidados tanto a descrever as suas experiências de vinculação na infância (especialmente as suas primeiras relações com os pais ou figuras de vinculação), como a avaliar a influência dessas experiências sobre o seu desenvolvimento e funcionamento atual (Hesse, 2008). Todas as respostas são transcritas pelo entrevistador para posteriormente serem codificadas. A entrevista e respetivo sistema de codificação têm vindo a ser refinados ao longo dos anos.

Existe uma versão portuguesa, traduzida por Soares (1996 *cit. in* Mendes *et al.*, 2011) e, dois principais métodos de codificação: o sistema de codificação de Main e Goldwyn's e o o Adult Attachment Q-Sort (Kobak, 1993 *cit. in* Mendes *et al.*, 2011).

No método de Main e Goldwyn (1984-1998 *cit. in* Jongenelen, 2004), são avaliadas as experiências que o sujeito vivenciou com as figuras de vinculação na infância através de 5 escalas. De seguida, é avaliada a organização mental do sujeito em relação à vinculação com base em 9 escalas. Através dos valores atribuídos em cada escala classifica-se a entrevista de acordo com padrões ou categorias gerais de vinculação. As classificações estão divididas em dois conjuntos de escalas: escala de comportamento parental (separada para o pai e para a mãe) e a escala das representações mentais atuais. Os resultados são categorizados por vinculação segura, caracterizada pela autonomia e liberdade no que diz respeito à vinculação; e insegura caracterizada pela desvalorização e/ou preocupação em relação à vinculação (Mikulincer



& Shaver, 2007). A entrevista é analisada tendo em conta a qualidade da descrição dessas experiências, a capacidade narrativa (que seja fundamentada, credível e organizada) referente a essas experiências e respetivo significado. Para analisar as propriedades discursivas têm-se em conta 4 componentes, nomeadamente: qualidade (contar a verdade e existir um suporte para aquilo que é relatado); quantidade (ser capaz de sintetizar, mas ser completo); relação (ser importante para o tópico a que se refere) e a forma (ser um discurso claro e ordenado). Daqui resultam, à semelhança da AAI três categorias: categoria F (seguro/autónomo), categoria D (inseguro/desligado) e categoria E (inseguro/emaranhado ou preocupado), sendo que mais tarde surgiu outra inerente ao padrão não resolvido/desorganizado e ainda uma categoria designada de CC para os sujeitos não classificados em nenhuma das anteriores (Main & Goldwyn 1984 *cit. in* Faria *et al.*, 2007).

O Adult Attachment Q-Sort (Kobak, 1991 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) é um método alternativo para cotar a AAI. Este método dá ênfase à relação entre a regulação afetiva e a organização da vinculação, através da análise do recurso, por parte do indivíduo, a estratégias emocionais maximizadoras (hiperativação) ou minimizadoras (desativação). Para a cotação são necessários dois juízes, que irão cotar cada entrevista de um modo independente. Para tal utilizam uma distribuição forçada a 100 descritores dispersos por 9 categorias (da categoria 1 – caracteriza muito mal a entrevista à categoria 9 – caracteriza muito bem a entrevista). Por fim, a entrevista é avaliada em função do recurso, por parte do respondente, a uma estratégias de ativação ou desativação, bem como em função dos protótipos dos padrões seguro, desligado e preocupado (Kobak, 1993 *cit. in* Faria *et al.*, 2007).

A AAI apresenta boas características psicométricas, quer ao nível da fiabilidade como validade discriminante (Mendes *et al.*, 2011) e a sua elaboração “ (...) constitui o marcador do início dos estudos da vinculação na adolescência e idade adulta, trasladando o foco de análise para os aspetos internos e representacionais de vinculação” (Jongenelen, 2004, p. 115).

Saliente-se que descrevemos de uma forma mais pormenorizada este instrumento por ser aquele em se inspirou o instrumento que pretendemos adaptar neste trabalho – o PAAQ.

- **Current Relationship Interview** (CRI; Crowell & Owens, 1996 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) - está codificada para caracterizar o comportamento do entrevistado face ao problemas de vinculação; face ao comportamento do parceiro e discurso do entrevistado. É uma entrevista semi-estruturada que tem como objetivo avaliar a qualidade da representação das relações íntimas entre adultos. Centra-se na representação do *self* e do outro, sendo que o par romântico é assumido como uma

figura de vinculação. Tal como na AAI é valorizada a qualidade narrativa e a classificação da entrevista é realizada de acordo com os padrões de organização da vinculação identificados na AAI (Crowell, 1990 *cit. in* Faria *et al.*, 2007).

- **Protótipos de Vinculação Adulta de Hazan e Shaver** (1987, 1990 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) começaram por realizar estudos acerca do que designaram como estilos de vinculação romântica tendo adotado a terminologia de Ainsworth encontraram três estilos: evitante, seguro e ansioso. É solicitado aos sujeitos que recordem histórias das suas relações românticas e que exponham, qual das 3 descrições melhor relatam a forma como experienciam e agem, na generalidade, dessas mesmas relações.

- **Adult Attachment Projective** (George & West, 2001 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) – Consiste em mostrar 8 desenhos em que uma das cenas é de carácter neutro e as 7 restantes são alusivas a situações relacionadas com a vinculação (doença, solidão, separação, perda e abuso). Na entrevista é solicitado aos sujeitos que observem cada um dos desenhos e que a partir deles contem uma história. A entrevista é gravada, transcrita e codificada por entrevistadores com formação específica. Acede às mesmas classificações que a AAI e para a cotação são utilizadas as mesmas regras que na AAI.

- **Relationship Questionnaire (RQ):** Bartholomew (1991 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) criou um instrumento composto por quatro parágrafos descritivos dos quatro padrões propostos por Bartholomew e Horowitz (1991), verificando em qual destas o respondente perceciona enquadrar-se: seguro, amedrontado, preocupado e desinvestido. Nela constam descrições enquadradas teoricamente nos quatro protótipos de vinculação e tal como nos Protótipos de Vinculação Adulta de Hazan e Shaver (1987, 1990 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) os sujeitos escolhem a descrição que está mais adequada a si.

### **Instrumentos de auto-relato relacionados com a vinculação romântica**

- **Adult Attachment Questionnaire (AAQ):** Simpson, Rholes e Philips (1996 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) converteram as declarações de Hazan e Shaver em itens de tipo *likert* expandindo para 17 itens. Neste instrumento é solicitado aos sujeitos que classifiquem, numa escala de 0 a 7 pontos (varia do discordo totalmente ao concordo totalmente), de que forma cada item descreve a forma como se sentem em relação à sua relação amorosa. Em vez dos três estilos de vinculação que resultam da medida de Hazan & Shaver (1987, 1990 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007), resultam deste instrumento duas dimensões: ansiedade e evitante.

- **Caregiving Questionnaire (Kunce & Shaver, 1994 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007):** pretende avaliar a qualidade da vinculação ao par romântico, através de

32 itens, sendo solicitado ao sujeito que classifique em que medida as afirmações o descrevem, numa escala de 1 (Não é de modo algum descritiva de mim) e 6 (muito descritiva de mim). Deste modo surgem 4 possíveis padrões, nomeadamente: proximidade, sensibilidade, cuidador controlador (*controlling caregiving*) e cuidador compulsivo.

- **Questionário de Vinculação Amorosa (QVA, Matos, Cabral & Costa, 2008):** que descrevemos no ponto 4, do capítulo IV do presente trabalho.

### **Instrumentos de auto-relato relacionados com relações próximas no geral**

- **Adult Attachment Scale (AAS):** Collins e Read (1990 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) criaram esta escala, com 18 itens, baseada nas descrições de Hazan e Shaver para avaliar as relações passadas e presentes e como o sujeito se sente na generalidade das relações. Em 1997, Canavarro realizou os primeiros estudos psicométricos relativamente a esta escala, que na versão portuguesa assume a designação de Escala de Vinculação do Adulto - EVA. Das análises fatoriais efetuadas em vários estudos surgiram, de acordo com o modelo de Hazan e Shaver (1987 *cit. in* Canavarro *et al.*, 2006) os seguintes padrões: Ansiedade/ conforto com a proximidade e confiança nos outros.

- **Attachment Style Questionnaire (AQS):** Fenney, Noller e Hanrahan (1994 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) construíram este questionário para avaliar os padrões de vinculação no adulto e construíram-no de modo a que fosse passível de aplicar em adolescentes apesar de estes terem pouca experiência em relações românticas. Apresenta um total de 40 itens e os participantes respondem (numa escala de concordância que varia de 1 a 6) em que medida os itens descrevem os seus sentimentos e comportamentos em relações próximas, mas não necessariamente românticas. Da análise fatorial resultaram cinco fatores: falta de confiança (em relação ao próprio e aos outros), desconforto perante a proximidade, necessidade de aprovação e confirmação dos outros, preocupação com as relações e “visão” das relações como secundárias.

- **Experiences in Close Relationship Scale (ECR, Brennan *et al.*, 1998 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007):** escala de 36 itens em que os sujeitos devem referir como se sentem nas suas relações próximas (par romântico, amigos chegados ou familiares), numa escala de concordância que varia do 1 ao 7. Deste instrumento resultam dois fatores: vinculação evitante e vinculação ansiosa. Este instrumento também existe adaptado e validado para a população portuguesa através de estudos levados a cabo por Moreira, Lind, Santos, Moreira, Gomes, Justo, Oliveira, Filipe e Faustino (2006), entre outros.

- **Relationship Styles Questionnaire (RSQ):** Griffin e Bartholomew (1994 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) criaram este questionário com 30 itens que permitem classificar o respondente num dos quatro padrões de vinculação: seguro, preocupado, desinvestido e amedrontado ou em função de duas dimensões compósitas, o modelo de si ou ansiedade e o modelo do outro ou evitamento.

**Instrumentos de auto-relato que avaliam a vinculação atual aos pais e outras figuras de vinculação**

- **Inventory of Parent and Peer Attachment (IPPA):** elaborado por Armsden e Greenberg (1997 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007; Crowell *et. al.*, 2008), tem como principal objetivo aceder às percepções dos adolescentes acerca das suas relações com os pais e amigos. É constituído por 25 itens e da análise fatorial resultaram três fatores: confiança mútua, qualidade da comunicação e grau da raiva e alienação. O IPPA já foi usado em vários estudos portugueses (e.g., Figueiredo & Machado, 2010; Matos, 2002).

- **Reciprocal and Avoidant Attachment Questionnaires for Adult (RAQA):** operacionaliza vários aspetos da vinculação na idade adulta, nomeadamente: procura de proximidade, protesto de separação, medo da perda, disponibilidade e confiança (Crowell *et al.*, 2008; Mikulincer & Shaver, 2007). Uma característica incomum presente neste instrumento é o facto de ser solicitado ao sujeito para responder às questões pensando numa pessoa que possa ser considerada como figura de vinculação, independentemente da idade ou parentesco.

- **Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM, Gouveia & Matos, 2011; Matos & Costa, 2011):** que descrevemos no ponto 4 do capítulo IV.

**Instrumentos de auto-relato que avaliam as percepções acerca das experiências precoces de vinculação aos pais e outras figuras de vinculação**

- **Mother-Father Peer Scale (MFP):** elaborada por Epstein (1983 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007) é destinada a adolescentes e adultos e o objetivo é aceder a lembranças da infância com os seus pais. Apresenta três escalas: aceitação e rejeição; idealização defensiva; e independência e superproteção.

- **Attachment History Questionnaire (AHQ):** elaborada por Poltharst e Kessler (Crowell *et al.*, 2008; 1982 *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007;) pretende aceder à história familiar e memórias de vinculação (perdas, divórcio parental, separação dos pais), aos padrões de interação familiar, técnicas parentais de disciplina, história de relações de amizade e suporte social. É composta por 51 itens e deles resultam quatro fatores: base segura, disciplina parental, ameaças de separação e suporte afetivo dos pares.

Neste capítulo foram abordados aspetos relacionados com a avaliação da vinculação e terminámos com uma breve síntese dos instrumentos existentes. A investigação na área da vinculação tem evoluído de uma forma exponencial nomeadamente através da adaptação e/ou construção de vários instrumentos subordinados a este tema, abrangendo várias fases do ciclo vital em amostras normativas e em amostras clínicas e abrangendo várias tipologias de figuras de vinculação.

O instrumento que pretendemos adaptar – PAAQ – constitui um passo importante na avaliação da vinculação na jovem adultícia e adultícia por ser um instrumento que avalia as perceções atuais dos jovens adultos/adultos acerca das experiências precoces de vinculação. Paralelamente pretende avaliar o impacto das mesmas na representação atual da vinculação. Nenhum dos instrumentos acima referidos abrange estas questões da vinculação, pelo que consideramos que o PAAQ poderá trazer inovações importantes para o estudo da vinculação em Portugal.

## **CAPÍTULO IV – MÉTODO**

Neste capítulo são abordados aspetos inerentes ao processo de tradução e adaptação do instrumento, definem-se os objetivos a que nos propusemos, descreve-se o processo de recolha de dados e caracterizam-se os participantes do estudo. É ainda realizada uma breve descrição dos instrumentos utilizados e uma descrição mais detalhada do PAAQ, uma vez que este constitui o instrumento alvo de adaptação.

### **1. OBJETIVOS DO ESTUDO**

Qualquer investigação requer o estabelecimento de objetivos, pelo que passamos a enumerar os objetivos a que nos propomos com a presente investigação.

Os objetivos centrais do presente estudo são:

1. Adaptar o instrumento de auto-relato PAAQ (Lichtenstein & Cassidy, 1991), para uma população de jovens adultos.
2. Realizar um estudo e análise das suas qualidades psicométricas, nomeadamente: análise da sensibilidade dos itens, análise fatorial exploratória, análises de consistência interna e análise das correlações com outros instrumentos.

---

37

A opção por realizar a adaptação e o estudo psicométrico preliminar do PAAQ tem como propósito dar resposta à necessidade de instrumentos de avaliação de experiências de vinculação precoce, dirigidos a adolescentes, jovens adultos e adultos. Como temos vindo a demonstrar, muitos são os instrumentos que avaliam a vinculação, existindo inclusivamente bastantes com versões portuguesas adaptadas; contudo nenhum deles avalia as recordações dos adolescentes, jovens adultos e adultos acerca da vinculação com as primeiras figuras de vinculação. Esta necessidade ficou evidente no capítulo III, ponto 2, do enquadramento teórico deste trabalho.

### **2. PARTICIPANTES**

Neste estudo, de tipo quantitativo, participaram 601 jovens adultos, dos quais 95,7% ( $n = 575$ ) são estudantes e 4,3% ( $n = 26$ ) não se encontram a estudar. Têm idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ( $M = 21,30$ ;  $DP = 2,331$ ), sendo que a idade mais frequente é 20 anos ( $n = 134$ ; 22,4%). Mais de metade dos participantes são do sexo feminino 63,5% ( $n = 379$ ; 36,5%;  $n = 218$ , sujeitos do sexo masculino). O agregado

familiar da maioria dos sujeitos é constituído pelos os pais<sup>4</sup> (n = 402, 81,2%). Existem ainda outras configurações de agregado familiar (n = 93; 18,7%): só com o pai ou só com a mãe (n = 24; 4,8%), só com o pai ou a mãe e irmãos e/ou avós (n = 29; 5,9%), com outros familiares e não familiares (n = 13; 2,6 %), havendo ainda 17 sujeitos (3,4%) que vivem sozinhos, entre outras configurações. Em 85% (n = 482) dos casos os pais dos jovens inquiridos são casados, 9,9% vivem em união de facto (n = 5), 9,9% são divorciados (n = 59), 3,2% são viúvos (n = 18) e 1,1% são solteiros (n = 6). Nesta amostra, a maioria dos estudantes não é deslocada (n = 341, 60%), embora exista ainda uma proporção assinalável de estudantes que são deslocados (n = 227, 40%). No que diz respeito aos estudantes deslocados, 67% (n = 150) vivem em apartamento com colegas e 3,6% (n = 8) em residência universitária. Em relação à regularidade com que regressam a casa, 74,7% (n = 168) fazem-no todos os fins de semana, 16% (n = 36) fazem-nos numa frequência de uma a duas vezes por semana, 7,1 % (n = 16) nas férias letivas e, por fim, apenas 2,2 % (n = 5) regressam nas férias de verão.

Os dados foram maioritariamente recolhidos presencialmente, junto de estudantes de três instituições do ensino superior público e privado, em Viseu e no Porto, nomeadamente na Centro Regional das Beiras da Universidade Católica Portuguesa — UCP (n = 64; 10,6%), na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viseu – IPV (n = 232; 38,6%) e na Universidade Lusófona do Porto – ULP (n = 180; 30%). Para além deste método de recolha de dados foi ainda construída uma versão *online* do protocolo de investigação, através da qual se recolheram 10% (n = 60) dos dados, e utilizado o método de *bola de neve*<sup>5</sup> (Marôco, 2007) que resultou em 10,8% (n = 65) de respostas. Pode assim dizer-se assim que a amostra é essencialmente de conveniência.

Os critérios de inclusão dos sujeitos na amostra foram: ter idades compreendidas entre os 18 e 30 anos (por esta ser a faixa etária que teoricamente se considera como equivalente à etapa desenvolvimental da jovem adultícia); terem sido cuidados por ambos os pais ou pela mãe e/ou outro cuidador e, por último, a coerência das respostas relativamente à identificação dos cuidadores (foram apenas incluídos os participantes cujas respostas ao longo do protocolo são coerentes e estáveis ao definirem os pais como figuras principais na prestação dos primeiros cuidados na infância). Devido aos

---

<sup>4</sup> Vivem com os pais e outros (n = 259, 52,3%) e vivem apenas com os dois pais (n = 143, 28,9%).

<sup>5</sup> Foram distribuídos os questionários constituintes do protocolo de investigação a sujeitos do círculo de conhecidos dos investigadores, bem como de alguns estudantes da ULP que participaram, desta forma, no processo de recolha de dados. Para garantir a confidencialidade dos dados os protocolos eram entregues juntamente com um envelope. Posteriormente os sujeitos entregavam o protocolo preenchido dentro do mesmo envelope selado.

critérios estabelecidos para a sua inclusão na amostra, alguns sujeitos foram excluídos à *posteriori*, por não reunirem os critérios exigidos.

### **3. PROCEDIMENTO**

Para a concretização deste projeto de investigação foi necessário ter em conta aspetos de carácter ético e deontológico. Primeiramente, e por questões de ordem ética relacionado com a autoria intelectual, foi solicitada a autorização para a adaptação e administração do instrumento à autora principal (Jude Cassidy), sendo que a resposta foi afirmativa.

A recolha de dados foi precedida pelo pedido de autorização para a recolha de dados junto das instituições de Ensino Superior: ULP, UCP e IPV. Mais ainda foram elaborados, distribuídos e recolhidos consentimentos informados para todos os participantes do estudo. Assim, foram elaborados consentimentos informados para as instituições (anexo 1) e para os participantes (anexo 2), onde são explicados os objetivos do estudo, bem como o carácter voluntário da participação e confidencial e anónimo da recolha e do tratamento de dados.

A recolha em contexto turma decorreu durante os meses de Abril e Maio de 2013. O procedimento utilizado para a seleção da presente amostra foi, tal como já referido, o de amostragem por conveniência, uma vez que usamos grupos de sujeitos inseridos, neste caso, em turmas de jovens universitários (Coutinho, 2011).

Os investigadores devem garantir que o processo de recolha de dados permita a utilização de técnicas estatísticas adequadas e devem antecipar possíveis problemas, pelo que devem tomar decisões aquando da preparação do material (International Test Commission, 2010). Tendo em consideração estas orientações, foram efetuadas várias versões do protocolo, com os questionários colocados em ordens distintas, de forma a evitar que possíveis enviesamentos, decorrentes do efeito de fadiga e da adopção de uma rotina de resposta, se verificassem sempre no(s) mesmo(s) questionário(s), risco potencial caso existisse apenas uma versão.

Para além disso constam na amostra jovens adultos não estudantes. A recolha destes dados foi efetuada através do protocolo *online* e através da metodologia da bola de neve.

### **4. INSTRUMENTOS**

Para o presente estudo foram escolhidos um conjunto de instrumentos de auto-relato, considerando os objetivos a que nos propusemos e o desenho metodológico adotado para esta investigação. Os critérios que levaram à inclusão destes instrumentos



foram: permitir testar a validade de construto através de análises da validade concorrente e convergente e, consequente análise das correlações com os construtos avaliados pelos instrumentos escolhidos.

Foi também construído um Questionário Sociodemográfico (QSD, anexo 3) direcionado para questões de cariz sociodemográfico que considerámos pertinentes para o presente estudo. Foi solicitada, aos respetivos autores, a autorização dos outros instrumentos constituintes do protocolo necessário à adaptação do PAAQ, nomeadamente QVPM (Matos & Costa, 2011), ACE (Pinto & Maia, 2013) e QVA (Matos, Cabral & Costa, 2008). A utilização de instrumentos de auto-relato tem como vantagens o facto de permitir avaliar uma ampla quantidade e variedade de variáveis, para além de que constituem uma boa opção em termos de recursos temporais e económicos, visto que foi nossa pretensão abarcar um número elevado de participantes, através da recolha de dados em instituições de ensino superior distintas (num contexto grupo-turma), através da internet e da metodologia *bola de neve*.

- **QSD:** construído especificamente para esta investigação e submetido a reflexão falada. É constituído por questões relacionadas com a idade, sexo, agregado familiar, se os estudantes são deslocados (no caso de o serem também são questionados acerca da regularidade com que vão a casa e onde vivem em tempo de aulas), e escolaridade e situação profissional da mãe e do pai.

- **QVA (Matos, Cabral & Costa, 2008):** este instrumento foi escolhido para o presente estudo, por ter sido utilizado em vários estudos portugueses, verificando-se que apresenta qualidades psicométricas estáveis (Barbosa, Matos & Costa, 2011; Carvalho, 2011; Matos, Barbosa & Costa, 2001). Para além disso avalia igualmente a vinculação para com o par amoroso e permitirá, por isso, averiguar se existem correlações entre a vinculação estabelecida na infância com os cuidadores primários e a posterior qualidade da vinculação amorosa. É um instrumento desenvolvido para a população portuguesa e tem como objetivo avaliar as perceções dos adolescentes, jovens adultos e adultos acerca da vinculação com seu parceiro amoroso (atual ou passado), através de quarenta itens<sup>6</sup>, numa escala de tipo *likert*, com uma extensão variável entre zero e seis pontos, que vai desde o “*discordo totalmente*” ao “*concordo totalmente*”. Avalia quatro dimensões, nomeadamente: Confiança, Dependência, Evitamento e Ambivalência (Barbosa, Matos & Costa, 2011).

- **QVPM (Matos & Costa, 2001, versão revista):** Mais uma vez optamos pela escolha deste instrumento, pelo facto de este já ter sido utilizado em vários estudos

---

<sup>6</sup> A versão adotada neste estudo foi adaptada com base nas versões integral e breve. No caso das dimensões com níveis mais elevados de consistência interna optou-se pelo conjunto de itens que compõem a versão breve, já no caso das dimensões com valores mais baixos de consistência interna optou-se pela inclusão de um maior número de itens.

portugueses e por se verificar que é um instrumento com boas qualidades psicométricas (Assunção, 2009; Cabral, 2011; Gouveia & Matos, 2011; Matos, 2002). Este instrumento, composto por trinta itens que traduzem questões relacionadas com as relações com as figuras parentais, tem como principal objetivo avaliar a qualidade da vinculação com cada uma destas mesmas figuras, no momento atual, ou seja aquando do preenchimento do questionário. A forma de resposta aos itens é composta por uma escala de tipo *likert* de seis pontos, que varia do “*discordo totalmente*” ao “*concordo totalmente*”. Cada um dos itens deve ser respondido em separado, para o pai e para a mãe.

O QVPM avalia a vinculação para cada uma das figuras separadamente, ou seja, avalia a qualidade da vinculação com a mãe e a qualidade da vinculação com o pai. Esta vinculação é avaliada tendo em conta três dimensões: Inibição da Exploração e Individualidade, Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação (Cabral, 2011). A Inibição da Exploração e Individualidade fornece informações acerca de como os pais são percebidos como intrusivos ou em contraposição com a percepção de serem incentivadores de comportamentos exploratórios e de autonomização. A Qualidade do Laço Emocional reflete a confiança e proximidade emocional com os pais. Já Ansiedade de Separação avalia/diz respeito ao medo da perda e do abandono.

- **ACE (Pinto & Maia, 2013):** A escolha deste instrumento deve-se ao facto de importar estabelecer correlações entre possíveis experiências precoces de adversidade na relação em criança e/ou adolescente com os cuidadores primários e experiências negativas de vinculação nas relações estabelecidas com as mesmas figuras.

Silva e Maia (2008) elaboraram a versão portuguesa deste questionário, sendo que a versão original foi desenvolvida por Felitti e Anda (1998 *cit. in* Silva e Maia, 2008). Este questionário avalia 10 categorias de experiências adversas na infância. Está organizado por duas áreas distintas: uma relativa a experiências contra a criança e outra relativa a disfunções familiares (Pinto & Maia, 2013; Silva & Maia, 2008/2010). A escala de resposta varia em função do tipo de questão, incluindo o ACE escalas de *likert* de 6 pontos que avaliam, na maior parte dos casos, a frequência com que foram experienciados determinados acontecimentos. Bem como escalas de resposta dicotómicas (“Sim” e “Não”). O instrumento revela boas qualidades psicométricas (Pinto & Maia, 2013; Silva & Maia, 2008/2010).

- **Perceptions of Adult Attachment Questionnaire (PAAQ, Lichtenstein & Cassidy, 1991)** - A escolha deste instrumento para adaptação, prende-se com o facto de não existirem instrumentos adaptados para a população portuguesa que avaliem a percepção dos adolescentes e/ou adultos acerca das suas experiências precoces de vinculação (recordações referentes às idades compreendidas entre os 3 a 8 anos). Em Portugal, têm sido efetuados vários estudos de desenvolvimento de instrumentos de

avaliação da vinculação (Canavarro *et al.*, 2006; Gouveia & Matos 2011; Jongenelen, 2004; Maia & Veríssimo, 2011; Matos, 2002) que avaliam a vinculação e suas *variações* em função do contexto relacional (vinculação amorosa, aos pais, aos pares), mas nenhum avalia as percepções do adulto ou jovem adulto, relativamente às experiências precoces.

Um dos instrumentos validados para a população adulta em Portugal é a EVA (Canavarro *et al.*, 2006). Este instrumento, tal como já foi referido, tem a particularidade de avaliar a qualidade atual da vinculação do adulto no que diz respeito a relações próximas no geral e não tem como objetivo a avaliação da percepção que estes têm acerca da vinculação na infância. O mesmo se pode afirmar em relação ao QVPM (Gouveia & Matos, 2011) que é um instrumento que avalia as representações atuais da vinculação de adolescentes e jovens adultos em relação aos seus pais, separadamente. No entanto, no caso do QVPM, a formulação de alguns itens, parece em alguns casos implicar a articulação das percepções passadas e atuais (Cabral, 2011). De resto, a qualidade das relações de vinculação presentes é também influenciada pelas interações passadas e precoces (Mikulincer & Shaver, 2002 *cit. in* Cabral, 2011).

O PAAQ, por sua vez, é um instrumento que permite compreender a qualidade das interações de vinculação que os adolescentes, jovens adultos ou adultos percecionam ter estabelecido com as suas figuras de vinculação em idades precoces, bem como perceber as consequências da mesma nas percepções atuais dos laços afetivos estabelecidos com os seus principais cuidadores.

O PAAQ é um questionário multidimensional que pretende medir mais do que uma faceta do construto de vinculação, apresentando, por isso, várias dimensões ou fatores (Almeida & Freire, 2008). Este instrumento apresenta um total de 60 itens, que têm como objetivo avaliar dois aspetos fundamentais da vinculação:

1. a percepção individual face experiências precoces de vinculação com o primeiro cuidador (habitualmente a mãe);
2. o estado atual da organização mental do sujeito, ou seja, representação actual da vinculação (Cassidy *et al.*, 2009).

Estes dois aspetos são avaliados através de oito subescalas, que avaliam oito dimensões da vinculação. Na versão original, este questionário foi construído tendo por base/inspiração o sistema de cotação da AAI (AAI; George *et al.*, 1984, 1985 *cit. in* Cassidy *et al.*, 2009) de Main e Goldwyn's (1984 *cit. in* Cassidy *et al.*, 2009) e a teoria de vinculação de Bowlby (1969/1982, 1980, 1988 *cit. in* Cassidy *et al.*, 2009).

A AAI, tal como já mencionamos no Capítulo III, é uma entrevista semi-estruturada de tipo clínico (Soares, 2007) e

procura abordar um conjunto de temas que traduzem as principais questões da vinculação. A partir de uma descrição das relações com as figuras de vinculação na infância, o sujeito é questionado sobre as suas reacções e as das suas figuras parentais em situações específicas. (Jongenelen, 2004, p. 103).

As classificações da AAI baseiam-se em dois conjuntos de escalas: uma acerca do comportamento parental (baseada em experiências da infância com cada um dos pais) e outra acerca da perspetiva atual dessas experiências. As escalas do primeiro conjunto são: Amor, Rejeição, Negligência, Envolvimento. As escalas do segundo conjunto são: Idealização, Insistência na Falta de Memória, Raiva Ativa, Desvalorização, Medo da Perda, Monitorização Metacognitiva e Passividade do Discurso (Mikulincer & Shaver, 2007).

Na versão portuguesa, segundo Soares (2007), as dez dimensões são: Afeto, Rejeição, Incentivo à Realização, Negligência, Inversão de Papéis, Coerência, Idealização, Irritação com os Pais, Insistência na Incapacidade de Recordar a Infância e Luto Não Resolvido.

Seis das subescalas do PAAQ - Rejeição, Amor, Inversão de Papéis, Raiva, Desvalorização e Sem memória -, são equivalentes a seis dimensões da AAI (Huth-Bocks, Levendosky, Bogat & von Eye, 2004), nomeadamente às escalas: Afeto, Rejeição, Incentivo à Realização, Negligência, Inversão de Papéis, Incapacidade de se Recordar da Infância e Luto não Resolvido.

O questionário PAAQ, na versão original, tem uma escala tipo *likert* de concordância de um a cinco pontos - “*discordo totalmente*” (1), “*discordo*” (2), “*neutro*” (3), “*concordo*” (4) e “*concordo totalmente*” (5) -, de forma a que os indivíduos possam definir a extensão de concordância perante cada afirmação.

Três das subescalas, nomeadamente as referentes às dimensões Rejeição, Amor e Inversão de Papéis, dizem respeito a percepções relativas às relações de infância com o primeiro cuidador (experiências precoces de vinculação). Ou seja nestas subescalas é realizada uma análise retrospectiva das vivências da pessoa.

As restantes cinco subescalas, Vulnerabilidade (*Vulnerability*), Integração da Experiência Negativa (*Balancing/Forgiving*), Raiva (*Angry*), Desvalorização (*Derogating/Dismissing*) e Sem memória (*Reporting no Memory*), estão relacionadas com a *organização* ou representação atual do sujeito em relação à vinculação.

As pontuações são derivadas do cálculo da média das respostas aos itens que compõe cada subescala e, portanto, o intervalo de *pontuações* possíveis para cada subescala situa-se entre um e cinco.

Após a descrição do instrumento, considera-se importante mencionar alguns estudos efetuados, bem como refletir acerca dos seus respetivos resultados.

Nos estudos realizados com o PAAQ têm sido reportadas boas propriedades psicométricas (embora, em alguns casos, algumas escalas revelem índices de consistência interna abaixo do desejável), nomeadamente:

- Um estudo de validação com 247 estudantes (Lichtenstein & Cassidy 1991, *cit. in* Cassidy *et al.*, 2009) revela valores de consistência interna que variam de .62 a .90 (Rejeição/Negligência, com  $\alpha = .87$ ; Amor com  $\alpha = .87$ ; Inversão de Papéis com  $\alpha = .79$ ; Vulnerabilidade com  $\alpha = .71$ ; Integração da Experiência Negativa com  $\alpha = .70$ ; Desvalorização com  $\alpha = .62$  e Sem Memória com  $\alpha = .90$ );

- Num estudo longitudinal em que foram utilizados seis das oito subescalas (Huth-Bock *et al.*, 2004), com uma amostra de 206 mulheres grávidas (que pretendeu estudar os efeitos da violência doméstica), os resultados da consistência interna variaram de .49 a .93 (Rejeição com  $\alpha = .91$ ; Amor com  $\alpha = .92$ ; Raiva com  $\alpha = .79$ ; Desvalorização com  $\alpha = .49$ ; Vulnerabilidade com  $\alpha = .65$  e Sem Memória com  $\alpha = .93$ );

- Um estudo com 69 pacientes com Perturbação de Ansiedade Generalizada (PAG) os valores de consistência interna encontrados variam de .41 a .94 (Rejeição com  $\alpha = .89$ ; Amor com  $\alpha = .87$ ; Raiva com  $\alpha = .83$ ; Desvalorização com  $\alpha = .41$ ; Vulnerabilidade com  $\alpha = .81$ ; Inversão de Papéis com  $\alpha = .81$ ; Integração da Experiência Negativa  $\alpha = .63$  e Sem Memória com  $\alpha = .94$ ).

Foi igualmente encontrada uma boa validade de construto, tendo sido reportadas correlações significativas entre o PAAQ e a AAI, com exceção nas subescalas relativas à Desvalorização e Inversão de Papéis (Huth-Bocks *et al.*, 2004).

Tal como será descrito em seguida, com base nos procedimentos específicos para adaptação, foram realizadas algumas alterações ao instrumento, para que este mantivesse as características da versão original. Assim, a versão portuguesa do PAAQ (anexo 4), passou a ser constituído pela Parte I, onde constam os itens acerca das experiências precoces de vinculação dos sujeitos com os seus cuidadores primários e pela Parte II, para onde foram transferidos os itens relativos à representação atual dos sujeitos em relação à vinculação. Manteve-se a escala de tipo *likert*, embora esta também tenha sofrido algumas modificações, tendo a extensão de resposta passado a variar de um ponto aos seis pontos, ou seja, do “*discordo totalmente*” (1) ao “*concordo totalmente*” (6), tendo-se acrescido as opções “*discordo moderadamente*” e “*concordo moderadamente*”. A opção “*neutro*” (*nem concordo, nem discordo*), da versão original, passou a constituir, nesta adaptação, a opção “Não se aplica”, que na versão portuguesa, passará a ser a opção de resposta para os sujeitos que nas frases em que concordam apenas com uma das partes da mesma. Esta opção é apenas disponibilizada nos itens que têm frases com duas afirmações.

Para além disso, considerou-se pertinente avaliar as percepções de vinculação acerca de duas figuras de vinculação e não apenas de uma só (embora neste estudo se tenha analisado estatisticamente apenas os resultados referentes à mãe), como consta na versão original, optando-se por colocar duas colunas, à frente de cada item, para que os sujeitos pudessem identificar dois cuidadores que haviam sido os prestadores primários e principais na sua infância. Assim, na adaptação portuguesa e, tendo em conta a revisão da literatura acerca da vinculação optou-se por avaliar a vinculação relativamente às duas principais figuras de vinculação (cuidadores) presentes, na vida do sujeito, nas idades dos três aos oito anos, que geralmente são o pai e a mãe. Na versão original, apenas consta a relação com uma figura, a mãe. Portanto, optou-se por colocar à frente de cada item duas colunas para que os sujeitos pudessem responder tendo em conta duas figuras de vinculação, que podem ser, o pai e a mãe, ou outros, pelo que em cima de cada coluna os sujeitos devem identificar a figura a quem se reportam. Foram também feitas algumas alterações relacionadas com a tradução dos itens e no final do questionário acrescentou-se a questão “Atualmente mantém contacto com ambas as figuras a que se reportou?”, no sentido de se verificar se o sujeito ainda se relaciona com as figuras de vinculação.

##### **5. PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO DO PERCEPTIONS OF ADULT ATTACHMENT QUESTIONNAIRE (PAAQ; LICHENSTEIN & CASSIDY, 1991)**

---

45

A adaptação de instrumentos de índole psicológica é um processo complexo e que necessita de rigor metodológico (Borsa, Damásio, & Bandeira, 2012). A adaptação de um instrumento abarca todos os processos inerentes à sua adequação cultural e não se limita à mera tradução dos itens, sendo esta apenas o primeiro passo do processo (Hambleton, 2005 *cit. in* Borsa *et al.*, 2012). De modo a cumprir os objetivos a que nos propusemos foi essencial a tradução do PAAQ da língua Inglesa (americano) para a língua Portuguesa. A tradução consistiu na análise e tradução das instruções solicitadas e de cada um dos itens, comparando e articulando as expressões em língua inglesa com as respetivas dimensões, de modo a ser efetuada uma tradução o mais adequada possível à cultura e língua portuguesa e, por outro lado, que mantivesse a equivalência semântica, idiomática e de construto (ICT, 2010). Tendo em conta que existem várias expressões sem tradução direta e/ou que no caso Inglês têm outros significados, a tradução linear não permitiria assegurar a adequada formulação portuguesa dos itens porque pode resultar em frases incoerentes e pouco compreensíveis (Hambleton, 1994, 2005 *cit. in* Borsa *et al.*, 2012).

Após esta tradução, o questionário foi enviado para e discutido com duas especialistas, uma na área da vinculação e outra na área da metodologia de investigação em psicologia, de modo a ser avaliada a adequação da tradução dos itens, respetivo enquadramento nas várias dimensões e ainda verificar se a tradução de cada item estaria de acordo com o aspecto e/ou dimensão em específico que o mesmo item no original se propunha a avaliar (Gudmundsson, 2009). Na discussão com as especialistas os principais temas debatidos e alvo de reflexão foram: itens específicos que pudessem ser dúbios; instruções que pudessem ser menos claras para os sujeitos (nomeadamente a questão relativa à opção do “*Não se aplica*”); numeração da escala *tipo likert*; identificação dos prestadores de cuidados (se seria preferível ser de resposta fechada ou aberta); a divisão ou não do questionário em duas partes (uma relativa a experiências passadas e outra relativa a questões mais atuais) e ainda questões inerentes à formatação do questionário (se a forma de resposta relativa pai e à mãe, seria mais perceptível em forma de colunas ou em forma de frases para cada um individualmente). Os contributos da consulta a especialistas foram articulados e tomados em consideração na elaboração da versão para a reflexão falada. Da articulação surgiram modificações em algumas expressões inerentes às instruções e tradução dos itens (de modo a possibilitar uma maior compreensão por parte dos sujeitos). Considerou-se ainda pertinente incluir a opção de resposta “*Não se aplica*”. Na identificação dos cuidadores optou-se pela questão aberta (de forma a não limitar as respostas dos sujeitos). O questionário ficou dividido em duas partes e considerou-se como opção de organização dos itens as colunas, em detrimento das frases intercaladas. Finalmente, a fim de facilitar o processo de resposta, optou-se pela manutenção da divisão do questionário em duas partes: uma relativa aos itens referentes a questões de vinculação no passado (experiências precoces de vinculação) e outra relativa as representações atuais acerca da mesma; esta estrutura acabou por se manter na versão final adaptada, como veremos com maior pormenor mais adiante.

Depois de elaborada, uma primeira proposta de versão final foi sujeita a uma administração em contexto de reflexão falada.

A reflexão falada é um procedimento que consiste em partilhar e discutir as impressões relativamente a vários aspetos do instrumento, junto de um grupo de sujeitos com características semelhantes à da população-alvo após o processo de preenchimento do questionário (ITC, 2010). Tem como objetivo validar as questões relativas à compreensão e adequação dos itens e permite ainda ter uma estimativa do tempo de preenchimento do questionário. O investigador poderá fazer questões como: “A linguagem é adequada?”; “A linguagem é acessível?”; “As instruções são claras?”; “Os itens são claros?”; “Qual o sentido e a interpretação que fazem dos itens?”. Nesta

metodologia é dada abertura aos sujeitos para darem sugestões relativamente a aspetos que consideram merecer alterações (e.g., expressões pouco apropriadas para a população-alvo). Posteriormente deverá ser analisado tudo o que foi discutido para que se possam aplicar as conclusões (Cabral, 2011).

A reflexão falada foi realizada com dois grupos de jovens: um grupo constituído por estudantes da ULP (n=17) e outro grupo constituído por estudantes universitários de Viseu (n=9). Sendo que os mesmos participaram voluntariamente após serem informados dos objetivos do estudo. Foi elaborado um roteiro para a reflexão falada para que a investigadora as pudesse conduzir de forma organizada (anexo 5). Após a concretização das mesmas foram compilados os resultados, que vieram a dar origem à versão final do PAAQ.

Na sequência da reflexão falada foram, assim, introduzidas algumas modificações no instrumento tendo como base as conclusões resultantes da mesma. Saliente-se que o QSD também foi analisado através desta metodologia em conjunto com o PAAQ. Com base nos resultados foram realizadas algumas modificações no questionário, principalmente no que diz respeito a questões relacionadas com a confidencialidade (QSD) e com as instruções do PAAQ, uma vez que a instrução relativa à opção de resposta “Não se aplica” gerou algumas dúvidas. Optou-se por colocar esta instrução em forma de “Nota” e por manter esta opção de resposta, uma vez que a mesma serve para os itens em que o sujeito concorda apenas com uma das partes da frase e que se percebeu que, na sua ausência, os sujeitos tenderiam a responder “discordo totalmente” o que criaria um enviesamento dos resultados. Esta opção surge apenas nos itens constituídos por frases que contêm duas ideias, em que o sujeito pode concordar apenas com uma delas. É o caso do item 6 da 1ª parte, “Durante a minha infância, embora a minha mãe/meu pai me fizesse sentir muito bem, por vezes, conseguia fazer-me sentir destruído (a)”, pois o sujeito pode considerar que na infância os cuidadores o faziam “sentir muito bem”, não considerando em nenhum momento que se tenha sentido “destruído” por eles.

Nas instruções do PAAQ também se tentou especificar, de uma forma mais clara, aqueles que devem ser entendidos como “cuidadores”. Na reflexão falada foi ainda debatida a questão de o questionário ter colunas separadas de resposta para cada um dos cuidadores e se este modo de resposta era mais adequado do que ter um item igual e repetido modificando-se apenas o sujeito (pai e mãe). Os estudantes foram unânimes ao referir que as colunas facilitam o processo de resposta, pelo que se optou por este formato.

Finalmente, foram ainda discutidas questões relativas à semântica e formulação de alguns itens, tendo daqui resultado a alteração de alguns deles no sentido de os tornar



mais inteligíveis e de assegurar que eram compreendidos no sentido pretendido, tal como é sugerido pelo ITC (2010), (e.g., o item 6 para a versão da reflexão falada estava formulado da seguinte forma, explicitando a possibilidade de duas formulações alternativas: “Durante a minha infância, embora a minha mãe/o meu pai me fizesse sentir muito bem, por vezes, conseguia destroçar-me/fazer-me sentir destrozado(a)”; para os jovens o termo “destrozado” isoladamente era muito forte, pelo que na versão final o item passou a ser “Durante a minha infância, embora a minha mãe/o meu pai me fizesse sentir muito bem, por vezes, conseguia fazer-me sentir destrozado(a)”).

Em síntese, podemos afirmar que foram tidas em conta as oito etapas propostas por Gudmundsson (2009) para a tradução/adaptação do PAAQ, nomeadamente: (1) seleção do instrumento; (2) seleção de tradutores; (3) seleção de peritos acerca do construto inerente ao instrumento; (4) seleção do método de tradução; (5) aplicação do método adequado de adaptação; (6) aplicação dos métodos adequados para a investigação de enviesamentos; (7) aplicação adequada dos procedimentos nos itens de pilotagem e nas instruções de administração e, por último (8) realização de estudos de validade adequados (descritos adiante).

## CAPÍTULO V – RESULTADOS

Após a recolha dos dados, estes foram introduzidos e analisados no programa *Statistical Program for Social Sciences* (SPSS), versão 20.0 para Windows. São de seguida apresentados os resultados inerentes ao estudo das qualidades psicométricas do PAAQ, nomeadamente dados relativos à sensibilidade dos itens, à análise fatorial exploratória, à análise da consistência interna e, por último, à análise da validade de construto do instrumento efetuada através da correlação com outros instrumentos (QVPM, QVA e ACE).

### 1. SENSIBILIDADE DOS ITENS

Numa primeira fase dos trabalhos, procedeu-se à análise das estatísticas descritivas para cada um dos 60 itens do PAAQ, bem como ao estudo da forma das distribuições através da assimetria e curtose. A primeira análise a ser efetuada foi através dos valores da curtose, em relação aos quais se assume um valor limite crítico de achatamento ( $ku$ ) de 10 (ou seja, espera-se que os valores não ultrapassem este valor), e um coeficiente de assimetria ( $sk$ ) como um valor de referência até 3, tal como refere Kline (2011). Estes dados permitem tomar decisões acerca de itens *candidatos* a eliminação por fraca sensibilidade, uma vez que estas análises nos permitem verificar a adequada sensibilidade dos itens. Assim verificámos potenciais problemas em quatro itens da parte I, nomeadamente: no item 1, “*Em criança, sentia-me verdadeiramente estimado(a) e acarinhado(a) pela minha mãe/pelo meu pai*” ( $ku = 8,6$ ;  $sk = -2,6$ ); no item 11, “*Em criança, a minha mãe/o meu pai era tão egoísta que só pensava nela/nele própria(o)*” ( $ku = 12,4$ ;  $sk = 3,5$ ); no item 16, “*Em criança, eu estava em último na lista das prioridades da minha mãe/do meu pai*” ( $ku = 12,2$ ;  $sk = 3,4$ ) e no item 33, “*Em criança, algumas vezes sentia que a minha mãe/o meu pai desejava que eu não tivesse nascido*” ( $ku = 9,2$ ;  $sk = 2,9$ ).

Para além dos valores acima referidos devemos ter em consideração que para que um item tenha um poder discriminativo adequado, os valores das frequências de resposta deverão ter uma distribuição normal (descrevendo curva normal) (Almeida & Freire, 2008). Como podemos verificar através dos histogramas abaixo apresentados, os itens 11 e 16 da Parte I não têm uma distribuição normal (figura 1), tendo uma quase inexistente distribuição de resultados nas categorias de resposta superiores a 1. Verifica-se ainda que estes itens não têm valores de curtose e de simetria situados dentro dos valores críticos, pelo que se optou pela sua eliminação. Relativamente aos itens 1 e 33 considerou-se mais viável a sua manutenção no PAAQ porque os valores de curtose e

simetria, apesar de estarem próximos do limite crítico, acabam por estar ainda dentro dos valores aceitáveis (Kline, 2011).

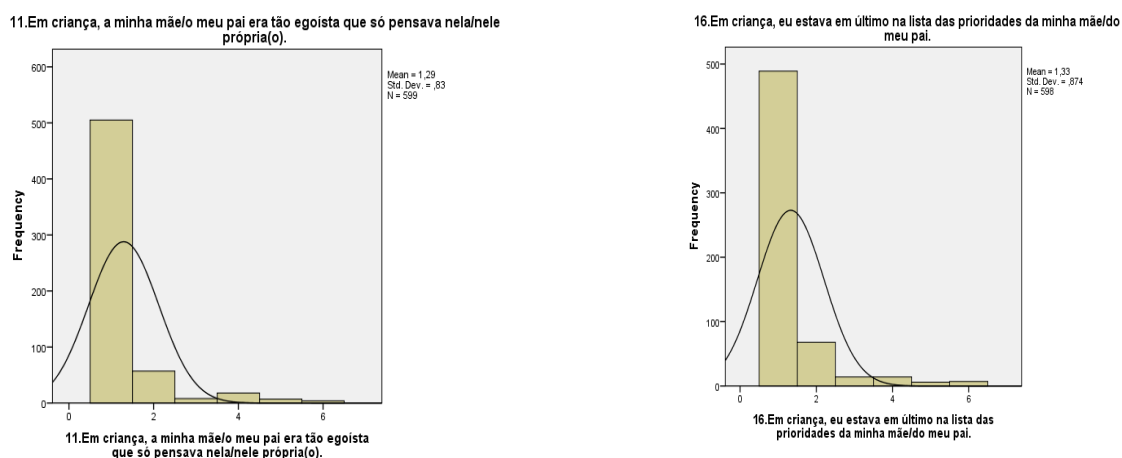


Figura 3 - Histogramas da distribuição dos itens 11 e 16 da parte I pela escala de resposta.

As autoras Lichtenstein e Cassidy (1991) eliminaram na sua versão final do instrumento os itens 14, 19, 26, 27, 34 e 41, pertencentes na presente versão adaptada à parte I e o 11 e 10, pertencentes à parte II. Depois da análise dos itens, concordou-se com a opção de eliminação assumida pelas autoras originais, em virtude de estas os terem eliminado, na maioria dos casos, devido a critérios teóricos, pois os itens não tinham correspondência com nenhuma das dimensões, pelo que não existiam critérios de clareza e coerência teórica (e.g., no item 34 *“Em criança, lembro-me de ter medo que a minha mãe/meu pai pudesse morrer de repente”* é um item que supostamente seria incluído na inversão de papéis, por poder estar relacionado com ansiedade de separação, mas supõe-se que grande parte das crianças tenham esse medo, sem corresponder propriamente a uma vinculação relacionada com essa dimensão). No entanto, no presente estudo optou-se por manter os itens 19 (parte I) e o 10 (parte II) por se considerar que estes itens refletem o construto da desvalorização da vinculação, eliminando-se à semelhança das autoras os restantes. Assim, o total de itens eliminados para efeitos de AFE foi: da parte I, o 11, 14, 16, 26, 27, 34, 41 e, na parte II, o 11.

Em resumo, o estudo da sensibilidade dos itens possibilitou a eliminação daqueles que poderiam comprometer a adequada diferenciação dos participantes ou respondentes.

## 2. ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA

Após a análise da sensibilidade dos itens procedeu-se à Análise Fatorial Exploratória (AFE) do PAAQ eliminando para o feito os itens acima referidos.

A AFE é uma técnica que permite a análise exploratória de dados, sendo o seu objetivo principal encontrar e analisar a estrutura de um conjunto de variáveis interrelacionadas de forma a produzir uma estrutura que inclua as variáveis originais e que permita quantificar os construtos (ou fatores) subjacentes que não são directamente observáveis (Marôco, 2011).

A opção por um procedimento de análise exploratória em detrimento da opção por uma análise fatorial confirmatória decorreu de dois principais fatores. Um primeiro relacionado com o facto de se tratar de uma versão adaptada em que houve tradução dos itens, bem como uma reorganização da sua ordem. Um segundo motivo prende-se com o facto de o material de que dispúnhamos acerca dos resultados de análises psicométricas anteriores e, mais concretamente, decorrentes das análises à estrutura fatorial, serem escassos e pouco claros. Neste estudo, a AFE foi então utilizada com o propósito de verificar quais os fatores inerentes ao PAAQ na versão portuguesa e perceber de que forma se relacionam com a estrutura factorial encontrada na versão original.

Considerando que a versão original do PAAQ (Lichtenstein & Cassidy, 1991) avalia apenas a vinculação com a figura materna e uma vez que o objetivo deste estudo é analisar as qualidades psicométricas de uma versão portuguesa deste instrumento, efectuou-se uma AFE para os itens relacionados com a vinculação à mãe, embora tenhamos construído o questionário com respostas em separado para cada um dos progenitores. Ou seja, neste primeiro estudo optou-se por realizar as análises estatísticas usando apenas os dados relativos à mãe, uma vez que o instrumento original também se refere apenas a esta figura de vinculação.

A estrutura fatorial do PAAQ foi avaliada através da AFE sobre a matriz das correlações, com extração dos fatores pelo método das componentes principais<sup>7</sup>, tendo sido aplicada uma rotação ortogonal tipo *varimax*, embora os resultados também tenham sido analisados com a rotação oblíqua *direct oblimin*, sem que tenham sido verificadas diferenças a assinalar nas estruturas resultantes da aplicação de cada uma das rotações<sup>8</sup>. A rotação de factores costuma ser utilizada de forma a produzir soluções

---

<sup>7</sup> A extração e identificação de fatores foi testada por este método acrescido do Método de Fatorização do Eixo Principal e os resultados foram semelhantes em ambos.

<sup>8</sup> Uma vez que alguns itens tinham como opção de resposta “Não se aplica”, tratado como dado omissos, a solução adotada para tratamento dos dados omissos na AFE foi a *pairwise*.

interpretáveis e o método *varimax* tem como objetivo alcançar uma solução factorial na qual apenas uma das variáveis esteja associada a um único fator e pouco associada aos restantes (Marôco, 2011).

Iniciaram-se então as análises com a totalidade dos itens em conjunto numa tentativa de replicar a estrutura em 8 fatores (exceto os eliminados pelos motivos acima descritos e incluindo os itens 19 da parte I e 10 da parte II, por se considerarem congruentes teoricamente com a dimensão da desvalorização, como já referido). Esta abordagem não se revelou, no entanto, a mais adequada tendo em conta o valor dos pesos próprios, o *teste do cotovelo* (através do *scree plot*) e ainda a variância total explicada. Os resultados obtidos, nomeadamente a análise combinada dos pesos próprios, do *teste do cotovelo* e dos valores de saturação em cada item, demonstraram que eram ininterpretáveis devido a saturações duplas e tripas dos itens com valores muito próximos.

Importa referir que o critério usado para a inclusão dos itens num fator foi fundamentado no critério estatístico que tem em conta o valor de saturação, sempre auxiliado pela análise do conteúdo e da formulação do item, bem como por critérios de coerência teórica, ou seja, pelo *significado teórico* do item.

Como os resultados das análises fatoriais se revelaram não interpretáveis, optou-se por realizar as operações estatísticas dividindo o questionário em duas partes, uma com os itens das dimensões relativas às experiências precoces de vinculação (inclui as dimensões Amor, Rejeição e Inversão de Papéis) e outra relativa às dimensões das representações atuais da vinculação (dimensões: Vulnerabilidade, Integração da Experiência Negativa, Raiva, Desvalorização e Sem Memória). Esta estrutura, em duas partes, foi desenvolvida tendo em conta dimensões que teoricamente devem ser distintas e que devem ser analisadas individualmente, apesar de a vinculação na jovem adultícia ser um *entrecruzar* de experiências precoces passadas e experiências atuais, sendo difícil a distinção entre o que são as dimensões negativas de vinculação e o que são as dimensões positivas da mesma. Esta interligação de experiências implica que os sujeitos respondam mostrando esse caráter *emaranhado*, levando a que alguns itens saturem duplamente e em dimensões inesperadas, onde não era suposto saturarem. Verificando-se uma tendência para que os itens se agrupem em função do caráter negativo ou positivo da experiência e representação, independentemente de outras distinções, relativas ao tempo (experiência precoce vs. representação atual) e natureza da experiência/representação.

Prosseguimos, assim com o teste de uma solução com rotação para cinco fatores, o que possibilitou encontrar resultados um pouco mais coerentes, mas ainda insatisfatórios, por serem identificados itens da dimensão Raiva a saturarem na

Vulnerabilidade e *vice-versa*. Estes resultados não são passíveis de ser interpretados, quer sob o ponto de vista estatístico, quer sob o ponto de vista teórico, uma vez que estatisticamente continuam a observar-se duplas e triplas saturações, e que teoricamente os itens não deveriam ser explicados em mais do que uma dimensão, uma vez que cada uma tem características particulares e, neste caso em concreto, não associadas.

Foram ainda testadas outras estruturas que continuaram a revelar-se ininterpretáveis e após a análise do padrão de problemas que iam surgindo concluiu-se que a opção mais adequada seria separar as dimensões em 3 conjuntos/blocos, a saber: subgrupo inerente às experiências precoces de vinculação, reunindo as dimensões Amor, Rejeição e Inversão de Papéis; subgrupo relativo às dimensões da representação atual da vinculação, abrangendo as dimensões Integração da Experiência Negativa, Desvalorização e Sem Memória e, por último, o subgrupo das dimensões referentes às consequências atuais das experiências precoces de vinculação, englobando as dimensões da Vulnerabilidade e Raiva (dimensões afetivas).

Consideramos importante apresentar a figura que se segue com o intuito de possibilitar uma melhor compreensão acerca da estrutura fatorial resultante da AFE do presente instrumento.

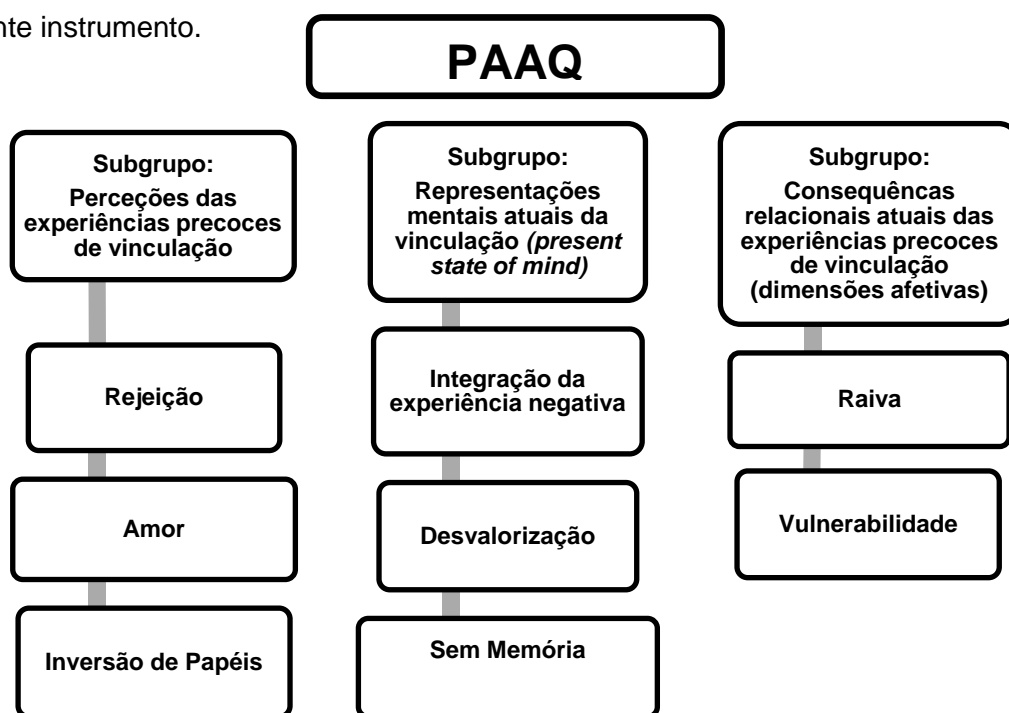


Figura 4 - Esquema da estrutura fatorial do PAAQ no presente estudo (N = 601).

Importa salientar que os resultados da(s) AFE(s) final(ais) têm em consideração as alterações que iremos descrever adiante (ponto 3 deste capítulo), relativas à análise da consistência interna dos itens relativos às dimensões do PAAQ. Com base nestas análises concluímos que alguns itens deveriam ser eliminados, por comprometerem a

consistência interna, pelo que a AFE foi repetida sem a inclusão dos mesmos, sendo estes os resultados que passam a descrever-se.

De modo a apurar a validade final da AFE utilizou-se o método de avaliação da adequação da amostra e dos dados *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO, Kaiser, 1970; Kaiser & Rice, 1974, *cit. in* Marôco, 2011), bem como o Teste de Esfericidade de *Bartlett* a fim de assegurar que a matriz de correlações é também adequada à realização da AFE (Marôco, 2011). Os resultados apresentados permitem-nos concluir que os valores obtidos ultrapassam largamente o limite mínimo recomendado de .60 para o KMO (Field, 2011) e que as correlações entre os itens permitem também com segurança realizar o procedimento. Mais concretamente, obteve-se um valor de KMO = .89 para os dois fatores relativos ao subgrupo das experiências precoces de vinculação (Amor/Rejeição e Inversão de Papéis)<sup>9</sup> e o Teste de Esfericidade de *Bartlett* revelou-se significativo ( $p = .000$ ), indicando uma boa correlação entre as variáveis (Sharma 1996, *cit. in* Marôco, 2011). Para o subgrupo dos três fatores relativos à representação atual acerca da vinculação (Integração da Experiência Negativa, Desvalorização e Sem memória) foram encontrados os valores de KMO = .82, mostrando uma correlação elevada entre variáveis, confirmada pelo Teste de Esfericidade de *Bartlett*, que evidenciou ser significativo ( $p = .000$ ), justificando a viabilidade da análise fatorial. Para a solução rodada em dois fatores referentes ao subgrupo das consequências atuais das experiências precoces de vinculação (Vulnerabilidade e Raiva) valor de KMO foi de .82, verificando-se também, à semelhança dos fatores anteriores, uma correlação entre variáveis adequada, confirmada com o Teste de esfericidade de *Bartlett* com nível de significância de  $p = .000$ .

Para o conjunto das dimensões Rejeição, Amor e Inversão de Papéis, os dois fatores resultantes foram explicativos de 38.3% da variância total; para o conjunto das dimensões Sem Memória, Integração da Experiência Negativa e Desvalorização, os três fatores resultantes explicam 48.5% da variância total; e para as dimensões Vulnerabilidade e Raiva, os dois fatores explicam 54,1% da variância total.

Por uma questão de economia de espaço, os valores de saturação dos itens em cada uma das dimensões, resultantes da AFE e da aplicação da rotação *varimax*, estão descritos nas tabelas em anexo (anexo 6).

Pode-se concluir que, após os procedimentos inerentes ao estudo da estrutura fatorial deste questionário, há evidências de que as dimensões se organizam de acordo com os pressupostos, existindo coerência teórica da dimensionalidade de cada dimensão. Importa referir que os itens das dimensões Amor e Rejeição saturaram num mesmo fator, mas ainda assim considerou-se pertinente tratar as duas dimensões

---

<sup>9</sup> Apesar de na AFE os itens das dimensões Amor e Rejeição terem saturado juntos, com valores positivos e negativos, respetivamente, teoricamente considerou-se pertinente a sua separação.

separadamente, tal como acontece na versão original do instrumento (Lichtenstein & Cassidy, 1991), dada a pertinência teórica desta distinção. Para esta decisão contribuíram ainda os resultados relativos à consistência interna de cada uma das duas dimensões, como discutiremos em seguida.

### 3. ANÁLISE DA CONSISTÊNCIA INTERNA

O grau de fidelidade (fiabilidade ou precisão) dos resultados está diretamente relacionado com o grau de exatidão do instrumento, ou seja, é o grau de confiança que podemos ter acerca das informações fornecidas por esse mesmo instrumento sobre determinado construto. Um instrumento é fiável se os itens que o compõem formam um todo homogêneo, sendo este aspeto o que se designa de consistência interna (Almeida & Freire, 2008). Para avaliar a consistência interna, Cronbach (1951 *cit. in* Field, 2009) criou uma medida – o *alfa de Cronbach* ( $\alpha$ ) – que constitui a medida mais comumente usada para avaliar a fidelidade de um instrumento/escala, sendo que a sua fórmula deve ser aplicada em separado para cada dimensão (ou fator). Saliente-se que um valor de  $\alpha$  acima de .70 é considerado como aceitável (Field, 2009).

Para a análise da consistência interna dos itens foi calculado o *alfa de Cronbach* por dimensão e, nos casos em o número baixo do número de itens assim o justificou, foi ainda testada a média das correlações entre itens (*mean inter-item correlation*). Assim, para a dimensão da Rejeição (10 itens) o *alfa de Cronbach* é de .77 e para a dimensão do Amor (6 itens) de .86. Em nenhum dos casos se verificaram itens comprometedores da consistência interna. Foi também calculado o *alfa de Cronbach* com o conjunto de itens que compõem estas duas dimensões (16 itens) e o valor encontrado foi igualmente elevado ( $\alpha = .86$ ). No entanto, por motivos de natureza teórica (por permitirem avaliar dimensões distintas do ponto de vista teórico), e uma vez que separados revelam também bons níveis de consistência interna, optou-se por manter a separação das duas dimensões.

Em relação à dimensão Inversão de Papéis (10 itens) foi alcançado um bom resultado de consistência interna ( $\alpha = .76$ ). Foi eliminado o item 35 uma vez que se verificou um aumento do *alfa de Cronbach* com a sua exclusão e porque saturou nesta dimensão quando era esperado que se associasse aos itens da dimensão Rejeição. De facto, temos que reconhecer que o item 35 (“Muitas vezes, na infância, a minha mãe/o meu pai fazia-me sentir que se sacrificava por minha causa.”) não é muito claro, sendo até ambíguo, levando a que pudesse ser visto pelos sujeitos de forma distinta e desta forma justificar-se a sua saturação nas duas dimensões, Rejeição ou Inversão de Papéis, com valores muito similares: Rejeição = .31 e Inversão de Papéis = .37. Apesar de



termos optado pela sua eliminação, em estudos futuros poderá ser ponderada a inclusão do item, após uma reformulação com o objetivo de o tornar mais claro e adequado.

Relativamente aos itens pertencentes à dimensão Integração da Experiência Negativa (7 itens) o  $\alpha$  foi de .66, e a média das correlações inter-item é de .23. A eliminação do item oito desta dimensão (“Embora nem eu nem a minha mãe/o meu pai sejamos perfeitos, a minha infância correu bem”- recordamos que na AFE saturou duplamente nas dimensões Desvalorização e Integração da Experiência Negativa), permitiu um aumento do valor do *mean inter-item correlation* (para .26), embora não se tenha refletido num aumento substancial do valor de *alpha de Cronbach* que se manteve ( $\alpha = .66$ ). De referir também que o critério teórico foi igualmente tido em conta para a sua eliminação, uma vez que o item não reflete claramente a dimensão que se pretende avaliar.

A consistência interna da dimensão relativa à Raiva (4 itens), foi de .71, e os valores obtidos na dimensão da Vulnerabilidade (5 itens) foi de .61. No entanto, os itens 6 da Parte I (“Durante a minha infância, embora a minha mãe/o meu pai me fizesse sentir muito bem, por vezes, conseguia fazer-me sentir destroçado(a).”) e 14 da Parte II (“A minha mãe/o meu pai consegue deixar-me destroçado(a) com as suas críticas.”) que deveriam saturar nas dimensões Vulnerabilidade e Raiva, não se comportaram desta forma. Ou seja, o item 6 satura exclusivamente numa das dimensões (na Raiva), e o 14 revela uma dupla saturação, mas com valor substancialmente superior na Raiva (.61) quando seria esperado que apresentasse valores de saturação mais elevados na Vulnerabilidade (.38). Analisando estes resultados optou-se pela eliminação destes 2 itens nas análises posteriores. Esta opção tem ainda e mais uma vez por base critérios teóricos, uma vez que a vulnerabilidade e a raiva são construtos diferentes e os itens não avaliam o que se pretende na realidade avaliar.

Relativamente à Desvalorização optou-se, inicialmente, por realizar os cálculos de consistência interna apenas com 4 itens (sem os itens 19 e 10, da parte I e II, respetivamente), de acordo com o procedimento das autoras do instrumento, e o valor encontrado foi de .51. No entanto, considerámos importante avaliar a dimensão com a inclusão dos referidos itens, já que teoricamente eles são relevantes por evidenciarem atitudes relacionadas com a Desvalorização (“Na infância, não achava que separar-me da minha mãe/do meu pai fosse um problema” e “O conceito de pais afetuosos e apoiantes é um mito”,). Verificámos que do ponto de vista estatístico esta foi uma boa opção, pois a sua inclusão na dimensão (passa de 4 para 6 itens) resulta num aumento do *alfa de Cronbach* para .58, aumentando ainda os valores do *mean inter-item correlations* de (.20). Verificamos que neste estudo, envolvendo jovens adultos portugueses, os valores encontrados de consistência interna para esta dimensão foram superiores aos

encontrados noutros estudos já referenciados: no estudo de Huth-Bocks e colaboradores (2004) constituídos por uma amostra mãe grávidas e noutro de Cassidy e colaboradores (2009) com sujeitos com PAG, foram obtidos nesta dimensão, resultados de  $\alpha = .49$  e  $\alpha = .41$ , respetivamente, o que sugere a relevância da inclusão dos dois itens adicionais nesta dimensão.

Na dimensão Sem Memória não foram encontrados problemas e o valor de *alfa de Cronbach* foi de .89.

Em suma, considera-se que foram obtidos bons valores de consistência interna que nos permitem ter confiança de que o conjunto de itens de cada uma das dimensões avalia de forma consistente o mesmo construto, apresentando bons indicadores de fidelidade.

Para concluir convém então relembrar que após estas análises de consistência interna foram eliminados os itens 35, 8, 6 da parte I e o 14 da parte II, tendo efeitos nas análises de correlação que iremos de seguida apresentar.

Passaremos agora a analisar as correlações entre as diferentes dimensões do PAAQ.

Tabela 1

*Correlações Spearman inter-escala e valores da Consistência Interna.*

	AM	REJ	DES	IP	VUL	IEN	RAI	SM	$\alpha$
<b>1.AM</b>	1.000	<b>-.569**</b>	<b>-.568**</b>	<b>.217**</b>	-.016	<b>.206**</b>	<b>-.577**</b>	<b>-.366**</b>	0.86
<b>2.REJ</b>	-	1.000	<b>.482**</b>	-.035	<b>.166**</b>	-.077	<b>.599**</b>	<b>.406**</b>	0.77
<b>3.DES</b>	-	-	1.000	<b>-.110**</b>	.074	.018	<b>.497**</b>	<b>.385**</b>	0.58
<b>4.IP</b>	-	-	-	1.000	<b>.292**</b>	<b>.218**</b>	-.036	<b>-.105*</b>	0.76
<b>5.VUL</b>	-	-	-	-	1.000	<b>.300**</b>	<b>.226**</b>	<b>.210**</b>	0.61
<b>6.IEN</b>	-	-	-	-	-	1.000	.074	.054	0.66
<b>7.RAI</b>	-	-	-	-	-	-	1.000	<b>.383**</b>	0.71
<b>8.SM</b>	-	-	-	-	-	-	-	1.000	0.89

*Nota.* AM = Amor; REJ = Rejeição; DES = Desvalorização; IP = Inversão de Papéis; VUL = Vulnerabilidade; IEN = Integração da Experiência Negativa; RAI = Raiva; SM = Sem memória.

*Nota.* AM = Amor; REJ = Rejeição; DES = Desvalorização; IP = Inversão de Papéis; VUL = Vulnerabilidade; IEN = Integração da Experiência Negativa; RAI = Raiva; SM = Sem memória.

\*.  $p < 0.05$ , \*\*.  $p < 0.01$ .

As correlações entre as dimensões (ver tabela 1) manifestam-se dentro daquilo que consideramos como esperado, com o Amor a correlacionar-se negativa e significativamente com as dimensões Rejeição, Desvalorização, Raiva e Sem memória. O que sugere que os sujeitos que experienciam uma relação emocionalmente próxima tendem a não se sentir rejeitados nem com raiva para com as figuras de vinculação. Se a vinculação foi segura os sujeitos tenderão a não desvalorizar o papel da vinculação, quer no passado quer na vida presente, pelo que estas experiências permanecem *gravadas*

na memória (Cassidy & Shaver, 2008). Por outro lado, a dimensão do Amor tem uma correlação moderadamente baixa, apesar de significativa, com as dimensões relativas à Inversão de Papéis e Integração da Experiência Negativa.

A dimensão da Rejeição apresenta uma correlação positiva e elevada com a Raiva, sugerindo que os sujeitos que vivenciaram experiências precoces rejeitantes tendem a sentir raiva para com as figuras de vinculação, tal como seria de esperar, sendo a Raiva uma consequência atual dessas mesmas relações precoces. Existem ainda correlações positivas e moderadamente altas com as dimensões da Desvalorização e Sem Memória e baixas com a Vulnerabilidade. Os sujeitos que foram alvo de rejeição por parte das figuras de vinculação tendem a apresentar atitudes de desvalorização face à vinculação e tendem a apresentar, como consequência das mesmas, uma maior vulnerabilidade.

A dimensão da Desvalorização apresenta uma correlação negativa, ainda que baixa, com a Inversão de Papéis, porque os sujeitos com uma elevada tendência para a desvalorização) podem ter alguma tendência para não se preocuparem em demasia com as figuras de vinculação e como tal podem não apresentar atitudes em que se assumem como *cuidadores* das mesmas. A dimensão a que nos reportamos apresenta ainda correlações significativas e positivas, de magnitude moderada e moderadamente alta, com a dimensão Sem Memória e com a dimensão da Raiva, respetivamente. Mais uma vez estes resultados estão de acordo com o esperado, visto que os sujeitos que tendem a desvalorizar a vinculação, tendem igualmente a referir poucas recordações acerca das experiências e tendem a evidenciar sentimentos de raiva (Main *et al.*, 1985, *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007).

Existem ainda correlações positivas significativas, ainda que baixas, entre a dimensão Inversão de Papéis e as dimensões da Vulnerabilidade e Integração da Experiência Negativa. Estes dados estão de acordo com o que é postulado teoricamente, uma vez que os sujeitos que tiveram experiências precoces de vinculação em que lhes eram exigidas atitudes de cuidadoras/protetoras face às figuras que supostamente deveriam cuidar deles, apresentam alguma tendência para experienciar uma maior vulnerabilidade face a essas experiências passadas, bem como em relação a estas figuras (Cassidy *et al.*, 2009). É importante recordar, contudo, que tal como referimos no enquadramento teórico, os sujeitos podem integrar essas experiências negativas de forma distinta desta, reorganizando as suas representações mentais atuais acerca da vinculação. Por outro lado, esta dimensão (Inversão de Papéis) apresenta uma correlação negativa, ainda que baixa com a dimensão Sem Memória. Ou seja, os sujeitos com experiências de vinculação pautadas pela Inversão de Papéis tendem a não reportar situações de falha de memória quando questionados sobre essa época da sua vida.

Considerando ainda os valores de correlações significativas das dimensões do PAAQ entre si, destacamos as correlações positivas entre a dimensão da Vulnerabilidade com as dimensões da Integração da Experiência Negativa; Raiva; e Sem Memória, ainda que na generalidade sejam consideradas moderadamente baixas. Os sujeitos que se apresentam como vulneráveis têm tendência para apresentar níveis superiores de sentimentos de raiva, ainda que possam integrar as experiências negativas face às situações passadas, reorganizando-as em representações mentais atuais mais favoráveis. As pessoas com experiências precoces de inversão de papéis têm uma maior tendência para ter representações idealizadas das figuras de vinculação e para que existam relações emaranhadas com estas mesmas figuras, o que mais tarde se traduzirá numa maior vulnerabilidade e também numa tendência para sentir a necessidade de avaliar positivamente a relação actual com as figuras de vinculação como próxima. Há igualmente uma maior tendência para referenciar poucas recordações das experiências precoces de vinculação, por parte dos sujeitos mais vulneráveis. Finalmente, a dimensão da Raiva correlacionou-se significativa e positivamente, com uma magnitude moderada em relação à dimensão Sem Memória. Estas correlações sustentam a multidimensionalidade do questionário porque a correlação é suficientemente forte para suportar a relação entre elas, mas não o suficiente para poderem ser consideradas como sendo variantes de um mesmo construto.

#### **4. VALIDADE DE CONSTRUTO**

A validade de construto de um questionário é definida como sendo o grau em que um determinado instrumento de medida avalia um determinado construto teórico (Kline, 2011). Assim o aspeto fulcral da validade de construto é a teoria que está subjacente ao construto que se pretende estudar (Sattler & Hoge, 2006).

Para o teste das qualidades psicométricas do PAAQ relativas à validade de construto optou-se pela realização de análises estatísticas de correlação com os restantes instrumentos (QVPM, QVA e ACE), uma vez que é o procedimento mais frequente para analisar este tipo de questão.

As indicações apontadas por Sattler e Hoge (2006) para a interpretação dos resultados das correlações, dizem que correlações entre .20 a .29 são consideradas fracas, entre .30 a .49 a correlação é considerada moderadamente fraca, de .50 a .69 é moderada, de .70 a .79 é moderadamente elevada e de .80 a .99 é elevada. No entanto há que ter em consideração que em ciências sociais geralmente não se encontram correlações muito elevadas comparativamente com aquelas que são encontradas nas ciências exatas. A este respeito Cohen (1988, *cit. in* Hemphill, 2003), propôs diretrizes

mais *realistas* para interpretar a magnitude dos coeficientes de correlação que tipicamente se encontram na ciências comportamentais. De acordo com este autor, os coeficientes de correlação de .10 são baixos, os de .30 são consideradas como moderados e os de .50 são classificados como sendo elevados.

Importa ainda referir que foi utilizada para fins estatísticos a correlação de *Spearman* ( $r_s$ ), sendo esta uma alternativa não paramétrica quando o pressuposto da normalidade não é preenchido (Field, 2009). Neste estudo verificou-se que esse pressuposto não estava cumprido, uma vez que existiam variáveis com uma distribuição não normal.

As correlações das dimensões do PAAQ com as do QVPM (ver tabela 2) verificam-se no sentido do que teoricamente seria de esperar, com a dimensão do Amor a correlacionar positiva e com uma elevada magnitude com a Qualidade do Laço Emocional e a correlacionar-se com a dimensão da Ansiedade de Separação de uma forma moderada e positiva. Por outro lado, temos a dimensão do Amor a correlacionar negativamente, embora num valor moderado, com a dimensão Inibição da Exploração e da Individualidade.

A dimensão da Rejeição correlaciona-se positivamente com a Inibição da Exploração e Individualidade, numa magnitude moderada. A Rejeição correlaciona-se, tal como seria de esperar de um modo negativo com as dimensões Qualidade do Laço Emocional e Ansiedade de Separação, numa magnitude considerada moderadamente alta e baixa, respetivamente.

Na dimensão da Desvalorização verificaram-se correlações negativas e moderadamente altas com a Qualidade do Laço Emocional e baixas com a Ansiedade de Separação. Foram ainda encontradas correlações positivas e de magnitude moderada entre a dimensão da Desvalorização e a Inibição da Exploração e da Individualidade.

No que concerne à dimensão relativa à Inversão de Papéis do PAAQ foram igualmente encontrados resultados dentro do esperado, uma vez que existe uma correlação positiva e alta com a dimensão da Ansiedade de Separação, indicando que sujeitos que têm atitudes de troca de papéis com os pais/figuras de vinculação tendem a vivenciar períodos de ansiedade de separação. A dimensão da Inversão de Papéis apresenta ainda correlações positivas, ainda que significativas, com uma magnitude baixa com as dimensões da Inibição da Exploração e Individualidade e com a Qualidade do Laço Emocional.

Observando os valores obtidos (cf. tabela 2) temos a dimensão da Vulnerabilidade a correlacionar-se positivamente com duas dimensões do QVPM: numa magnitude baixa com a dimensão da Inibição da Exploração e Individualidade e moderada com a Ansiedade de Separação.

A dimensão Integração da Experiência Negativa apresentou correlações significativas, mas com uma magnitude baixa com as dimensões Inibição da Exploração e Individualidade, Qualidade do Laço Emocional e com a Ansiedade de Separação.

Temos ainda a dimensão da Raiva a correlacionar positivamente, numa magnitude alta, com a dimensão da Inibição da Exploração e Individualidade e por outro lado, a Raiva a correlacionar negativamente, mas de um modo considerado moderadamente alto, com a Qualidade do Laço Emocional, indicando que as situações de raiva vivenciadas na infância podem ter repercussões negativas na qualidade do laço emocional futuro. Esta dimensão (Raiva) correlaciona-se ainda com a Ansiedade de Separação de um modo negativo e com uma baixa magnitude.

Por fim, relativamente à dimensão Sem Memória, encontram-se correlações positivas, mas de baixa magnitude com a Inibição da Exploração e Individualidade, correlações negativas de magnitude baixa com Ansiedade de Separação. e negativas moderadas com a Qualidade do Laço Emocional.

Tabela 2

*Correlação entre as Dimensões do PAAQ e as Dimensões do QVPM.*

	<b>Inibição da Exploração e Individualidade</b>	<b>Qualidade do Laço Emocional</b>	<b>Ansiedade de Separação</b>
AM	-,364**	,643**	,314**
REJ	,402**	-,450**	-,097*
DES	,365**	-,471**	-,186**
IP	,091*	,265**	,501**
VUL	,280**	,063	,301**
IEN	,105*	,267**	,165**
RAI	,515**	-,492**	-,182**
SM	,264**	-,296**	-,104*

*Nota.* AM = Amor; REJ = Rejeição; DES = Desvalorização; IP = Inversão de Papéis; VUL = Vulnerabilidade; IEN = Integração da Experiência Negativa; RAI = Raiva; SM = Sem memória.

\*,  $p < 0.05$ ; \*\*,  $p < 0.01$ .

Na tabela 3 encontram-se descritos os resultados relativos às correlações das dimensões do PAAQ com as dimensões do QVA. Podemos constatar que existe uma correlação negativa de magnitude baixa entre as dimensões do Amor e as dimensões de Evitamento e Ambivalência. Existe ainda uma correlação significativa, mas de magnitude moderada com a dimensão da Confiança.

Em relação à dimensão da Rejeição do PAAQ encontraram-se uma correlação negativa de magnitude moderada com a dimensão da Confiança, uma correlação positiva baixa com a dimensão Evitamento e, por último, uma correlação moderada com a dimensão da Ambivalência, indicando que os sujeitos com experiências precoces

rejeitantes com as figuras de vinculação têm tendência a evidenciar atitudes de desconfiança, evitamento e ambivalência perante os seus relacionamentos amorosos.

Para a dimensão da Desvalorização as correlações encontradas foram negativas e de magnitude baixa com a dimensão da Confiança e positivas e moderadas com a dimensão do Evitamento e com a dimensão da Ambivalência. Os sujeitos com um padrão de elevada tendência para a desvalorização das relações e necessidades de vinculação, parecem tender a apresentar menores níveis de confiança nos outros e a utilizarem o evitamento como estratégia para lidar com as relações, o que nalguns casos parece ainda originar atitudes ambivalentes nos relacionamentos.

A dimensão da Vulnerabilidade correlaciona-se de um modo negativo e com uma magnitude baixa com a dimensão da Confiança e de um modo positivo, também com uma magnitude baixa, com as dimensões da Dependência e Ambivalência. Tendencialmente os sujeitos com sentimentos de vulnerabilidade face às figuras de vinculação tendem a apresentar atitudes de pouca confiança com o par romântico, podendo ainda adotar uma atitude ambivalentes e de alguma dependência.

Em relação à dimensão Integração da Experiência Negativa do PAAQ, apenas foram encontradas correlações positivas e significativas com a dimensão da Ambivalência, sendo que estas apresentam uma magnitude baixa.

Como seria expectável a dimensão da Raiva apresentou uma correlação significativa e negativa, de magnitude baixa, com a dimensão da Confiança. Esta dimensão correlacionou-se ainda de forma positiva e significativa, com uma magnitude baixa, com as dimensões Dependência e Evitamento e com uma correlação moderada com a dimensão da Ambivalência. Ou seja, os dados mostram que os sujeitos com experiências subjetivas de raiva relativamente à figura materna tendem a depositar menos confiança nos outros e nos relacionamentos.

Por fim, a dimensão Sem Memória, correlacionou-se negativamente, numa magnitude baixa, com a dimensão da Confiança e positivamente com as dimensões do Evitamento e Ambivalência. Estes resultados indicam, tal como seria de esperar, que os sujeitos que revelam falhas de memória acerca das suas experiências precoces, tendem a ter dificuldade em confiar nos outros e nas relações o que poderá levar a atitudes de evitamento e ambivalência perante os outros e as relações (Hazan & Shaver. 1987 *cit. in* Matos, 2002).

Tabela 3  
Correlação entre as Dimensões do PAAQ e as Dimensões do QVA.

	Dimensão Confiança	Dimensão Dependência	Dimensão Evitamento	Dimensão Ambivalência
AM	,292**	-,004	-,242**	-,241**
REJ	-,337**	,078	,291**	,376**
DES	-,259**	-,004	,318**	,290**
IP	-,027	,259**	-,003	,118**
VUL	-,128**	,254**	,086	,266**
IEN	,032	,056	,068	,137*
RAI	-,268**	,151**	,226**	,322**
SM	-,236**	,058	,210**	,272**

Nota. AM = Amor; REJ = Rejeição; DES = Desvalorização; IP = Inversão de Papéis; VUL = Vulnerabilidade; IEN = Integração da Experiência Negativa; RAI = Raiva; SM = Sem memória.

\*.  $p < 0.05$ ; \*\*.  $p < 0.01$ .

Passaremos agora a apresentar as correlações entre as dimensões do PAAQ e as dimensões do ACE (cf. Tabela 4). Convém notar que as experiências adversas que aqui foram consideradas são referentes às interações com as figuras parentais. A dimensão Amor do PAAQ correlaciona-se negativamente com todas as dimensões do ACE, com relevância para este estudo, sendo elas: Negligência Emocional, Negligência Física, Abuso emocional e Abuso Físico, numa magnitude de moderadamente alta, moderada, baixa e moderada, respetivamente. Estes resultados são os expectáveis, uma vez que o ACE tem como objetivo avaliar as experiências adversas precoces e estas, por sua vez, demonstram estar negativamente associadas a experiências de níveis (baixos) de amor nas relações com as figuras precoces de vinculação.

Seguindo o mesmo raciocínio, a dimensão da Rejeição, por sua vez, correlaciona-se positivamente com todas as dimensões relativas às experiências adversas, tal como seria de esperar. Porém estas correlações assumem magnitudes distintas e as mais expressivas, com correlações moderadas, são as dimensões da Negligência Emocional, Negligência Física e Abuso Físico. Tal facto sugere que os sujeitos com experiências de negligência (quer física, quer emocional) e de abuso físico tendem a vivenciar também experiências de rejeição com as figuras de vinculação. O mesmo sucede com o Abuso Emocional, embora a correlação não seja tão expressiva.

A dimensão da Desvalorização correlaciona-se significativa e positivamente com todas as dimensões, verificando-se uma maior expressividade nas correlações com as dimensões da Negligência Emocional e Negligência Física, já que as mesmas apresentam uma magnitude de moderadamente alta e moderada, respetivamente. Quando ao Abuso Emocional e Abuso Físico, as correlações com a dimensão da Desvalorização apresentam uma magnitude baixa e moderada baixa, respetivamente.



Considerando ainda os valores de correlações significativas das dimensões do PAAQ com o ACE, encontra-se a dimensão da Integração da Experiência Negativa a correlacionar negativamente, ainda que com uma magnitude baixa, com a dimensão da negligência física, indicando o que é expectável, ou seja, que sujeitos com experiências adversas tendem a evidenciar uma maior dificuldade em reorganizar as representações atuais da vinculação devido a essas mesmas experiências adversas.

Por sua vez, a dimensão da Raiva apresenta correlações significativas e positivas, de magnitude moderadamente alta, moderada e baixa com as dimensões da Negligência Emocional, Abuso Físico, Abuso Emocional e Negligência Física, respetivamente. Estes resultados revelam o que a teoria postula ao afirmar que os sujeitos com experiências adversas precoces tendem a apresentar como consequência atual das experiências vividas raiva para com as figuras de vinculação (Bowlby, 1969/91 *cit. in* Matos, 2002).

A dimensão Sem Memória correlaciona-se exclusivamente, de forma positiva, com a dimensão Negligência Emocional, ainda que com uma magnitude baixa, indicando que são os sujeitos vítimas de experiência de negligência são aqueles que mais tendem a reportar episódios relacionados com a falha de memória acerca das experiências de vinculação precoce.

Tabela 4  
Correlações de Spearman entre as Dimensões do PAAQ e Dimensões do ACE<sup>10</sup>.

	Negligência Emocional	Negligência Física	Abuso Emocional	Abuso Físico
AM	<b>-.495**</b>	<b>-.385**</b>	<b>-.222**</b>	<b>-.354**</b>
REJ	<b>.395**</b>	<b>.383**</b>	<b>.282**</b>	<b>.336**</b>
DES	<b>.461**</b>	<b>.334**</b>	<b>.204*</b>	<b>.289**</b>
IP	.048	.048	.127	-.040
VUL	.024	.046	.102	.146
IEN	-.065	<b>-.259**</b>	.001	.063
RAI	<b>.422**</b>	<b>.284*</b>	<b>.181*</b>	<b>.368**</b>
SM	<b>.264**</b>	.168	.060	.116

Nota. AM = Amor; REJ = Rejeição; DES = Desvalorização; IP = Inversão de Papéis; VUL = Vulnerabilidade; IEN = Integração da Experiência Negativa; RAI = Raiva; SM = Sem memória.

\* p < 0.05; \*\* p < 0.01.

Após as análises estatísticas acima descritas – análise da sensibilidade dos itens, análise fatorial exploratória, análise da consistência interna dos itens e correlação entre as oito dimensões do PAAQ, bem como correlações entre este e outros instrumentos - podemos concluir que o instrumento revela boas propriedades psicométricas. O estudo da sensibilidade dos itens permitiu a eliminação daqueles que revelaram fraca capacidade de diferenciar os sujeitos e as suas respostas. A estrutura fatorial encontrada

<sup>10</sup> Note-se que para efeitos de correlação apenas são analisadas as dimensões do ACE com relevância para o presente estudo, pelo que as restantes dimensões não constam na tabela 4.

organiza-se de acordo com o expectável e de acordo com a versão original, gozando por isso de uma estrutura coerente e estável. A análise da consistência interna do PAAQ teve um papel fulcral para sustentar a estrutura fatorial encontrada, uma vez que permitiu compreender o *comportamento* das diferentes dimensões, e para a identificação e eliminação dos itens que se assumiram como comprometedores da estabilidade e coerência do instrumento.

Tendo em consideração que a validade de construto está ligada ao grau em que conhecemos aquilo que o instrumento está a medir e que apesar de ser um processo contínuo e, de certo modo, nunca finalizado, em que se procura estabelecer o grau de consonância entre os resultados de um instrumento, a teoria e a prática a propósito das dimensões que se encontram em avaliação (Almeida & Freire, 2008). Consideramos que as análises efetuadas entre o PAAQ e os outros instrumentos (QVPM, QVA e ACE) permitiram reunir evidência da validade de construto deste instrumento, assumindo-se como coerente para a avaliação das percepções das experiências precoces de vinculação e suas consequências atuais.

Em suma, apesar de se considerar que o instrumento poderá necessitar de alguns ajustes e de mais estudos de investigação, consideramos que o PAAQ apresenta qualidades psicométricas adequadas, estáveis e coerentes para que possa vir a constituir-se como um instrumento fiável para avaliar as dimensões da vinculação na adolescência, jovem adultícia e idade adulta.

## CAPÍTULO VI – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após apresentação dos dados proceder-se-á de seguida à integração dos mesmos, salientando os resultados mais relevantes, tendo como referência o nosso objetivo – adaptar e testar as qualidades psicométricas do instrumento “Perceptions of Adult Attachment Questionnaire” (PAAQ, Lichtenstein & Cassidy, 1991), e sem perder de vista o referencial teórico da vinculação.

No que diz respeito aos itens eliminados, seguimos o procedimento das autoras (Lichtenstein & Cassidy, 1991), eliminando itens que anteriormente haviam sido eliminados por estas, exceto os 19 (Parte I – “Na infância, não achava que separar-me da minha mãe/do meu pai fosse um problema”) e 10 (parte II – “O conceito de pais afetuosos e apoiantes é um mito”), por se considerar que refletem a dimensão da Desvalorização. Concordou-se com a opção de eliminação assumida pelas autoras originais, em virtude de estas os terem eliminado, na maioria dos casos, devido a critérios teóricos, pois os itens não tinham correspondência com nenhuma das dimensões, pelo que não existiam critérios de clareza e coerência teórica. Efetivamente em termos estatísticos a dimensão em que os itens se enquadram beneficiou com a sua manutenção, pois apenas com os quatro itens originais o valor da consistência interna era mais reduzido ( $\alpha = .51$ ). A inclusão destes dois itens permitiu elevar a consistência interna para .58 o que, apesar de ter sido um incremento positivo, não permite que seja considerado um valor robusto.

As análises efetuadas relativamente à sensibilidade dos itens conduziram-nos à eliminação do item 11 (“Em criança, a minha mãe/o meu pai era tão egoísta que só pensava nela/nele própria(o)”) e do item 16 (“Em criança, eu estava em último na lista das prioridades da minha mãe/do meu pai”) ambos da parte I, uma vez que se revelaram pouco discriminativos, com os sujeitos a responder de forma muito idêntica. Pensamos que em estudos futuros deverá ser ponderada a reformulação dos itens embora, no caso do item 16, não nos pareça que tal seja muito relevante, uma vez que a escala já tem um número considerável de itens (Rejeição – 10 itens). Porém, no caso do item 11, considera-se que tal reformulação poderia ser benéfica permitindo aumentar o número de itens da dimensão, uma vez esta (Raiva) tem apenas quatro itens. Para além destes dois itens relembramos que foram ainda eliminados os itens 6, 8, 35 (parte I) e 14 (parte II), uma vez que na análise fatorial saturavam em dimensões não congruentes com a sua formulação. Em suma, foram excluídos os itens 14, 26, 27, 34, 41 (parte I) e 11 (parte II) por se concordar com a eliminação feita pelas autoras; os itens 11 e 16 (parte I), devido a fraca sensibilidade e daí baixo poder discriminativo e, por último, os itens 6, 8 e 35 (parte I) e 14 (parte II), por terem evidenciado uma organização ininterpretável durante as

primeiras AFE. No total foram então excluídos 12 itens, ou seja, na nossa versão a PAAQ fica com 48 itens organizados 8 em dimensões, de acordo com os dados da AFE.

A AFE permitiu identificar, inicialmente, alguns desajustamentos em relação à estrutura fatorial do PAAQ, principalmente porque existiam itens com duplas e triplas saturações e os resultados assumiam-se como ininterpretáveis. No entanto, após a aplicação de várias estratégias para encontrar uma estrutura estável e congruente, consideramos que a estrutura encontrada é adequada e coerente. Uma das razões que poderá justificar os desajustamentos inicialmente encontrados está relacionada com diferenças entre as populações. Com efeito, a criação deste instrumento e a seleção dos itens foram efetuados numa população de estudantes universitários Americanos (Lichtenstein & Cassidy, 1991), pelo que poderá ser possível que o comportamento psicométrico dos itens seja algo diferente em populações que se distinguem em termos culturais. Seja como for, estes aspetos não parecem ter afetado a validade dos resultados das escalas do PAAQ, os quais revelaram relações teoricamente coerentes entre si. Recordamos que para efeitos de AFE os itens foram organizados em subgrupos – subgrupo relativo às experiências precoces de vinculação; subgrupo relativo às representações mentais atuais e subgrupo relativo às consequências atuais da experiência precoce. Esta estratégia foi utilizada tendo em consideração o referencial teórico, pois sabemos que as experiências precoces de vinculação são importantes para os efeitos da organização da personalidade (Cassidy & Shaver, 2008). Uma vinculação segura/insegura, na infância, pode modelar aspetos do desenvolvimento psicossocial e da personalidade, como socialização, predisposições emocionais, curiosidade, autoestima, independência, cooperação e confiança. A vinculação poderá assumir, igualmente, um papel importante na organização da personalidade, uma vez que diversas características da personalidade podem ser influenciadas pela qualidade securizante da vinculação (Cassidy & Shaver, 2008). As experiências precoces relativas à qualidade sensível e insensível da prestação de cuidados contribuem também para o desenvolvimento de representações mais amplas relativas à acessibilidade e responsividade de um cuidador (1980, 1988, *cit. in* Cassidy & Shaver, 2008). O subgrupo relativo à representação atual acerca da vinculação respeita ao modo como a vinculação se encontra *organizada* atualmente (Stevenson-Hiden, 2007).

Relativamente aos índices de consistência interna encontrados no presente estudo podemos verificar que os mesmos vão de encontro a outros estudos efetuados com o instrumento, ainda que não tenham sido efetuados em Portugal. Na tabela abaixo pretende-se demonstrar os estudos efetuados com o instrumento, bem como os valores de consistência interna encontrados.

Tabela 5

*Comparação de Índices de Consistência Interna ( $\alpha$  de Cronbach) das dimensões do PAAQ - estudos efetuados com o instrumento.*

	PAAQ - amostra de estudantes; n= 247 (Lichtenstein & Cassidy, 2004 )	PAAQ - amostra de mães; n= 123 (Lichtenstein & Cassidy, 2004 )	PAAQ - amostra de mães grávidas; n=206 (Huth- Bocks <i>et al.</i> , 2004)	PAAQ - n= 69 pacientes com PAG; grupo de controlo, n=69 (Cassidy <i>et al.</i> , 2009)	PAAQ - versão portuguesa, amostra de jovens adultos; n= 601
AM	.87	.92	.92	.87	.86
REJ	.87	.91	.91	.89	.77
DES	.62	.51	.49	.41	.58
IP	.79	.69		.81	.76
VUL	.71	.76	.65	.81	.61
IEN	.70	.65		.63	.66
RAI	.80	.84	.79	.83	.71
SM	.90	.94	.93	.94	.89

*Nota.* AM = Amor; REJ = Rejeição; DES = Desvalorização; IP = Inversão de Papéis; VUL = Vulnerabilidade; IEN = Integração da Experiência Negativa; RAI = Raiva; SM = Sem memória.

Podemos então constatar que nesta versão portuguesa do PAAQ foi possível encontrar valores semelhantes aos encontrados noutros estudos, destacando-se pela positiva o valor de consistência interna na dimensão da Desvalorização ( $\alpha = .58$ ) que foi superior aos encontrados nos estudos de Lichtenstein e Cassidy (1991), de Huth-Bocks e colaboradores (2004) e de Cassidy e colaboradores (2009), uma vez que nestes o valor do *alfa de Cronbach* encontrado foi de .51, .49 e .41, respetivamente. Por outro lado, no presente estudo, quando comparado com os restantes, foram encontrados valores mais baixos de consistência interna nas dimensões da Raiva ( $\alpha = .71$ ), Vulnerabilidade ( $\alpha = .61$ ) e Rejeição ( $\alpha = .77$ ).

Na versão original (Lichtenstein & Cassidy, 1991) os itens estavam agrupados nas seguintes dimensões: Rejeição, 11 itens; Amor, 7 itens; Inversão de Papéis, 10 itens; Vulnerabilidade, 5 itens; Integração da Experiência Positiva, 7 itens; Raiva, 5 itens; Desvalorização 4 itens e Sem Memória, 4 itens. Na versão do presente estudo as dimensões e respetivo número de itens são os seguintes: Amor, 6 itens; Rejeição, 9 itens; Inversão de Papéis, 9 itens, Sem Memória, 4 itens; Integração da Experiência Negativa, 6 itens; Desvalorização, 6 itens; Raiva, 4 itens e Vulnerabilidade, 3 itens.

Como podemos observar a dimensão do Amor correlaciona negativamente com as dimensões da Rejeição, Desvalorização, Raiva e Sem Memória. Sendo a Rejeição a dimensão contrária ao Amor, a teoria sugere que é possível que os sujeitos que

vivenciam experiências precoces de rejeição possam, ao longo do seu desenvolvimento, ter tendência para desenvolver sentimentos de medo de serem rejeitados no futuro (Cassidy *et al.*, 2009) podendo, igualmente, levar a sentimentos de desvalorização, uma vez estes sujeitos negam a necessidade de vinculação, essencialmente, por medo de serem rejeitados (Bartholomew & Horowitz, 1991 cit. in Cabral, 2011). Freud (1896, cit. in Cassidy *et al.*, 2009) propôs que a perda de memória dos adultos relativamente à vinculação poderá ter uma associação com eventos traumatizantes que advém da infância e que as experiências positivas são mais suscetíveis de serem lembradas, comparativamente com as negativas, daí os resultados de correlação negativa entre a dimensão do Amor e da dimensão Sem Memória do PAAQ. Por outro lado as dimensões da Raiva, Rejeição e Sem Memória, correlacionam-se positivamente entre si, uma vez que há uma maior tendência para lembrar experiências adversas do que aspetos ténues do quotidiano (Paivio, 2011). Desta combinação de correlações as dimensões da Inversão de Papéis, Vulnerabilidade e Integração da Experiência Negativa não correlacionam do mesmo modo com todas sugerindo que se comportam de forma independente, uma vez que apesar de se terem verificado algumas correlações, tal como descrevemos no ponto 4 (do capítulo V), as mesmas são de uma magnitude baixa.

Nas análises estatísticas relativas à validade de construto do PAAQ, foram correlacionadas as dimensões deste com as dimensões e construtos avaliados recorrendo a outros instrumentos, como o QVPM, QVA e ACE cuja natureza permitisse reunir evidências de validade concorrente, no primeiro caso e, convergente nos dois restantes.

O QVPM (Gouveia & Matos, 2011; Matos & Costa, 2011) é um instrumento que pretende avaliar a qualidade atual da vinculação dos respondentes aos seus pais, contando com uma dimensão positiva (Qualidade do Laço Emocional) e com duas dimensões negativas (Ansiedade de Separação e Inibição da Exploração da Individualidade). É esperado que sujeitos com baixos níveis de Qualidade Emocional e com elevados níveis de Ansiedade de Separação e Inibição da Exploração da Individualidade tenham uma vinculação pautada por uma maior insegurança e, conseqüentemente, percepções negativas das experiências e interações precoces de vinculação com as figuras de vinculação primárias. Sendo de esperar o contrário para sujeitos com níveis reduzidos de Qualidade de Laço Emocional e elevados de Inibição da Exploração e Individualidade e/ou Ansiedade de Separação. Assim, seria de esperar que as dimensões positivas do PAAQ (Amor e Integração da Experiências Negativa) se correlacionassem negativamente com as dimensões do QVPM. Efetivamente, de um modo geral, as dimensões positivas do PAAQ correlacionaram-se positivamente com a Qualidade do Laço Emocional e negativa com a Inibição da Exploração e Individualidade

avaliadas pelo QVPM, demonstrando que as percepções positivas das experiências precoces de vinculação estão associadas a uma maior segurança e proximidade emocional na relação atual com os pais. De resto, o contrário também se verifica, pois as dimensões negativas do PAAQ, nomeadamente Rejeição, Desvalorização, Raiva e Sem Memória, revelam uma correlação negativa com a Qualidade do Laço Emocional e positiva com a Inibição da Exploração e Individualidade. Estes resultados apontam para a importância das experiências precoces de vinculação e seu impacto nas relações futuras com as figuras de vinculação (Allen, 2008; Bowlby, Robertson & Rosenbluth, 1952 *cit. in* Stevenson-Hinde, 2007; Watters & Cummings, 2000 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008), permitindo ainda reunir evidência de validade de construto e/ou concorrente.

O QVA (Matos, Cabral & Costa, 2008) é um instrumento que tem como objetivo avaliar a qualidade da relação estabelecida entre o sujeito e o seu par amoroso. Conta com uma dimensão positiva (Confiança) e com três dimensões negativas (Dependência, Evitamento e Ambivalência). Atendendo aos pressupostos de Hazan e Shaver (1987 *cit. in* Fraley & Shaver, 2000) ao organizarem hipóteses onde ocorra a *ponte* entre a natureza e as dinâmicas relacionais existentes entre as relações parentais e as relações amorosas no jovem e adulto, verifica-se que em analogia com a criança, o adulto apresenta sentimentos de segurança e confiança na exploração do ambiente, quando o seu par amoroso é percebido como acessível e fonte de segurança. Em contraposição, em situações de ameaça, quando não é possível *confiar* na acessibilidade e/ou *responsividade* do companheiro, a experiência de ansiedade e insegurança aumenta. Em suma, pode igualmente estabelecer-se um paralelismo entre os laços românticos na adultícia e os laços emocionais da infância com os primeiros cuidadores (Shaver, Hazan & Bradshaw, 1988, *cit. in* Mikulincer & Shaver, 2007). Assim, a dimensão do Amor correlacionou-se de forma positiva com a dimensão da Confiança e de forma negativa com as dimensões do Evitamento e Ambivalência, indicando que os sujeitos com experiências precoces de vinculação traçadas por uma vinculação segura com as suas figuras de vinculação (pais), têm também uma maior probabilidade de vivenciarem relações amorosas com o seu parceiro baseadas na confiança. No caso das dimensões negativas do PAAQ seria de esperar que fossem encontradas correlações negativas com a dimensão da Confiança e positivas com as dimensões da Dependência, Evitamento e Ambivalência, o que aconteceu na generalidade dos casos. Destaca-se a correlação existente entre a dimensão Desvalorização do PAAQ e a dimensão Evitamento do QVA, que sugere que os sujeitos que tendem a ter atitudes de desvalorização face à vinculação com as figuras parentais tendem a manifestar esta atitude também nas relações com outras figuras, nomeadamente para com o par amoroso. Estes resultados permitem perceber a relativa estabilidade ao longo do ciclo vital (Kagan, 1980 *cit. in* Matos, 2002) e

o caráter relativamente estável dos *modelos internos dinâmicos* (Bowlby, 1988, *cit. in* Maia & Veríssimo, 2011). Os resultados permitem ainda sustentar a validade de construto de tipo convergente do PAAQ.

Com o propósito de continuarmos a analisar a validade de construto do PAAQ, reportamo-nos de seguida à discussão relativa às correlações obtidas com o instrumento ACE (Pinto & Maia, 2013). O ACE é um instrumento que permite avaliar as experiências adversas vivenciadas na infância, no caso do presente estudo, com as figuras prestadoras de cuidados primários e/ou de vinculação parental. Importava assim estabelecer uma associação entre experiências precoces de adversidade na relação, em criança e/ou adolescente, com os cuidadores primários e experiências negativas de vinculação nas relações estabelecidas com as mesmas figuras, pelo que seriam de esperar correlações negativas entre as dimensões positivas do PAAQ, nomeadamente o Amor, e as dimensões do ACE integradas no estudo – Negligência Emocional, Negligência Física, Abuso Emocional e Abuso Físico. Eram ainda esperadas correlações positivas entre as dimensões negativas do PAAQ e as dimensões do ACE. Efetivamente foram claras as correlações negativas entre a dimensão do Amor (PAAQ) e todas as dimensões do ACE, indicando que os sujeitos que vivenciaram experiências adversas precoces têm tendência para ter uma perceção negativa das relações estabelecidas na infância e como tal tendencialmente apresentam uma maior probabilidade de vinculação insegura. Quando as figuras de vinculação se mostram pouco responsivas e pouco acessíveis poderá ocorrer o desenvolvimento de uma vinculação insegura, que por sua vez, poderá acarretar dificuldades de regulação emocional ou de integração interpessoal (Ainsworth *et al.*, 1978; Bowlby, 1973 *cit. in* Matos, 2002). Paralelamente, as dimensões negativas do PAAQ, características de uma vinculação insegura correlacionaram-se positivamente com todas as dimensões do ACE. Estes resultados sugerem que crianças que crescem num ambiente familiar estável, previsível e não adverso têm maior probabilidade de desenvolver uma vinculação segura com os seus cuidadores (Matos, 2002) aquelas que crescem em ambientes instáveis, pautados por experiências de negligência e violência, têm uma maior probabilidade que lhes experienciar precisamente o contrário. Um dado interessante a ter em consideração é o facto de a dimensão Raiva ter correlações mais expressivas com a Negligência Emocional do que com a o Abuso Físico, sugerindo que as experiências adversas precoces de Negligência Emocional podem ter como consequência experiências tão ou mais acentuadas de raiva do que as experiências de Abuso Físico. Estes resultados permitem ainda reunir evidência de validade de construto de tipo convergente.

Foram muitas as questões que ficaram sem resposta neste trabalho e daí emerge a essência de toda a investigação científica em psicologia.



Ainda que este trabalho represente um contributo importante para a avaliação das perceções dos adultos acerca das suas experiências precoces de vinculação e respetivo impacto nas representações atuais (*current state of minds*) acerca da mesma, existem limitações ligadas a aspetos teóricos e metodológicos que devem ser examinados. É importante equacionar, através dessas limitações, pistas para investigações futuras, como veremos mais adiante. Passam agora a enumerar-se as principais limitações deste estudo.

- No processo de afinamento dos itens a incluir na versão portuguesa do PAAQ, ainda que se tenham solicitado sugestões a duas especialistas na área e apesar de se ter efetuado a reflexão falada junto de dois grupos de estudantes universitários (para fornecerem a sua opinião acerca das instruções de preenchimento e do próprio conteúdo dos itens), pode-se assumir que estes procedimentos poderiam ter sido complementados, nomeadamente através de um estudo piloto.

- Embora sendo de conveniência, procurou-se garantir a maior representatividade possível da população de jovens adultos, ao nível da amostra, abrangendo esta vários cursos e várias idades, bem como participantes estudantes e não estudantes, trabalhadores e não trabalhadores. Mais ainda, a recolha de dados decorreu em duas regiões geográficas: Viseu e Porto. Ainda assim, note-se que a amostra, sendo de conveniência, tem limitações óbvias em termos de representatividade.

- A amostra estendeu-se apenas a jovens adultos, a maioria universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos, podendo ser interessante estudar resultados em outras amostras (e.g., adultos).

- Há reconhecidas limitações inerentes à utilização de instrumentos de auto-relato, sendo de esperar enviesamentos nas respostas, neste caso em concreto, inclusivamente devido à extensão do protocolo. No entanto, tal como já foi referido, tal situação foi tida em conta, uma vez que foram efetuadas várias versões do protocolo, com ordens distintas, de modo a não *saturar* negativamente sempre o mesmo questionário caso estivessem sempre na mesma ordem.

- Optou-se por efetuar os estudos de AFE apenas para uma figura de vinculação, neste caso a mãe, embora o instrumento adaptado tenha sido pensado para incluir o pai. Pelo que, este estudo carece de mais investigações nomeadamente no que diz respeito ao pai como figura de vinculação.

- Relativamente aos resultados dos estudos de consistência interna podemos afirmar que não são tão positivos como o esperado, principalmente para as dimensões da Desvalorização, Vulnerabilidade e Inversão de Papéis, evidenciando estas alguma fragilidade. Em parte pensamos que devido ao conteúdo de determinados itens, por

poderem revelar ambiguidade e como consequência urge a importância em firmá-los numa consistência interna elevada.

- Por fim, o que pode constituir uma limitação do estudo, pode igualmente ser uma das suas potencialidades. Analisaremos primeiramente a limitação: o facto de existir pouco material relativo aos estudos efetuados com o PAAQ - versão original (EUA), material que é escasso e confuso, existindo ainda poucos estudos a usar o instrumento e ainda menos ou nenhum a testar as suas qualidades psicométricas, à excepção da consistência interna. Analisando esta situação por outro prisma podemos considerar que este instrumento constitui efetivamente uma inovação na investigação da vinculação na adolescência, jovem adultícia e/ou adultícia.

Tal como referíamos as limitações de um estudo são um *alicerce* para a construção de novas investigações na área, pelo que deixamos as seguintes sugestões:

- Replicação dos estudos de AFE e a esta acresce a necessidade de uma análise fatorial confirmatória e, uma vez que o instrumento foi adaptado para avaliar as experiências precoces relativas a duas figuras de vinculação, considera-se que estas análises devem abarcar os resultados para a figura materna e paterna.

- Sugerimos ainda que nas próximas investigações sejam feitas algumas alterações no instrumento principalmente na instrução relativa ao “Não se aplica”, por considerarmos que esta instrução dificulta a compreensão do preenchimento do mesmo por parte dos sujeitos e resulta num elevado número de valores omissos.

- Sugerimos ainda a reformulação de alguns dos itens que foram eliminados - itens 35 e 6 da parte I; itens 8 e 14 da parte II -, por considerarmos que ao serem alvo de modificação poderão ser importantes para avaliar os construtos que pretendem avaliar.

- Estudo de validade preditiva (acompanhar adolescentes pela aplicação do PAAQ e averiguar quais deles se evidenciam como adultos com problemas sociais/comportamentais na adultícia e como forma de avaliar a reorganização que os sujeitos vão realizando no que diz respeito à vinculação.

## CONCLUSÃO

Do que foi exposto ao longo deste trabalho, cujo objetivo era a adaptação do instrumento para uma população de jovens adultos e testagem preliminar das suas qualidades psicométricas, facilmente se deduz que todo o processo de tradução e adaptação do PAAQ (Lichtenstein & Cassidy, 1991) para uma amostra de jovens adultos da população portuguesa foi longo e moroso, envolvendo várias etapas para chegar a uma versão final. Após o desenvolvimento da versão final para a investigação e depois de definir e recolher os dados junto da amostra definida, seguiram-se as tarefas de inserção de dados e posterior preparação da base de dados para as análises estatísticas subsequentes.

O objetivo da testagem das suas qualidades psicométricas prende-se com o facto de pretendermos viabilizar a sua utilização na avaliação das dimensões da vinculação, confiando nos resultados obtidos, sendo para tal essencial que estes reúnam evidências de fiabilidade e validade.

Nos capítulos iniciais foi efetuado o enquadramento conceptual que consideramos importante abordar de modo a desenvolver uma base teórica capaz de suportar as análises subsequentes. Neles são abordados os aspetos centrais da teoria da vinculação para posteriormente nos centrarmos em aspetos mais importantes para este estudo, nomeadamente as questões relativas à avaliação da vinculação na idade adulta, sabendo que nesta etapa existe um *salto* daquilo que são os comportamentos de vinculação observados na infância, para a avaliação das representações mentais (*state of mind*) na adultícia.

Posteriormente foram abordados os aspetos metodológicos, sendo debatidas as questões inerentes relativas a dificuldades que foram surgindo, nomeadamente no que diz respeito à exclusão de itens, procedimento que se tenta, na medida do possível, evitar. Conscientes do alerta dado por Moreira (2004, p. 141) para a “Impossibilidade de encontrar para qualquer item uma redação perfeita e que elimine qualquer hipótese de má interpretação”, consideramos que nesta adaptação foram usadas as várias estratégias necessárias para prevenir estas situações, uma vez que foram seguidos os passos metodológicos inerentes aos procedimentos de adaptação de um instrumento, a fim de se alcançar a versão final do PAAQ. Pensamos que o questionário tem uma linguagem acessível, simples e de fácil compreensão. Ainda assim, atendendo aos resultados haverá que questionar a interpretabilidade de alguns dos itens e isto poderá estar relacionado com o facto de a vinculação ser um construto que pode ter diversas interpretações, que tem uma imensa quantidade de variáveis passíveis de medição e que, por isso, poderá ser um consideravelmente mais subjetivo. Efetivamente as

temáticas abordadas podem ser muito diversificadas estendendo-se ao longo de “todo o espectro das relações humanas” (Faria *et al.*, 2007, p. 140).

Debruçamo-nos sobre a análise dos itens do PAAQ e no que diz respeito aos estudos de estatística descritiva (e.g., média e desvio-padrão e distribuição de frequências), os resultados são congruentes com o expectável: valores mais elevados para os itens referentes a dimensões positivas da vinculação (e.g. Amor) em comparação com as negativas (e.g. Raiva).

Embora no instrumento conste uma coluna para os sujeitos classificarem a sua relação com outra figura de vinculação além da materna, nomeadamente o pai, no presente estudo apenas foram usados os dados referentes à mãe. Esta escolha teve na sua base o facto de na versão original constar apenas uma figura de vinculação – a mãe. Paralelamente, apesar de ter sido demonstrada a importância da vinculação com o pai em vários estudos (Ainsworth, 1967, Bowlby, 1969/1982; Maia & Veríssimo, 2007/2011; van IJzendoorn & De Wolff, 1997 *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008;) considera-se ainda assim a figura materna é, regra geral, uma *referência* central das experiências de vinculação na infância. Note-se que a associação entre a sensibilidade paterna e a segurança da vinculação é mais fraca, quando comparada com a associação com a sensibilidade materna (van IJzendoorn & De Wolff, 1997, *cit. in* Monteiro *et al.*, 2008).

Os resultados de estatística descritiva obtida foram complementados com estudos de sensibilidade dos itens, AFE, consistência interna e correlações com outros instrumentos, servindo de suporte à versão final do PAAQ.

Estes estudos são de carácter preliminar e para validar o instrumento serão necessários muitos mais estudos, de modo a ser possível efetuar generalizações de resultados. Apesar dos resultados do presente trabalho serem animadores, quando comparados com os resultados obtidos pelos outros estudos, o trabalho reproduz apenas um pequeníssimo passo na direção de uma avaliação das representações precoces da vinculação na adolescência e adultícia.

Do que ficou descrito nos capítulos anteriores, é possível concluir que a versão Portuguesa do PAAQ apresentada neste estudo é capaz de fornecer dados válidos em relação às dimensões da vinculação de jovens adultos e adultos em relação às percepções que possuem acerca das suas experiências precoces de vinculação, bem como acerca das suas representações mentais atuais. Essa qualidade dos dados fornecidos é efetivada por numerosos aspetos. Em primeiro lugar, porque apesar de inicialmente se terem verificado algumas incongruências, no final foi possível encontrar uma estrutura fatorial clara e coerente, tendo esta reproduzido o modelo teórico de partida. Em segundo lugar, pelos elevados valores encontrados para os índices de

consistência interna em cada dimensão e pelas correlações encontradas com os outros instrumentos.

Os resultados obtidos e discutidos com os pressupostos teóricos subjacentes, demonstram que o PAAQ constituiu um instrumento com qualidades psicométricas aceitáveis e que possui potencialidades para se poder vir a afirmar como um instrumento importante na avaliação da vinculação na idade adulta.

Apesar de terem surgido dificuldades pensamos que as mesmas foram ultrapassadas e, nesta fase final, podemos referir que apesar de moroso foi um trabalho enriquecedor em termos pessoais como profissionais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allen, J. (2008). The Attachment System in Adolescence. In Cassidy, J. & Shaver, P. (Ed.), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications*. New York: The Guilford Press (2ª ed.).
- Almeida, L., & Freire, T. (2008). *Metodologias de investigação em psicologia e educação* (5ª Ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Assunção, R. (2009). *Associação entre vinculação parental e amorosa: o papel da competência interpessoal e da tomada de perspectiva*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Barbosa, R.; Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). As relações de vinculação e a imagem corporal: exploração de um modelo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27, 273-282. Sem doi.
- Bartholomew, K., & Horowitz (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Borsa, J.C., Damásio, B. F., & Bandeira, D. R. (2012). Adaptação e Validação de Instrumentos Psicológicos entre Culturas: algumas considerações. *Paidéia*, 22 (53), 423-432. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-43272253201314>.
- Cabral, J. (2011). *Vinculação, desenvolvimento psicossocial e adaptação à universidade. Dinâmicas de regulação emocional e coping*. Manuscrito não publicado, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Canavarro, M., Dias, P., & Lima, V. (2006). A avaliação da vinculação do adulto: uma revisão crítica a propósito da aplicação da Adult Attachment Scale-R (AAS-R) na população portuguesa, 20, 155-186.
- Carvalho, H. (2011). *À procura da base segura, contributos da história profissional e desenvolvimental dos psicoterapeutas*. Manuscrito não publicado, Dissertação de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.

- Cassidy, J., Phelps, J., Sibrava, N. J., Thomas, C.L. Jr, & Borkovec, T. (2009). Generalized anxiety disorder: connections with self-reported attachment. *Behavior Therapy*, 40, 23-38.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e Humanas: teoria e prática*. Coimbra: Almedina.
- Crowell, J., Fraley, C., & Shaver, P. (2008). Measurement of individual differences in adolescence and adult Attachment. In Cassidy, J., & Shaver, P. (Ed.), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications*. New York: The Guilford Press (2ª ed.).
- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In Soares, I. (Coord), *Relações de Vinculação ao longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3ª Ed.). London: Sage Publications.
- Fraley, R., & Shaver, P. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4, 132-154. doi: 10.1037//1089.4.2.132.
- Gouveia, T. & Matos, P.M. (2011). Manual QVPM – Questionário de vinculação ao Pai e à mãe. Retirado em 10 de agosto de 2013, em <https://sites.google.com/site/manualqvpm/>.
- Gudmundsson, E. (2009). Guidelines for translating and adapting psychological instruments. *Nordic Psychology*, 61 (2), 29-45. doi: 10.1027/1901-2276.61.2.29.
- Hemphill, J. F. (2003). Interpreting the magnitudes of correlation coefficients. *American Psychologist*, 58, 78-79. doi: 10.1037/0003-066x.58.1.78.
- Hesse, E. (2008). The Adult Attachment Interview: Protocol, method of analysis, and empirical studies. In Cassidy, J., & Shaver, P. (Ed.), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications*. New York: The Guilford Press (2ª ed.).
- Huth-Bocks, A., Levendosky, A., Bogat, A., & von Eye, A. (2004). The impact of maternal characteristics and contextual variables on infant-mother attachment. *Childe Development*, 75, 480-496. Sem doi.
- International Test Commission (2010). International Test Commission Guidelines for Translating and Adapting Tests. <http://www.intestcom.org>.

- Moreira, J.M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., . Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino M. (2006). Experiências em relações próximas, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4(1): 3-27. ISPA.
- Jongenelen, I. (2004). *Vinculação em mãe adolescentes e seus bebês: da matriz relacional à matriz contextual*. Manuscrito não publicado, Dissertação de Doutoramento, Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho, Braga.
- Jongenelen, I., Carvalho, M.; Mendes, T., & Soares, I. (2007). Vinculação na adolescência. In Soares, I. (Coord), *Relações de Vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Kline, R. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3ª. Ed). New York: The Guilford Press.
- Maia, J., & Veríssimo, M. (2011). Teoria da vinculação: o salto do comportamento para o nível da representação. *Psicologia, Educação e Cultura*, 15, 380-393.
- Maia, J. (2011). *Emergência narrativa e segurança das representações de vinculação no período pré-escolar*. Manuscrito não publicado, Dissertação de Doutoramento, ISPA, Lisboa.
- Marôco, J. (2007). *Análise Estatística com a utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Marôco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS Statistics*. ReportNumber.
- Matos, P. M. (2002). *(Des)continuidades na vinculação aos pais e ao par amoroso em adolescentes*. Dissertação de doutoramento, Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto.
- Matos, P. M., Barbosa, S., & Costa, M. E. (2001). Avaliação da vinculação amorosa em adolescentes e jovens adultos: construção de um instrumento e estudos de validação. *RIDEP*, 11, 93-109.
- Mendes, T., Soares, I., Jongenelen, I., & Martins, C. (2011). Mães adolescentes: adaptação aos múltiplos papéis e a importância da vinculação. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24, 309-317. doi: [http://dx.doi.org/10.1590/S0102\\_79722011000200012](http://dx.doi.org/10.1590/S0102_79722011000200012).



- Mikulincer, M., & Shaver, P.R. (2007). Measurement of attachment-related. Constructs in adulthood. In Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (Ed.). *Attachment in adulthood – structure, dynamics, and change* (85-115). New York: Psychology.
- Monteiro, L. (2007). *Análise do Fenómeno em contexto familiar: A Especificidade das relações criança/mãe e criança/pai*. Dissertação de doutoramento, Manuscrito não publicado, ISPA, Lisboa.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B., Santos, A., & Bost, K. (2008). Secure base representations for both fathers and mothers predict children's secure base behavior in a sample of portuguese families. *Attachment & Human Development*, 10, 189-206. doi: [http:// dx.doi.org/10.1080/14616730802113711](http://dx.doi.org/10.1080/14616730802113711).
- Moreira, J. M. (2004). Questionários: Teoria e prática. Coimbra: Almedina.
- Paivio, S. C. (2001). Stability of retrospective self-reports of child abuse and neglect and after therapy for child abuse issues. *Child Abuse & Neglect*. 25, 1053-1068. doi:10.1016/S0145-2134(01)00256-3.
- Pinto, R. & Maia, A. (2013). Psychopathology, physical complaints and health risk behaviors among youths who were victims of childhood maltreatment: a comparison between home and institutional interventions. *Children and Youth Services Review*, 35, 603-610. Sem doi.
- Sattler, J. M., & Hoge, R. D. (2006). Basic statistical and psychometric constructs. In *Assessment of children: Behavioral, social, and clinical foundations*, (5th ed., pp. 33-52). San Diego, CA: Jerome M. Sattler.
- Silva, S., & Maia, A. (2008). Versão Portuguesa do Family ACE Questionnaire (Questionário de História de Adversidade na Infância). In Noronha, A., Machado, C., Almeida, L., Gonçalves, M., Martins, S., & Ramalho, V. (Coord.), *Actas da XIII Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*. Braga: Psiquilíbrios.
- Silva, S., & Maia, A. (2010). Experiências adversas na infância e tentativas de suicídio em adultos com obesidade mórbida. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul – APRS*, 32, 69-72. Sem doi.
- Soares, I. (2007). Desenvolvimento da teoria e da investigação da vinculação. In Soares, I. (Coord), *Relações de Vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.

- Soares, I.; Martins, E. & Terreno, S. (2007). Vinculação na infância. In Soares, I. (Coord), *Relações de Vinculação ao longo do Desenvolvimento: Teoria e Avaliação*. Braga: Psiquilíbrios.
- Solomon, J. & George, C. (2008). The Measurement of attachment security and related constructs in infancy and early childhood. In Cassidy, J., & Shaver, P. (Ed.), *Handbook of attachment. Theory, research, and clinical applications*. New York: The Guilford Press (2ª ed.).
- Soufre, A. (2005). A prospective, longitudinal study from birth to adulthood. *Attachment & Human Development*, 7, 349-367.  
doi:<http://dx.doi.org/10.1080/14616730500365928>.
- Stevenson-Hinde, J. (2007). Attachment theory an Jonh Bowlby: some reflections. *Attachment & Human Development*, 9, 337-342. doi:  
<http://dx.doi.org/10.1080/14616730701711540>.
- Thompson, R. A. (2008). Early attachment and later development. In Cassidy, J. & Shaver, P.R. (Ed.). *Handbook of attachment – Theory, research and clinical applications* (265-286). New York: Psychology.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1:** CONSENTIMENTO INFORMADO PARA AS INSTITUIÇÕES

**ANEXO 2:** CONSENTIMENTO INFORMADO PARA OS PARTICIPANTES

**ANEXO 3:** QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO (QSD)

**ANEXO 4:** PERCEPTIONS OF ADULT ATTACHMENT QUESTIONNAIRE (PAAQ)

**ANEXO 5:** ROTEIRO PARA A REFLEXÃO FALADA

**ANEXO 6:** TABELAS RELATIVAS À ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA DO PAAQ